

COLEÇÃO  
ELEONORE  
KOCH



# LEILÃO DE ARTE

12 de Novembro de 2018







# LEILÃO DE ARTE

São Paulo, 12 de Novembro de 2018

## ■ LEILÃO DIA 12 DE NOVEMBRO ÀS 20:30H

Rua Dr. Melo Alves, 397 - Cerqueira Cesar  
CEP: 01417-010 - São Paulo - SP  
(serviço de manobrista no local)

Para participar online faça já o seu cadastro através do nosso site [www.leilaodearte.com](http://www.leilaodearte.com)

É necessária a aprovação prévia do seu cadastro até 24h antes do leilão.

### LANCES PRÉVIOS

Por telefone ou e-mail  
[lisboa@leilaodearte.com](mailto:lisboa@leilaodearte.com)

### LANCES POR TELEFONE

Cadastro prévio até as 18h do dia do Leilão  
Tel (11) 3061-3155  
(11) 3578-5919

*No dia do pregão as obras serão apresentadas somente por projeção, a apreciação física das mesmas poderá ser feita durante a exposição.*

*Não é de responsabilidade do Leiloeiro qualquer problema referente à falha de sistema, cadastro, manutenção de conexão com internet, ou outros relacionados, que por ventura venham a ocorrer no momento da licitação e que impeçam o USUÁRIO do sistema online de participar do leilão.*

### EXPOSIÇÃO

05 à 11 de Novembro das 10h às 19h  
12 de Novembro das 10h às 17h  
Rua Dr. Melo Alves, 397 - Cerqueira Cesar  
Tel.: 11 3578-5919 | 3061-3155

## LEILÃO ONLINE

Para participar online faça já o seu cadastro através do nosso site [www.leilaodearte.com](http://www.leilaodearte.com)

É necessária a aprovação prévia do seu cadastro até 24h antes do leilão.

O pregão acontecerá exclusivamente na plataforma online a partir das 16h, após o início do leilão cada lote terá um intervalo de 30 segundos para outro arrematante cobrir o lance, consecutivamente. Após o término desse intervalo o lote será encerrado.

[www.leilaodearte.com](http://www.leilaodearte.com) 

 @jameslisboaarte  
 /jameslisboaleiloes





Eleonore Koch  
**Foto:** Luciano Momesso

# LEMBRANDO DE LORE

Paulo Venancio Filho

- Quem?
- Eleonore Koch.
- Não sei quem é.
- Trata-se de um livro e ela quer que você escreva o texto.
- Ela me conhece?
- Sim.
- Então é melhor que eu conheça o trabalho dela, não?

Foi mais ou menos assim, num telefonema, que soube da existência de Lore<sup>1</sup>. Ela sabia de mim antes que eu soubesse dela - uma total inversão de valores. Consultei algumas pessoas e elas também não tinham ideia de quem fosse Eleonore Koch. Muito mais tarde vim a descobrir que pessoas da minha proximidade tinham convivido com ela de uma forma ou de outra, ou melhor, convivido antes com a pessoa do que com a pintora; a então secretária do escritório de design de Aloísio Magalhães no Rio de Janeiro dos anos 60. Mas, sendo eu uma pessoa do ramo, como poderia desconhecer Lore? Fui aos poucos descobrindo que ela era conhecida de poucos, não um segredo, mas quase.

Fui para São Paulo e cheguei naquele conjunto horizontal de sobradinhos dos anos 30/40, meio pré Bauhaus, Rua Iraquitã 54. Agora, vendo uma foto do pai frente à casa, vejo que Lore, depois de andanças pelo mundo, acabou indo morar na casa de sua infância, o que, sendo filha de mãe psicanalista, talvez a psicanálise explique ou interprete.

Ela abriu a porta. Estávamos, desconhecidos, um diante do outro; ela uma senhora de olhos claros que emitiam uma quieta ansiedade, vestida com apuro e sobriedade europeia. Levou-me pela escada para seu quarto-ateliê, meticulosamente arrumado, os pigmentos no armário, alguns quadros nas paredes, livros na estante, uma bandeja com café, e logo percebi que ali não mais se trabalhava. O quarto emanava a calma ordenada de uma obra que tinha se encerrado. Ali conversamos horas e horas, nas diversas vezes que fui a São Paulo encontrá-la. Vivendo um tanto isolada, Lore tinha uma avidez por qualquer assunto que tivesse a ver com arte – me deu um livro de um crítico contemporâneo, Craig Owens, do qual mal havia ouvido falar na época. Perguntava sobre a atualidade, comentava, se surpreendia e ria. Lore nasceu em Berlin, de família berlinense. Dizem que os berlinenses tem um humor peculiar, uma *wit* muito característica para usar a palavra inglesa.

<sup>1</sup>Devo a Orandi Momesso o conhecimento de Lore.



Contou-me esta estória: ela e David Hockney estavam expondo em galerias na mesma rua em Londres, deixou então para ele um bilhete comentando a coincidência da proximidade e convidando-o para ver sua exposição; Hockney respondeu com outro bilhete: “Será um prazer ver a sua, mas ainda não vi a minha”, e ela ria. Em outras estórias contava dos casos bizarros que testemunhou como tradutora da Scotland Yard em tribunais londrinos, sem se dar conta de que mais bizarro ainda era ser pintora trabalhando para a polícia inglesa!

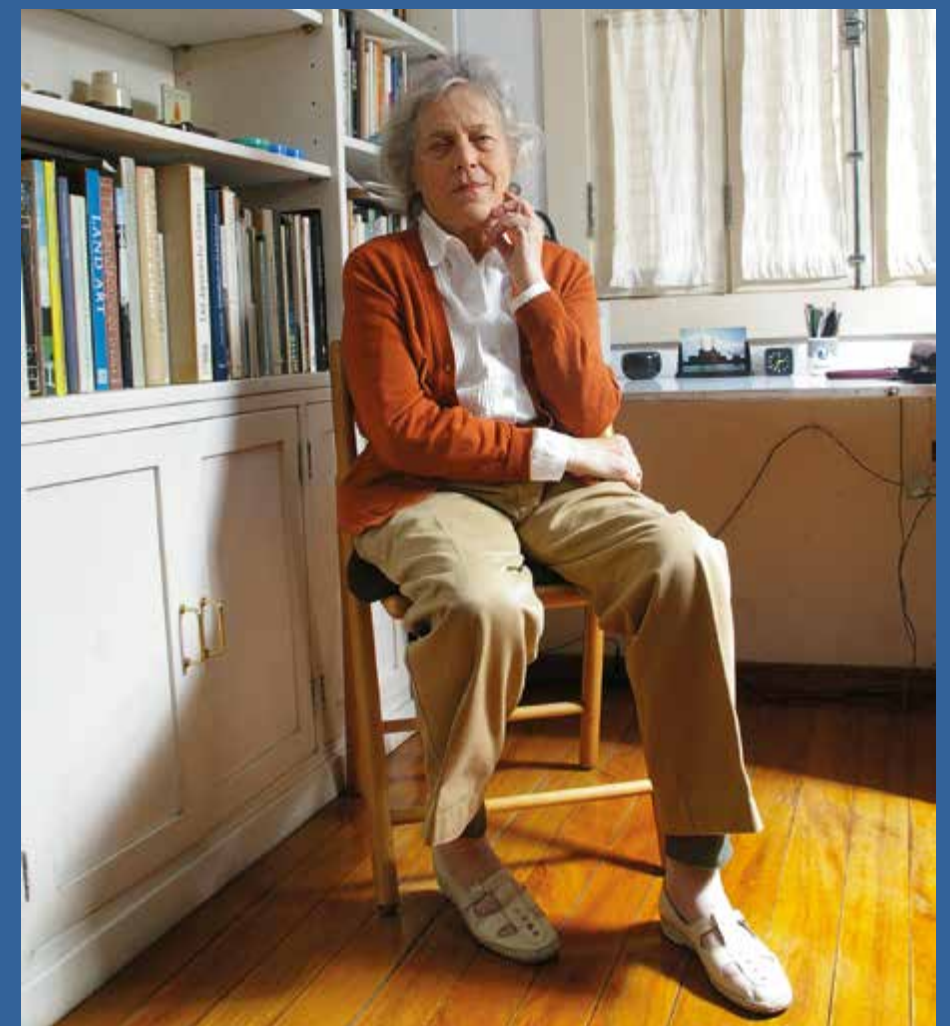
Teve uma vida peculiar. Bonita, excepcionalmente bonita quando jovem, de uma beleza levemente triste e, portanto, atraente, nunca se casou. Vez ou outra deixava entrever seus *affairs*, sem se alongar; a vida privada não era assunto. Algumas vezes fui visitá-la com o pintor Fábio Miguez e nós dois percebíamos como ela se sentia ligeiramente *flattered* com a nossa presença.

Sua grande admiração era Volpi. Não dizia com todas as palavras, mas percebia-se que sem Volpi não seria a artista que foi. Entretanto, creio, seu trabalho só se torna verdadeiramente seu quando se afasta da proximidade geográfica de Volpi. Começa no Rio de Janeiro, depois em Londres e em viagens pelo mundo, Egito, Estados Unidos. Ela mesma dizia que se sentindo estranha ao lugar, sua percepção se tornava mais intensa, definida, sintética; as características definidoras de sua sua pintura. De certa forma ela transplantou a experiência volpiana para outros climas e ambientes.

Sua personalidade tinha também um lado irascível. Lore era terrível, diziam algumas pessoas, e com razão. Falava mal de uns, exigia coisas impossíveis, desfazia compromissos em dar qualquer justificativa, intolerável. Certa vez ultrapassamos o ponto do rompimento irremediável, e ainda assim voltava a telefonar e conversava como se nada tivesse acontecido. Isso comigo e com alguns outros seus amigos. Não era insegura, sabia perfeitamente o valor de seu trabalho, daí, talvez, certo ressentimento da falta de reconhecimento que, todavia, tinha dificuldade de aceitar nos termos que não fossem os seus. Esse um grande problema. Em nossos últimos encontros conversávamos sobre uma retrospectiva então agendada - tão necessária e ainda não realizada -, visitei colecionadores, fiz uma lista preliminar de obras, esbocei ideias para um texto e na undécima hora ela deu para trás. Ninguém estranhou. Era típico de Lore.

Lembro-me da sua voz, do seu carregado sotaque alemão, mas firme como sempre, mesmo já bastante adoentada, tratando de como dispor seus bens e suas obras. Num último encontro novamente nos desentendemos “amigavelmente”. Sabia que não ia mais vê-la. Tive a notícia de sua morte por um ou dois jornalistas que me ligaram pela manhã; ao final do dia me liga sua cuidadora me dando a notícia que já sabia – eu que a vi apenas duas vezes me perguntei como ela conseguiu meu nome e telefone? E pensei; é a Lore.

Teria feito um bem a ela ver sua obra reunida numa exposição. Ela teria se reconhecido e visto sua obra reconhecida. Pode até ser; mas com a Lore nunca se podia ter certeza.



Eleonore Koch  
**Foto:** Luciano Momesso



Na saída do Curso de Modelo Livre do Museu de Arte, Formam-se grupos e as discussões vão terminar junto a um banco naPraça da República. Da esquerda para a direita: Kitty Weiss, Eleonore Koch, Marcelo Grassmann, Amelia Martins, Otavio Araújo e Aldemir MArtins, 1948.

**Foto:** Arquivo da Família



**1** ELEONORE KOCH  
*Cartaz da Exposição na  
Galeria de Arte São Luís*  
61 x 31 cm  
offset sobre papel



**2** ALFREDO VOLPI  
*Cartaz de Exposição na Petite Galerie*  
66 x 43 cm  
offset sobre papel  
assinado



**3** ALFREDO VOLPI  
*Bandeirinhas*  
70 x 50 cm  
serigrafia sobre papel  
ass. inf. dir.  
Exemplar P.A.



**4** RUBEM VALENTIM  
*Sem Título*  
62 x 43 cm  
serigrafia sobre papel  
ass. inf. dir.  
1976  
Exemplar P.A.



**5** RUBEM VALENTIM  
*Sem Título*  
70 x 50 cm  
serigrafia sobre papel  
ass. inf. dir.  
1969  
Exemplar nº 63/300.





6 MORONI  
*Figura Feminina*  
37 x 30 cm  
óleo sobre tela  
ass. no verso



7 ANA MARIA PACHECO  
*Sem Título*  
63 x 56 cm  
pastel sobre papel  
ass. inf. dir.



8 PAUL RUEGG  
*Paisagem*  
13 x 18 cm  
aquarela sobre papel  
ass. inf. dir.  
1985



9 ANTONIO SENA  
*Sem Título*  
43 x 65 cm  
óleo sobre tela  
ass. inf. dir.

10 JOSÉ BORGES  
*A Raposa e a Galinha*  
48 x 66 cm  
xilogravura sobre papel  
ass. inf. dir.  
1980



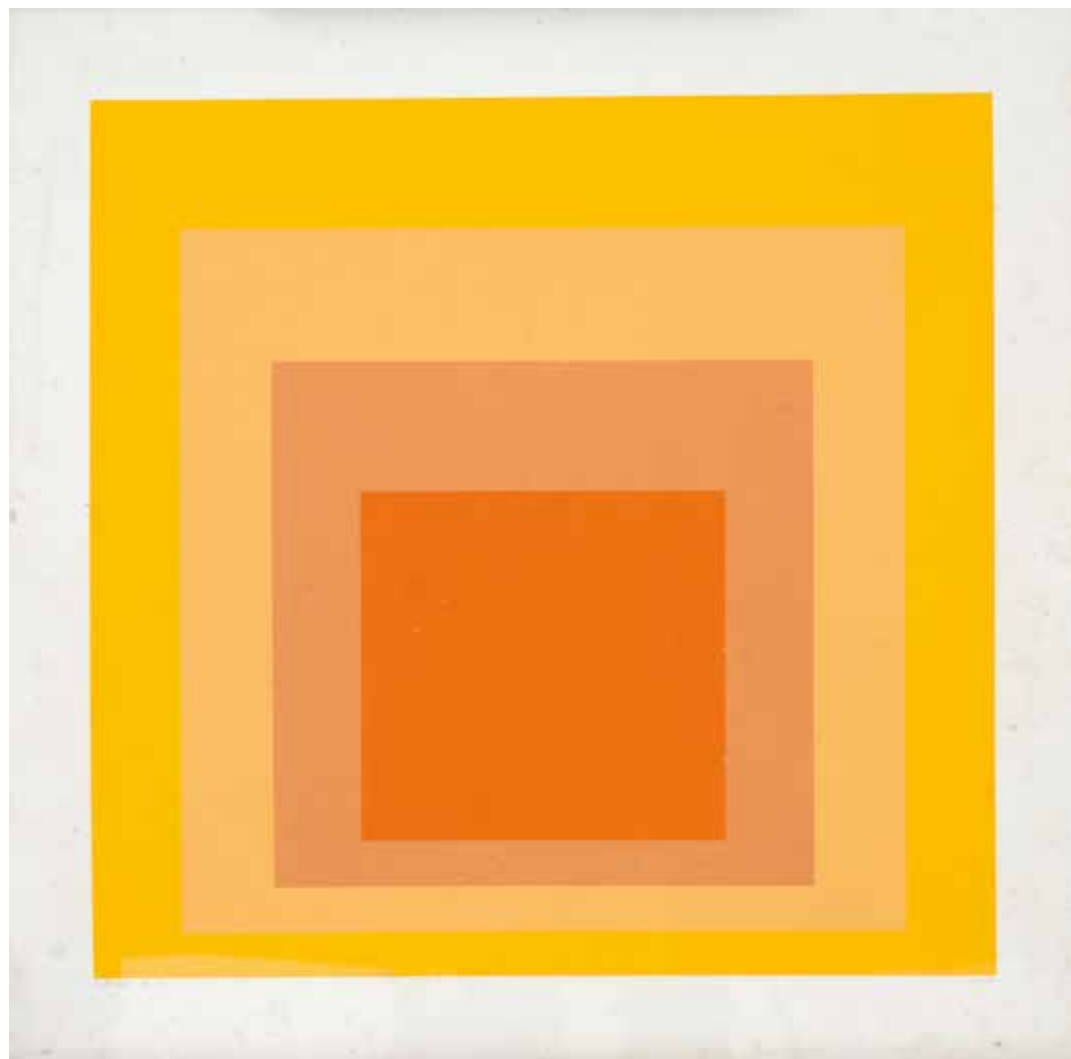
11 SEM IDENTIFICAÇÃO (R.B.)  
*Sem Título*  
22 x 36 cm  
pastel sobre papel  
ass. inf. dir.  
1968



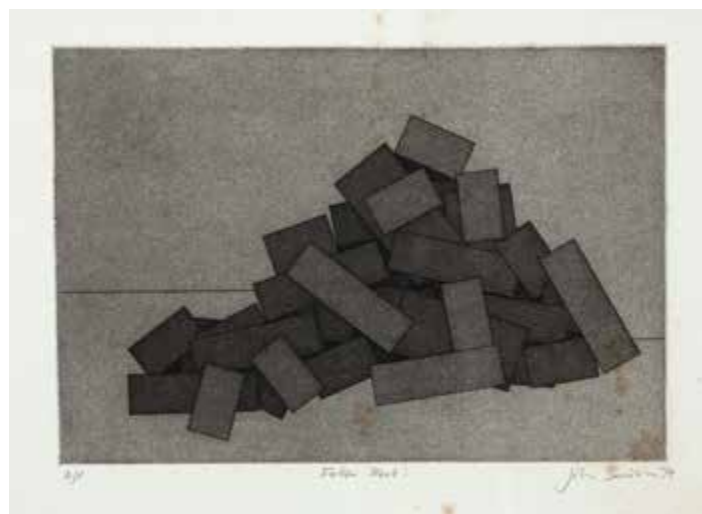
12 AUTOR NÃO IDENTIFICADO  
*Sem Título*  
23 x 32 cm  
pastel sobre papel



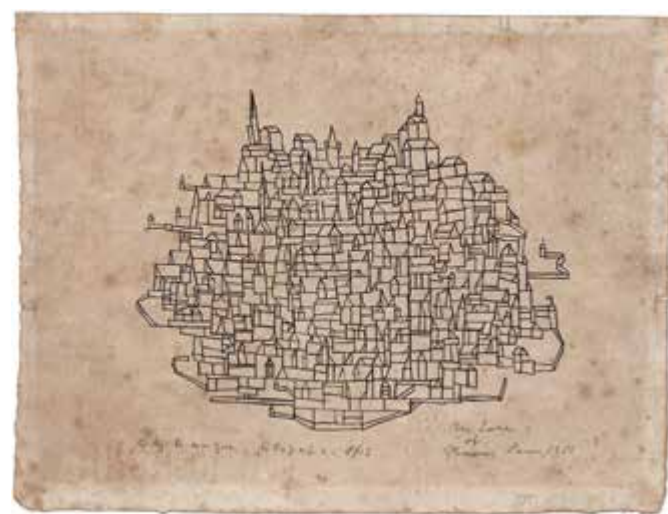




**13** JOSEF ALBERS  
*Sem Título*  
60 x 60 cm  
serigrafia sobre papel  
ass. inf. dir.  
Exemplar IV.



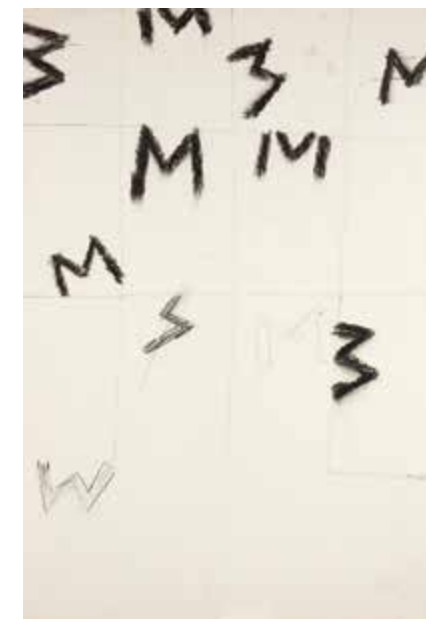
**14** JON DAVISON  
*Fallen Stack*  
20 x 28 cm  
gravura em metal sobre papel  
ass. inf. dir.  
1974



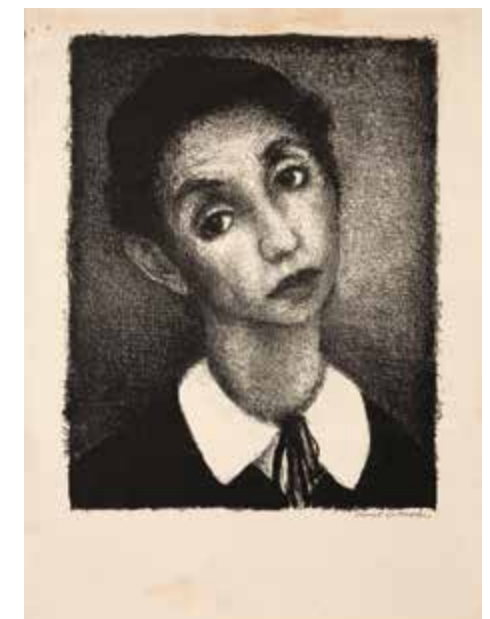
**15** AUTOR NÃO IDENTIFICADO  
*Sem Título*  
24 x 31 cm  
litografia sobre papel  
ass. inf. dir.  
1951  
Exemplar nº 8/12.



**16** AUTOR NÃO IDENTIFICADO  
*Sem Título*  
23 x 18 cm  
nanquim sobre papel  
ass. inf. dir.



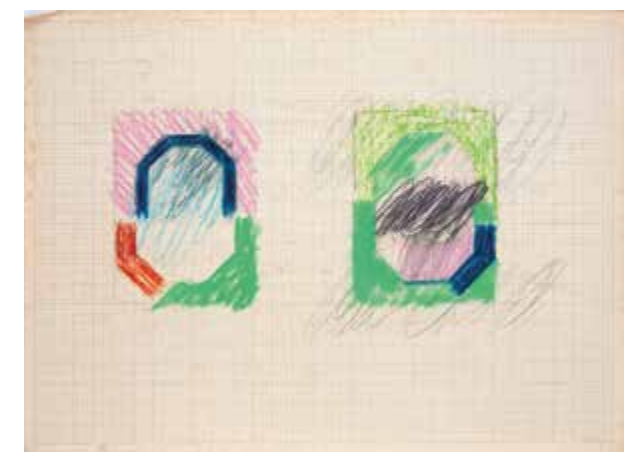
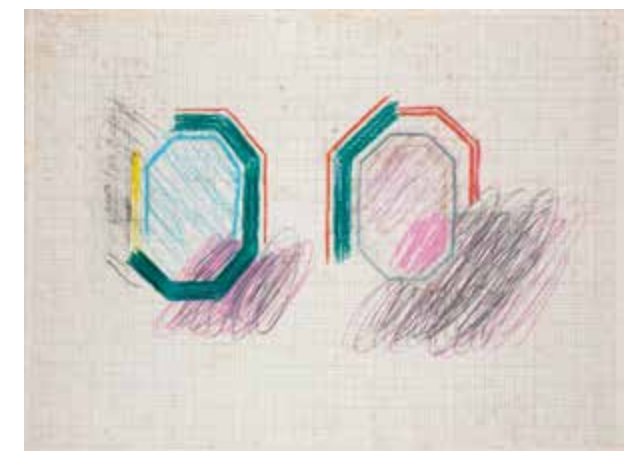
**17** ANTONIO SENA  
*Sem Título*  
77 x 50 cm  
carvão e grafite sobre papel  
ass. inf. dir.  
1967



**18** PAUL CITROEN  
*Figura Feminina*  
57 x 42 cm  
litogravura sobre papel  
ass. inf. dir.



**19** MARCELO GRASSMANN  
*Retrato Eleonore Koch*  
28 x 19 cm  
nanquim sobre papel



**20** ANTONIO SENA  
*Sem Título*  
55 x 76 cm (cada) / pastel sobre papel quadriculado  
ass. inf. dir. / 1970/71

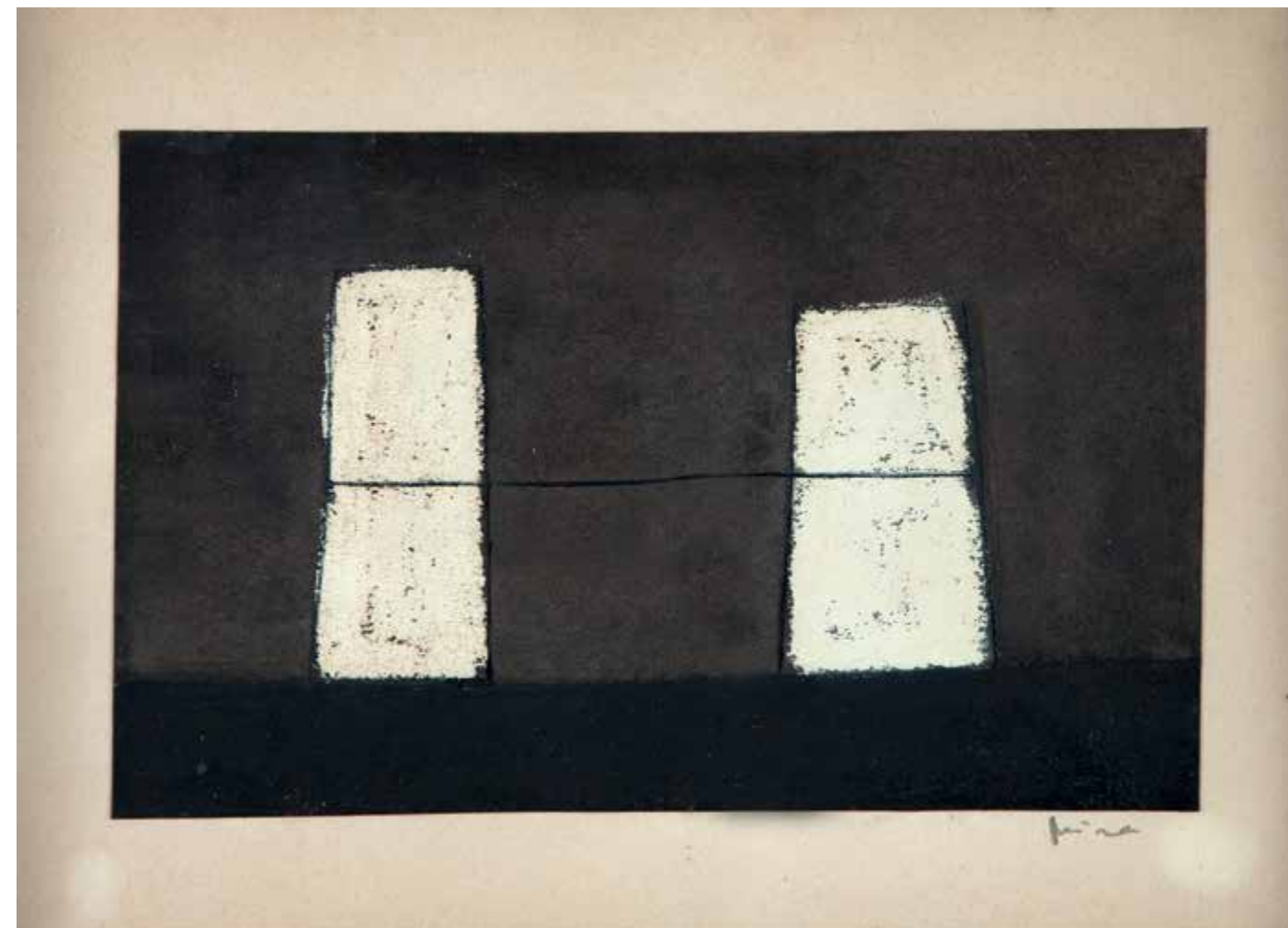




**21** ALFREDO VOLPI  
*Retrato de Eleonore Koch*  
 32 x 23 cm  
 grafite sobre papel  
 ass. inf. esq.



**22** ALFREDO VOLPI  
*Sem Título*  
 25 x 33 cm  
 têmpera sobre papel  
 ass. inf. dir.

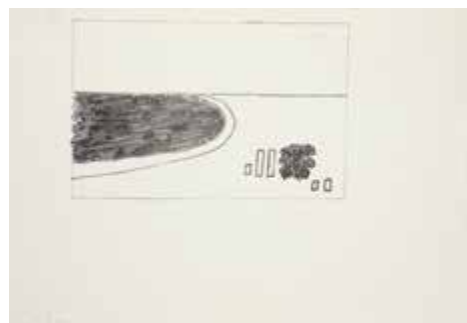
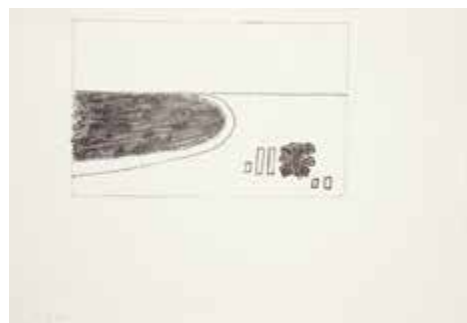


**23** MIRA SCHENDEL  
*Sem Título*  
 16 x 22 cm  
 têmpera e verniz sobre papel  
 ass. inf. dir.



**24** JANDYRA WATERS  
*Sem Título*  
 25 x 62 cm  
 óleo sobre tela  
 ass. no verso  
 1981

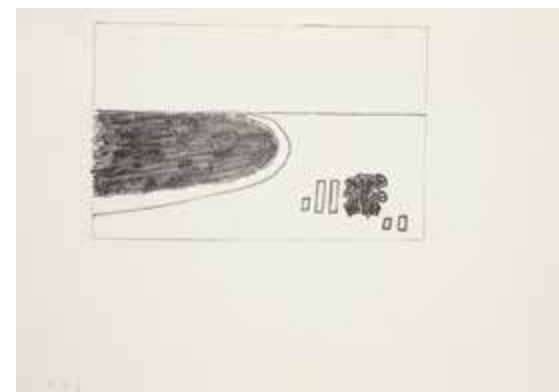




**25** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 litogravura sobre papel  
 Lago - 28 x 41 cm  
 Vaso de Flores 28 x 43 cm  
 Garrafa e Vaso - 35 x 43 cm  
 Cadeira - 35 x 42 cm (2 unidades)  
 Still Life ou Chest - 50 x 66 cm  
 (2 unidades)



**26** ELEONORE KOCH  
 litogravura sobre papel  
 Lago - 28 x 41 cm  
 Vaso de Flores 28 x 43 cm  
 Cadeira - 35 x 42 cm  
 Still Life ou Chest - 50 x 66 cm  
 (2 unidades)



**27** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 litogravura sobre papel  
 Lago - 28 x 41 cm  
 Vaso de Flores 28 x 43 cm  
 Cadeira - 35 x 42 cm  
 Still Life ou Chest - 50 x 66 cm  
 (2 unidades)



**28** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 litogravura sobre papel  
 Lago - 28 x 41 cm  
 Cadeira - 35 x 42 cm  
 Still Life ou Chest - 50 x 66 cm  
 (2 unidades)

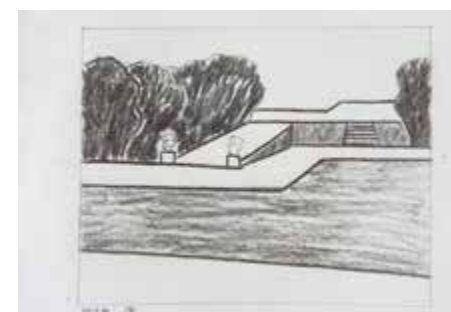






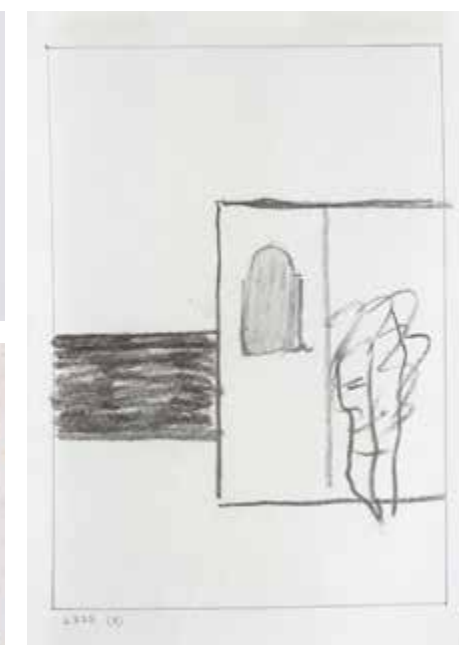
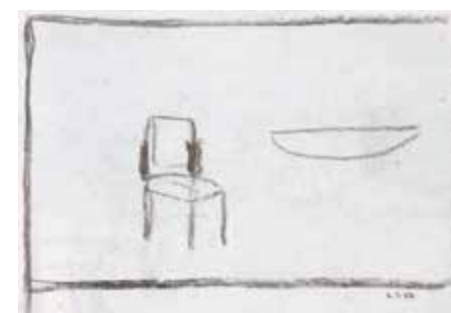
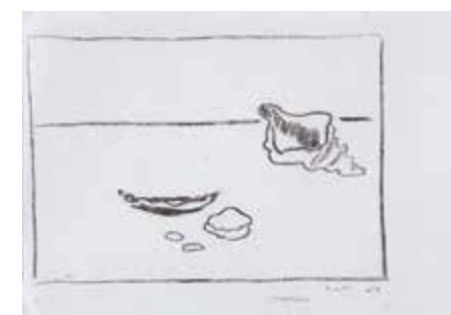
# DESENHOS E ESTUDOS

Eleonore Koch  
**Foto:** Luciano Momesso



**29** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 4 obras.

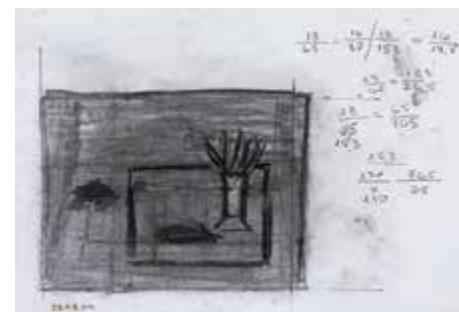
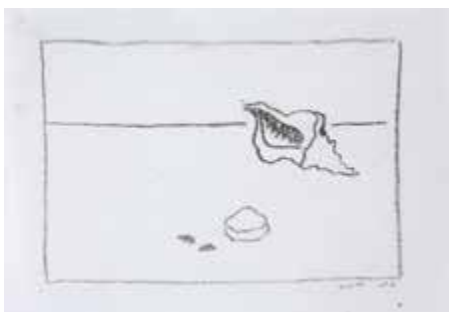
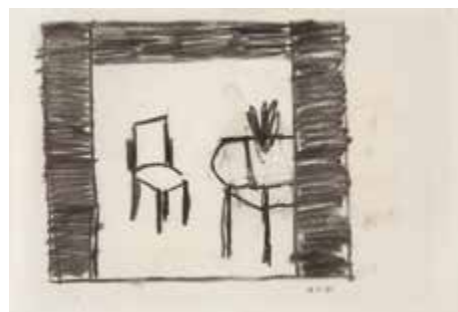
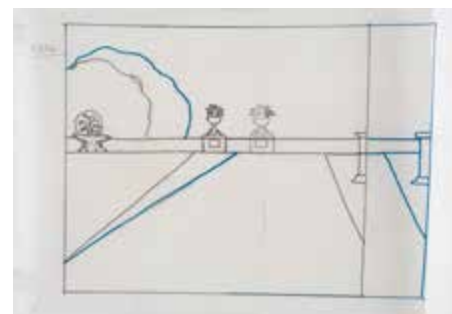
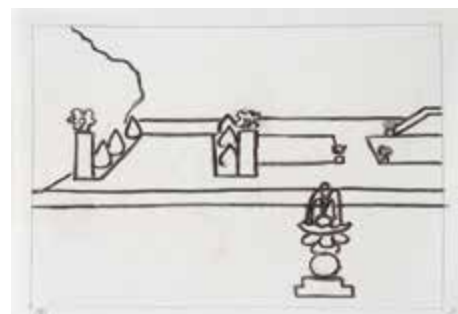
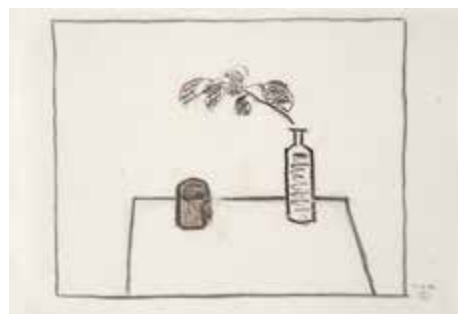
Reproduzido no livro "Lore Koch",  
Paulo Venancio Filho, Editora  
CosacNaify, 2013, na pág. 57.



**30** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

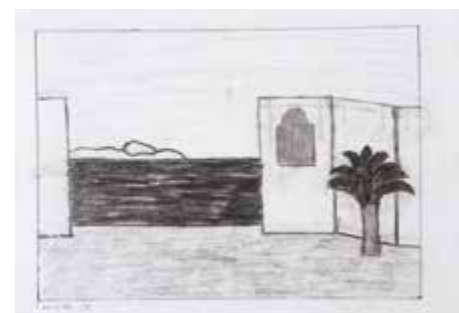
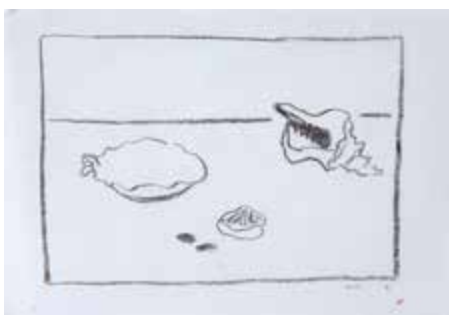
\*As medidas de cada obra podem variar





**31** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

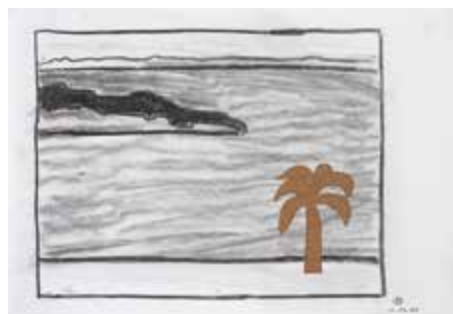
**33** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



**32** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

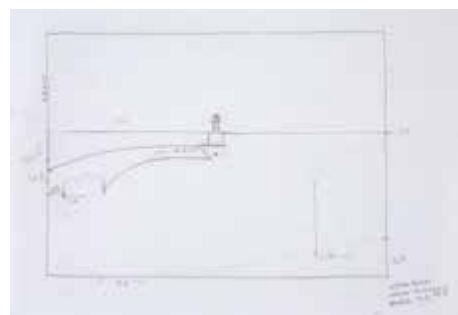
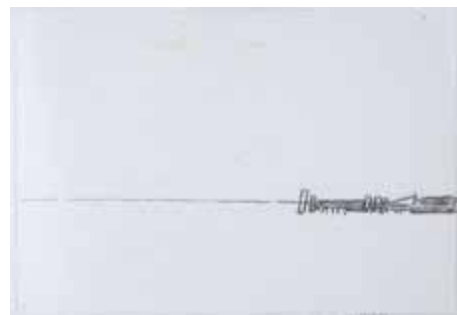
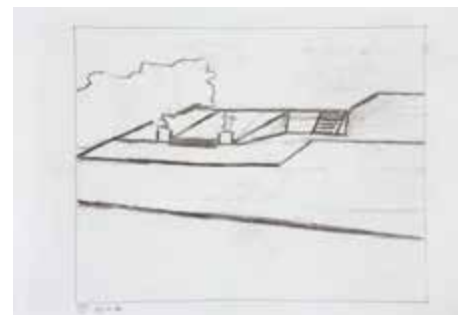
**34** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.





**35** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

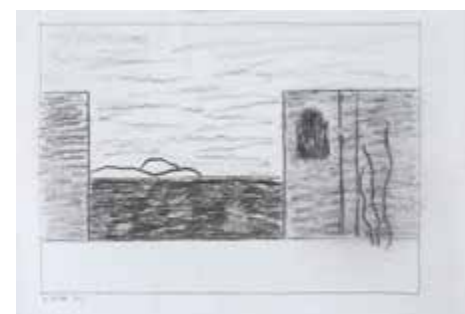
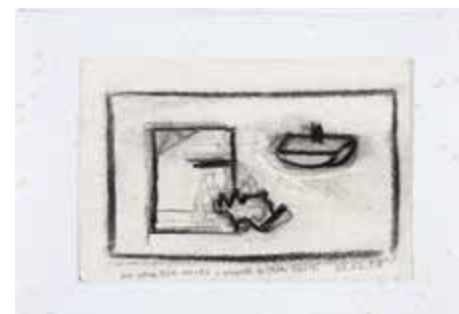
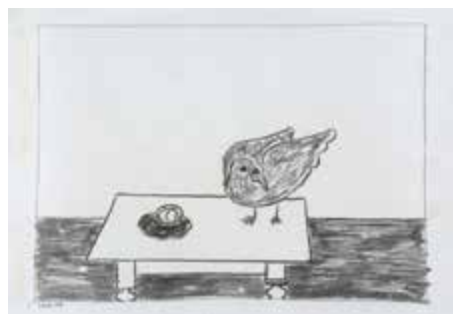
**37** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



**36** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

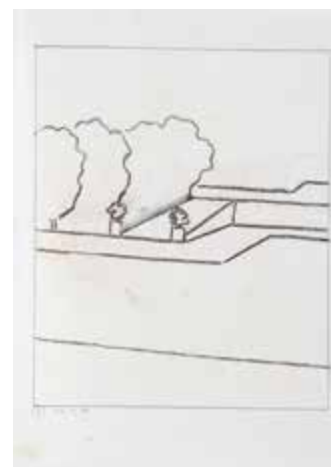
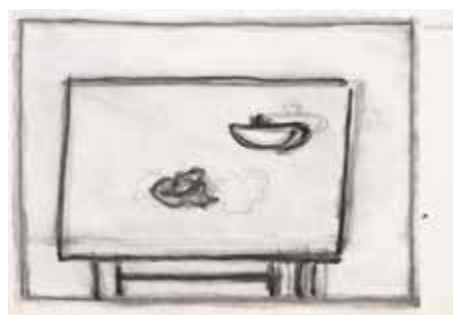
**38** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.





**39** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

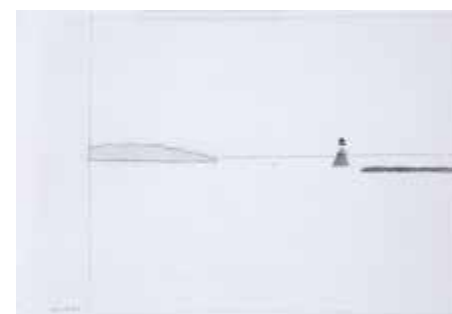
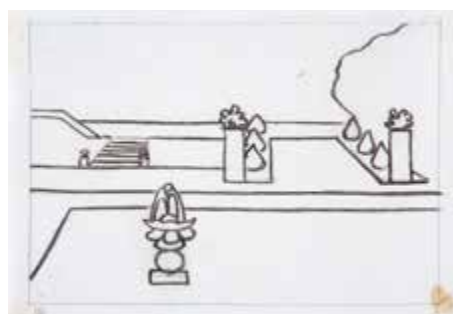
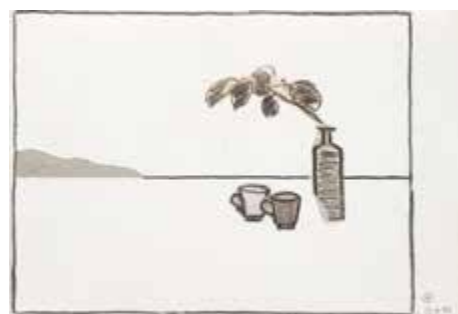
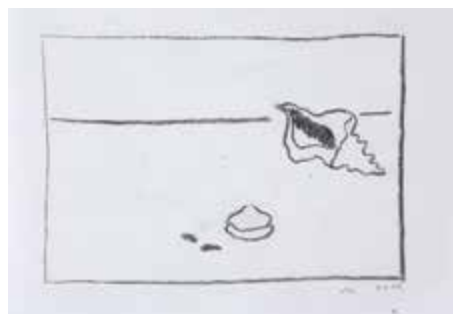
**41** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



**40** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

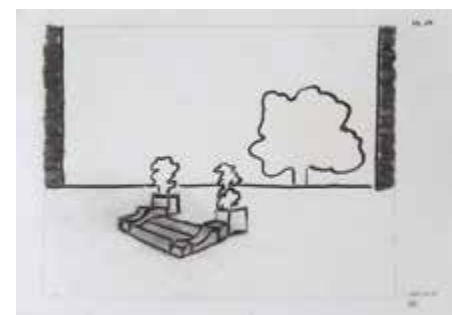
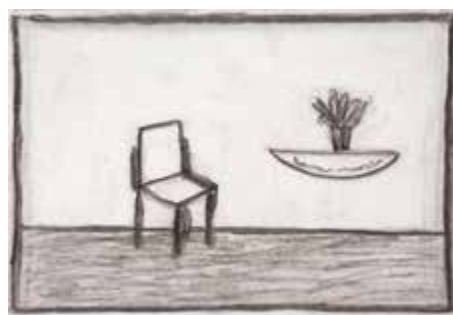
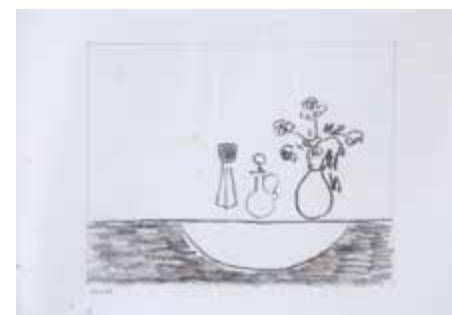
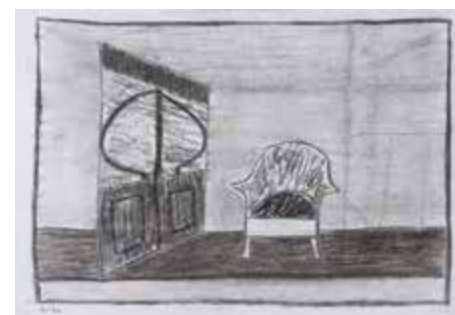
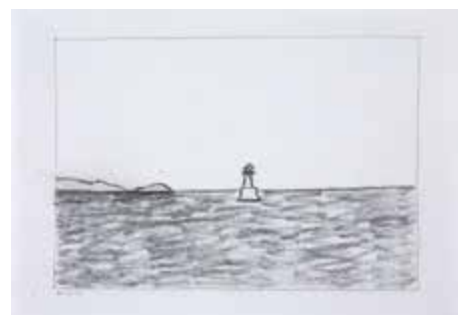
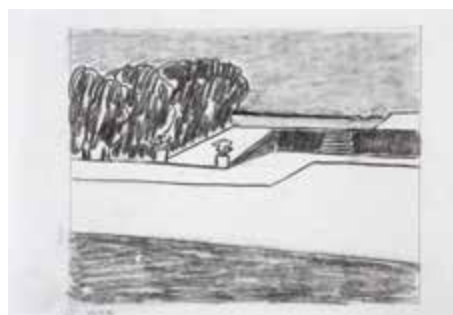
**42** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.





**43** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.

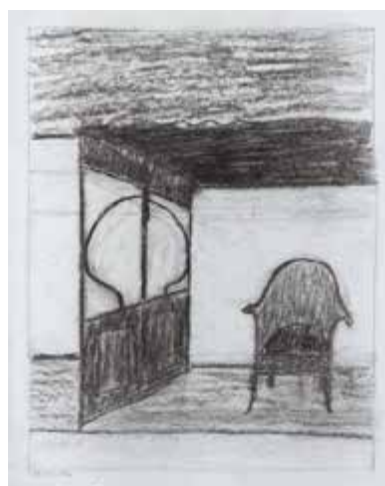
**45** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.



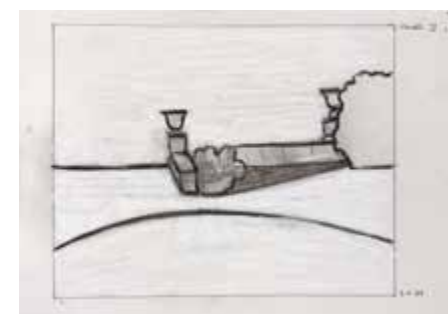
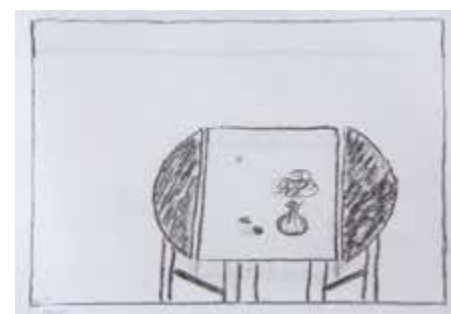
**44** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.

**46** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.

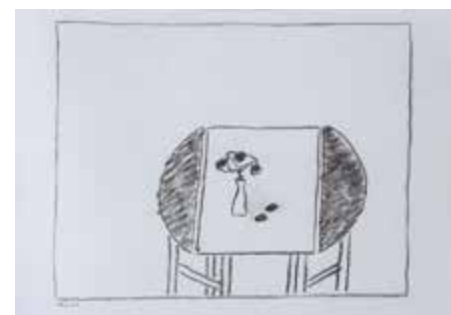
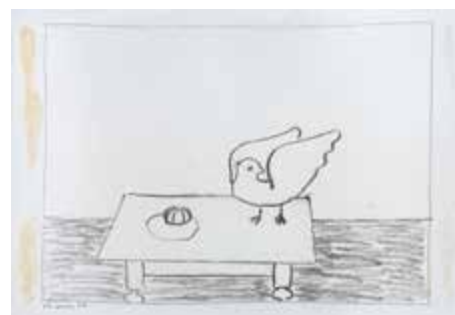




**47** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



**49** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

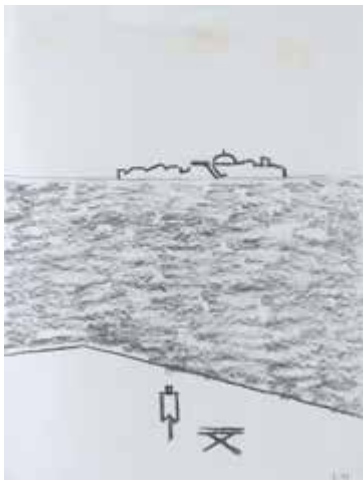
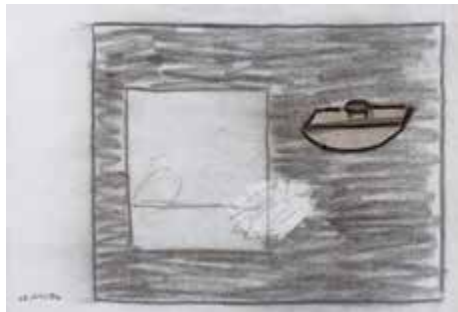
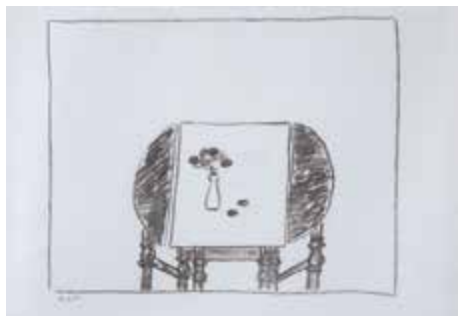


**48** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

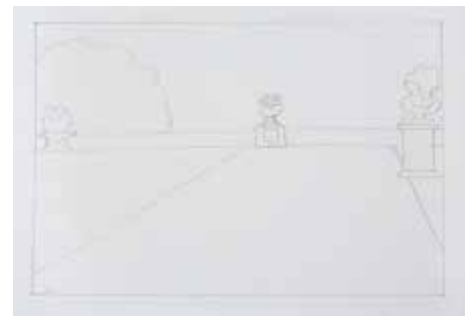
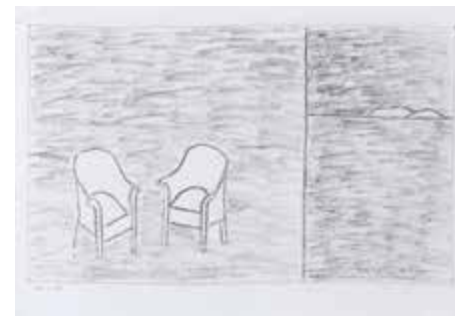


**50** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

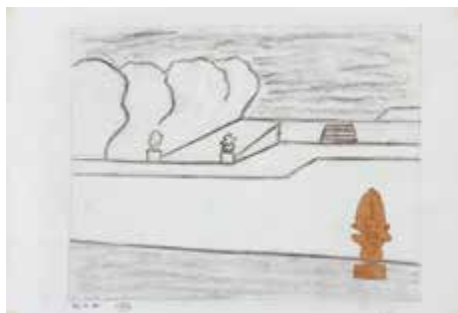




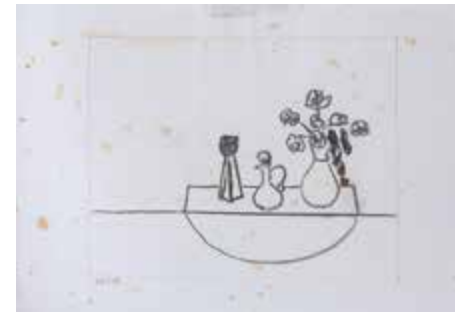
**51** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



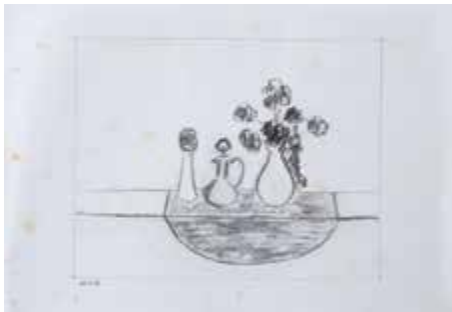
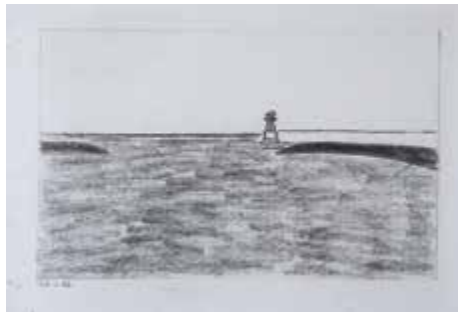
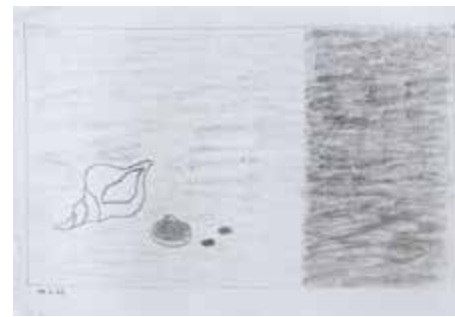
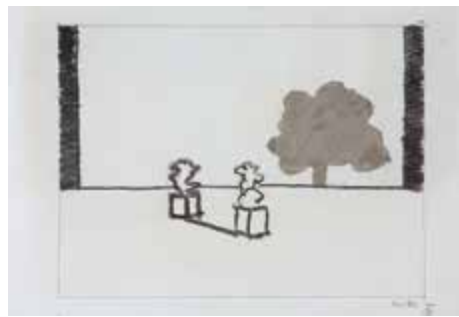
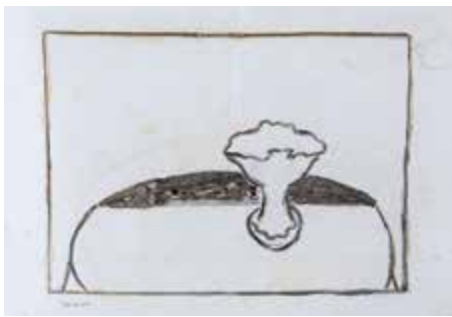
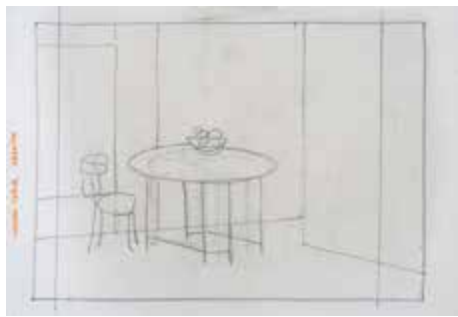
**53** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



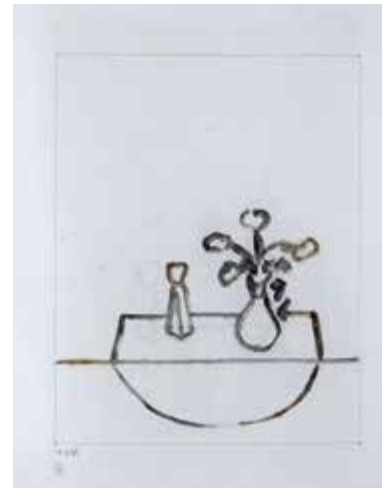
**52** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



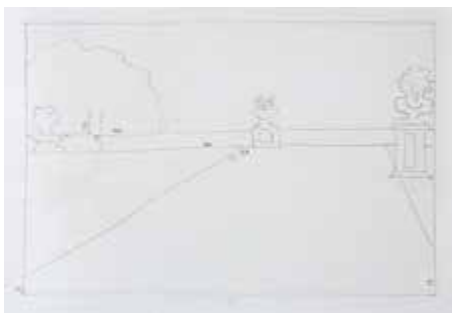
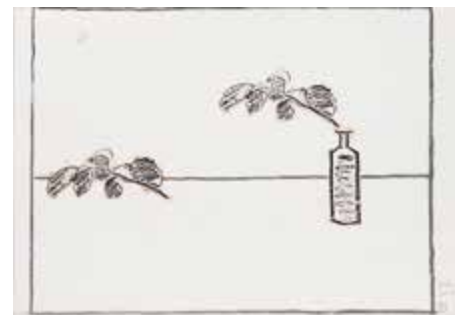
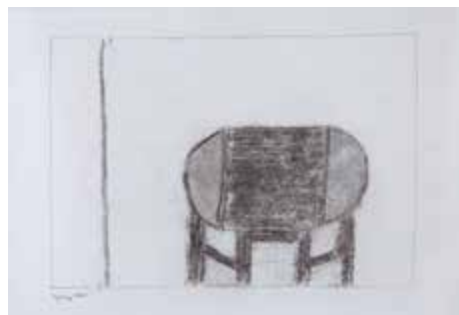
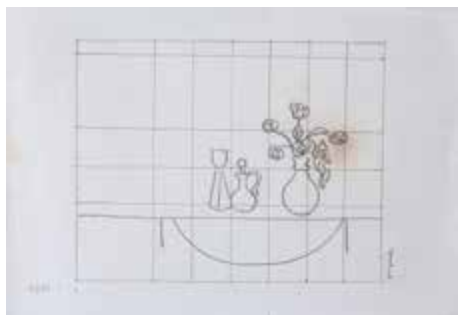
**54** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



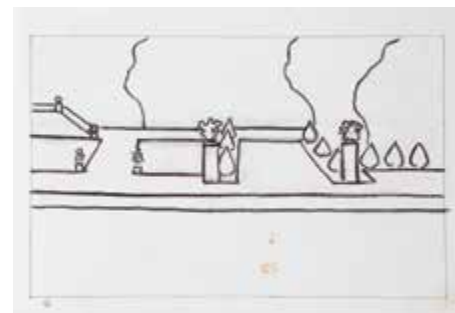
**55** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



**57** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.

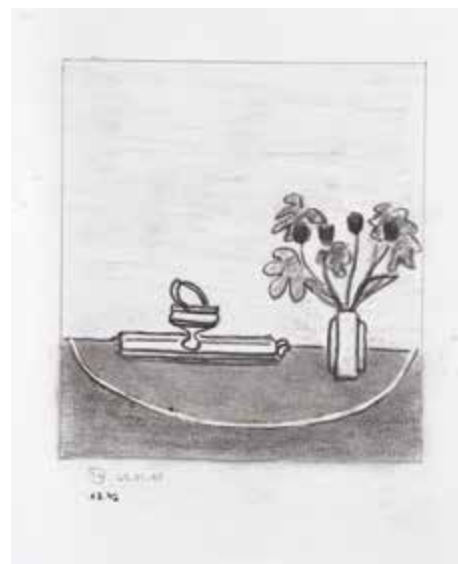
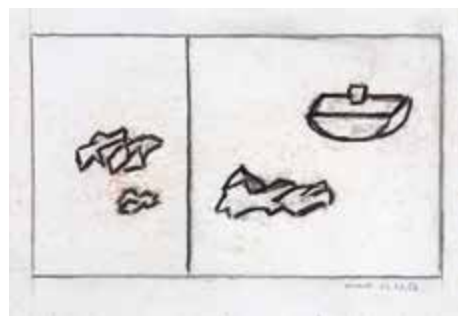


**56** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.



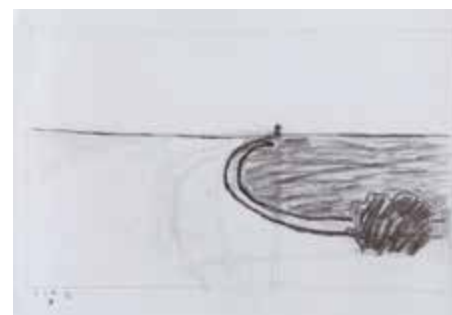
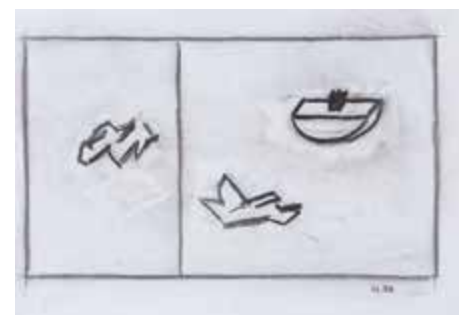
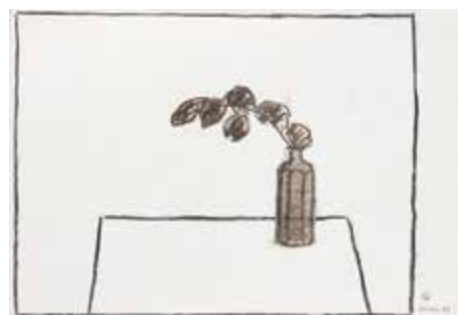
**58** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
Conjunto com 5 obras.





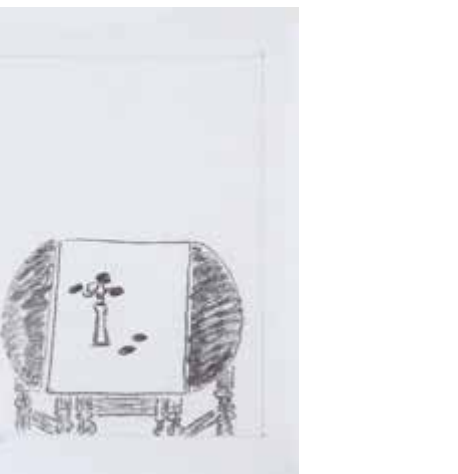
**59** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.

**61** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.

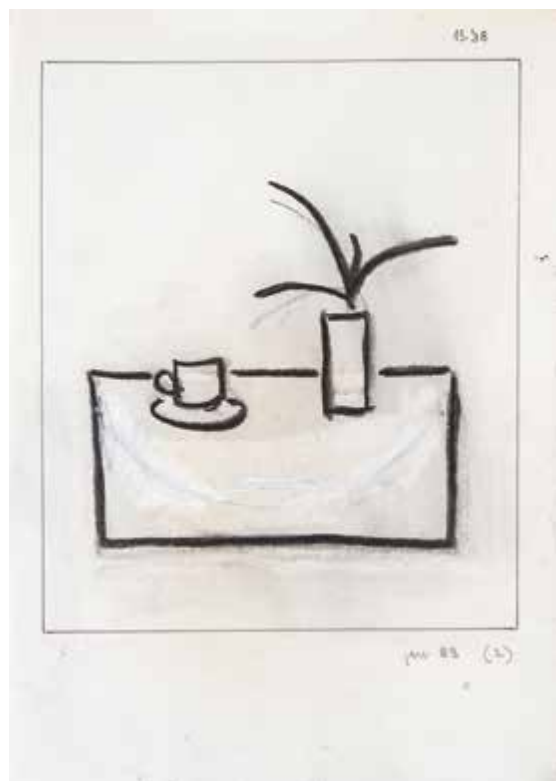
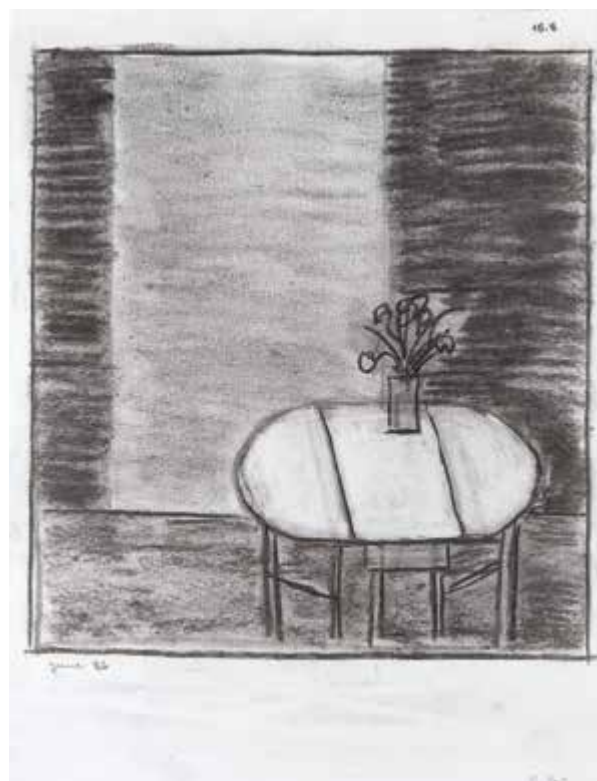
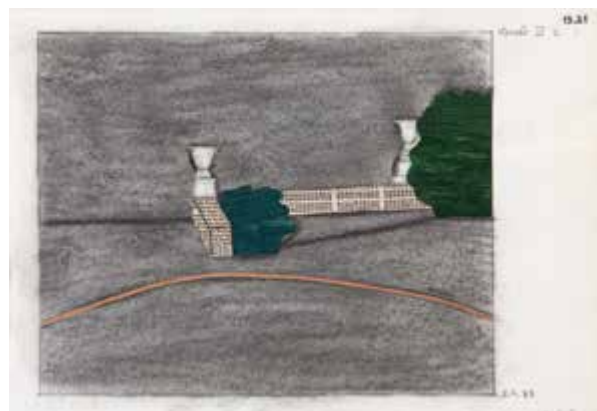


**60** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.

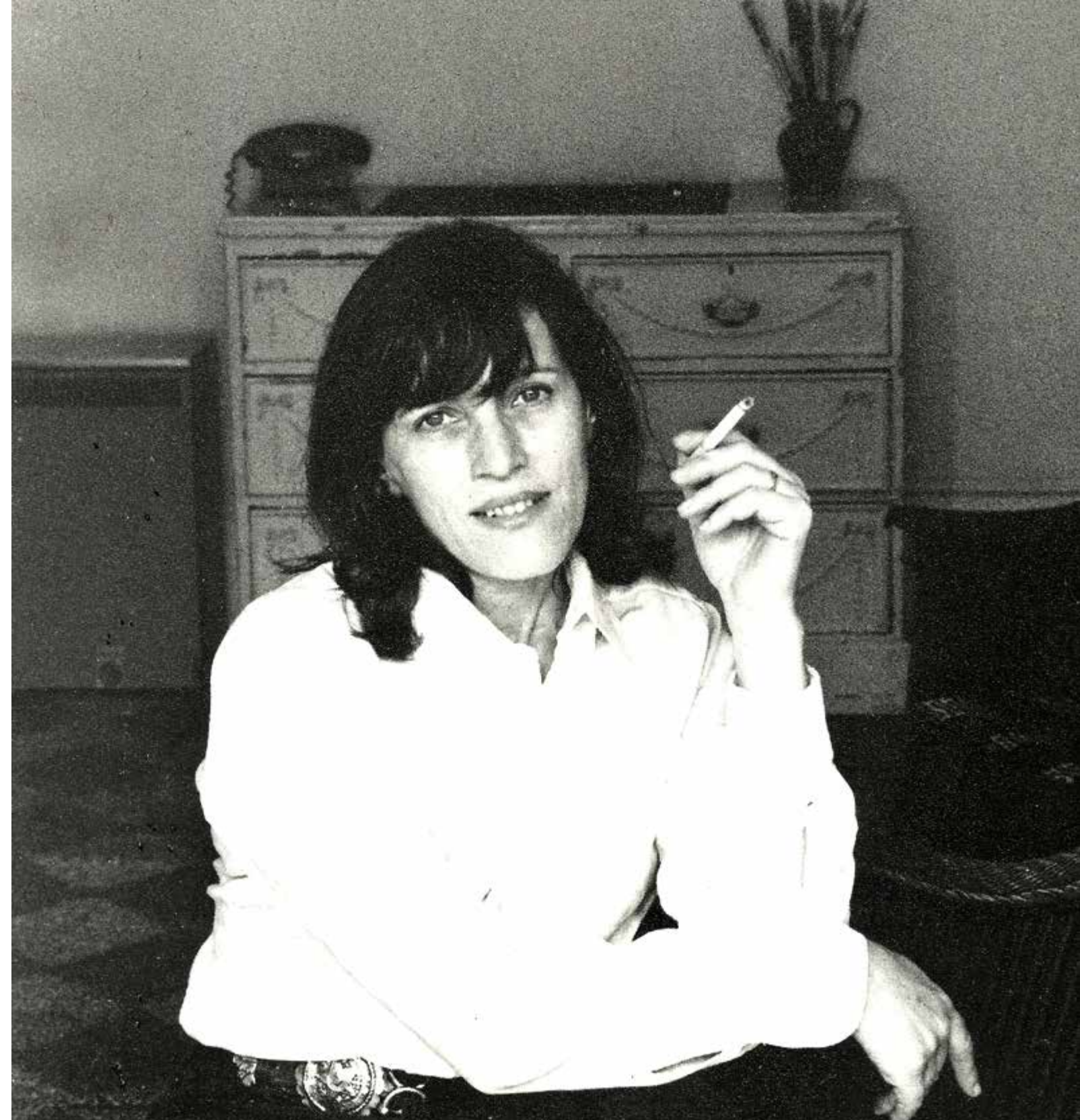
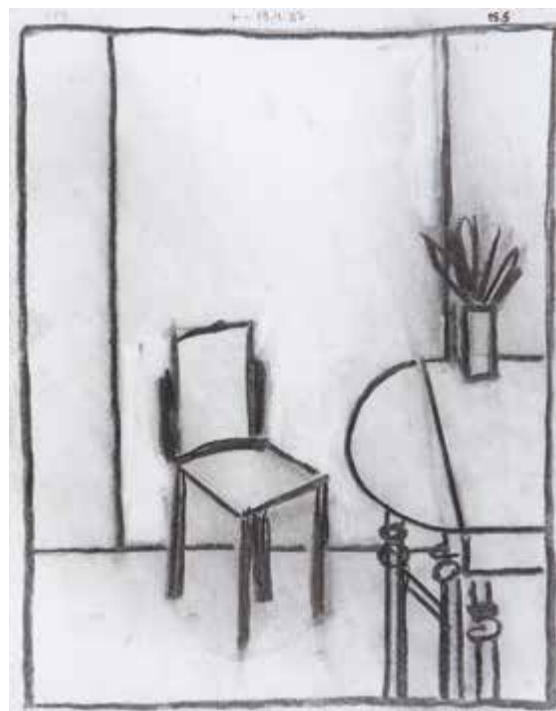
**62** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 Conjunto com 5 obras.







63 ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.



## CADERNOS E ESTUDOS

Eleonore Koch  
**Foto:** Arquivo da Família



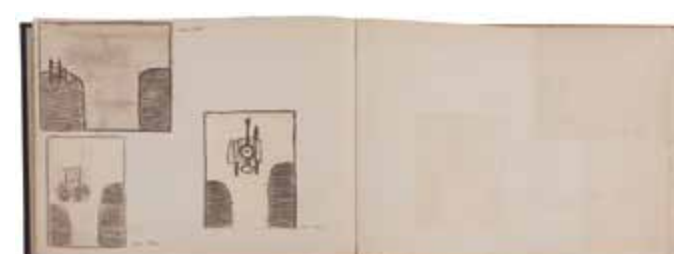
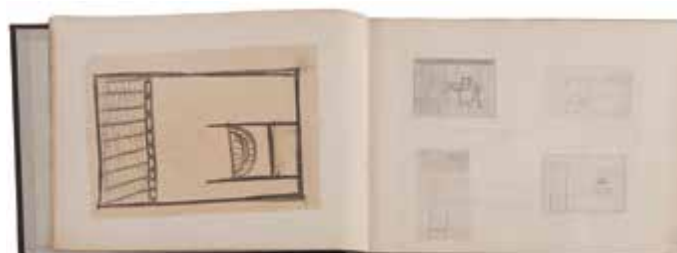


**64** ELEONORE KOCH  
*Caderno de Desenho nº 1*  
27 x 22 cm  
grafite sobre papel  
assinado  
1951  
31 desenhos - 16 folhas frente e verso



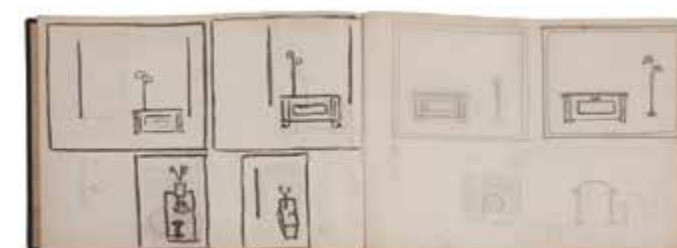
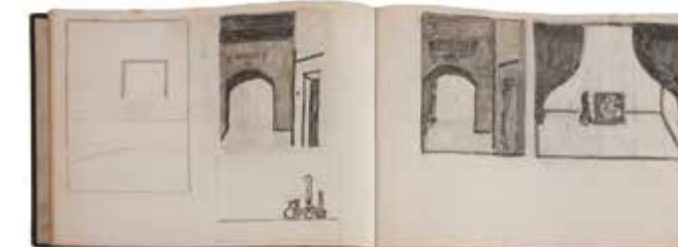
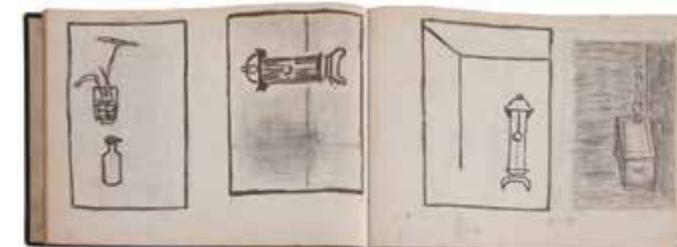


65 ELEONORE KOCH  
*Caderno de Desenho nº 2*  
 24 x 32 cm  
 grafite, carvão e têmpera sobre papel  
 28 desenhos - 14 folhas frente e verso

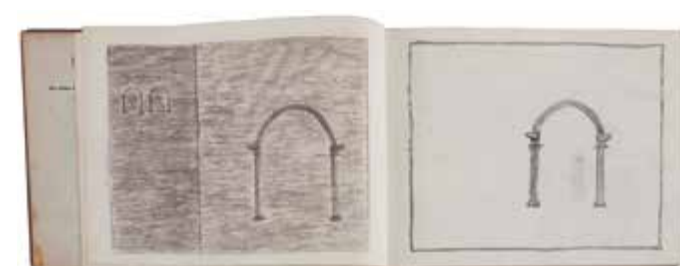


66 ELEONORE KOCH  
*Caderno de Desenho nº 3*  
 24 x 32 cm  
 grafite, carvão e têmpera sobre papel  
 28 desenhos - 14 folhas frente e verso



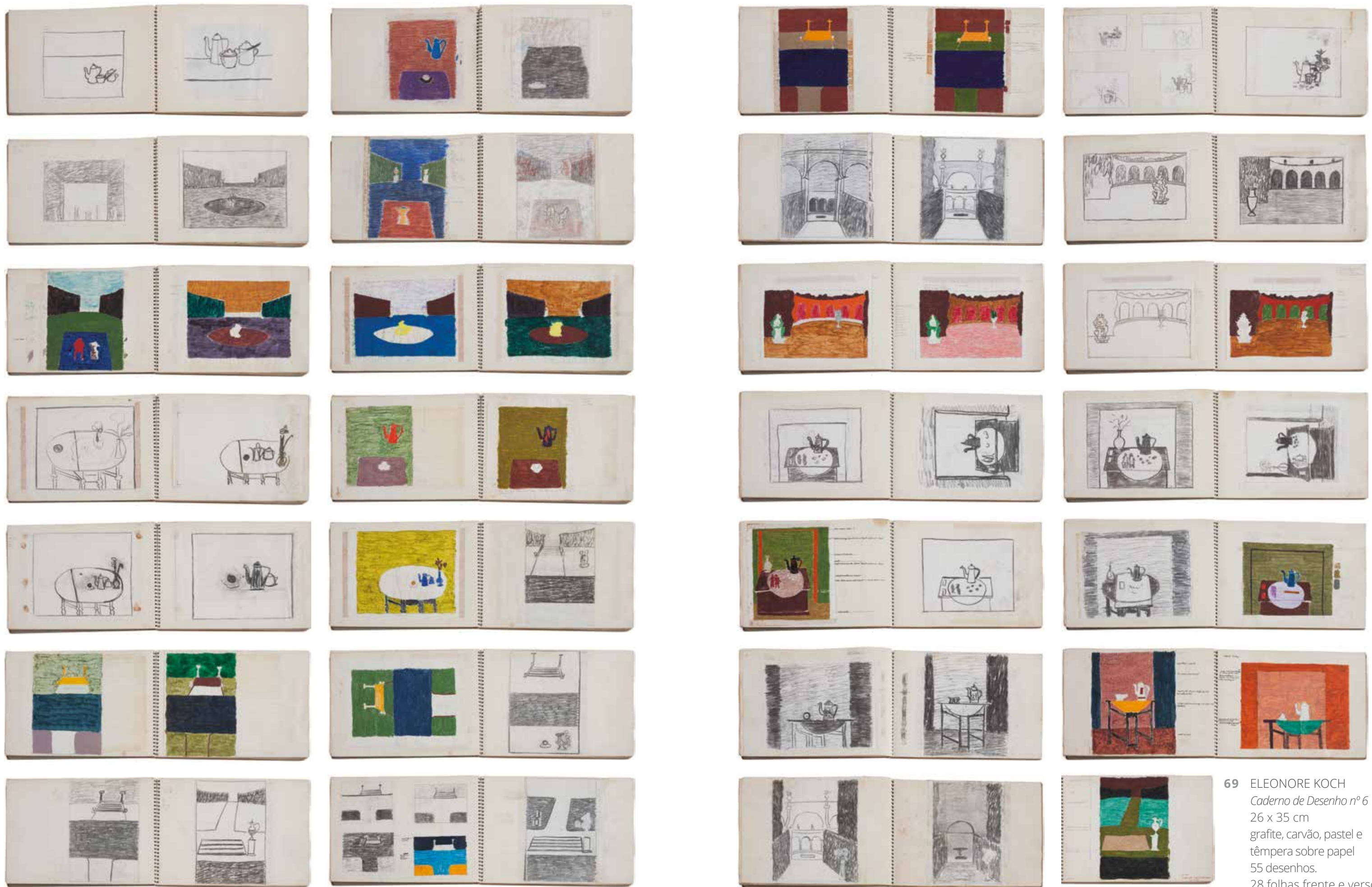


67 ELEONORE KOCH  
 Caderno de Desenho nº 4  
 23 x 32 cm  
 grafite, carvão, nanquim, pastel e têmpera sobre papel  
 29 desenhos - 15 folhas frente e verso



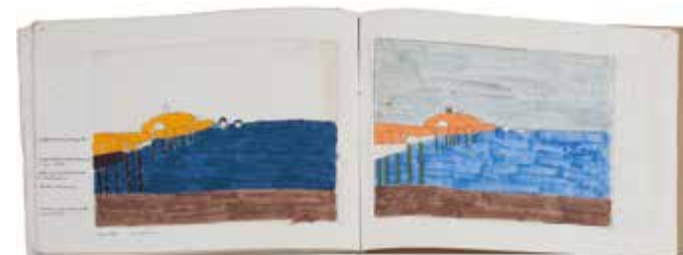
68 ELEONORE KOCH  
 Caderno de Desenho nº 5  
 24 x 33 cm  
 grafite, carvão e têmpera sobre papel  
 37 desenhos - 19 folhas frente e verso





69 ELEONORE KOCH  
*Caderno de Desenho nº 6*  
 26 x 35 cm  
 grafite, carvão, pastel e  
 têmpera sobre papel  
 55 desenhos.  
 28 folhas frente e verso





70 ELEONORE KOCH  
 Caderno de Desenho nº 7  
 27 x 37 cm  
 grafite, carvão, pastel e têmpera sobre papel  
 35 desenhos.  
 18 folhas frente e verso





Eleonore Koch  
Foto: Luciano Momesso



71 ELEONORE KOCH  
*Caderno de Desenho nº 8*  
26 x 36 cm  
grafite carvão e têmpera sobre papel  
22 desenhos.  
11 folhas frente e verso



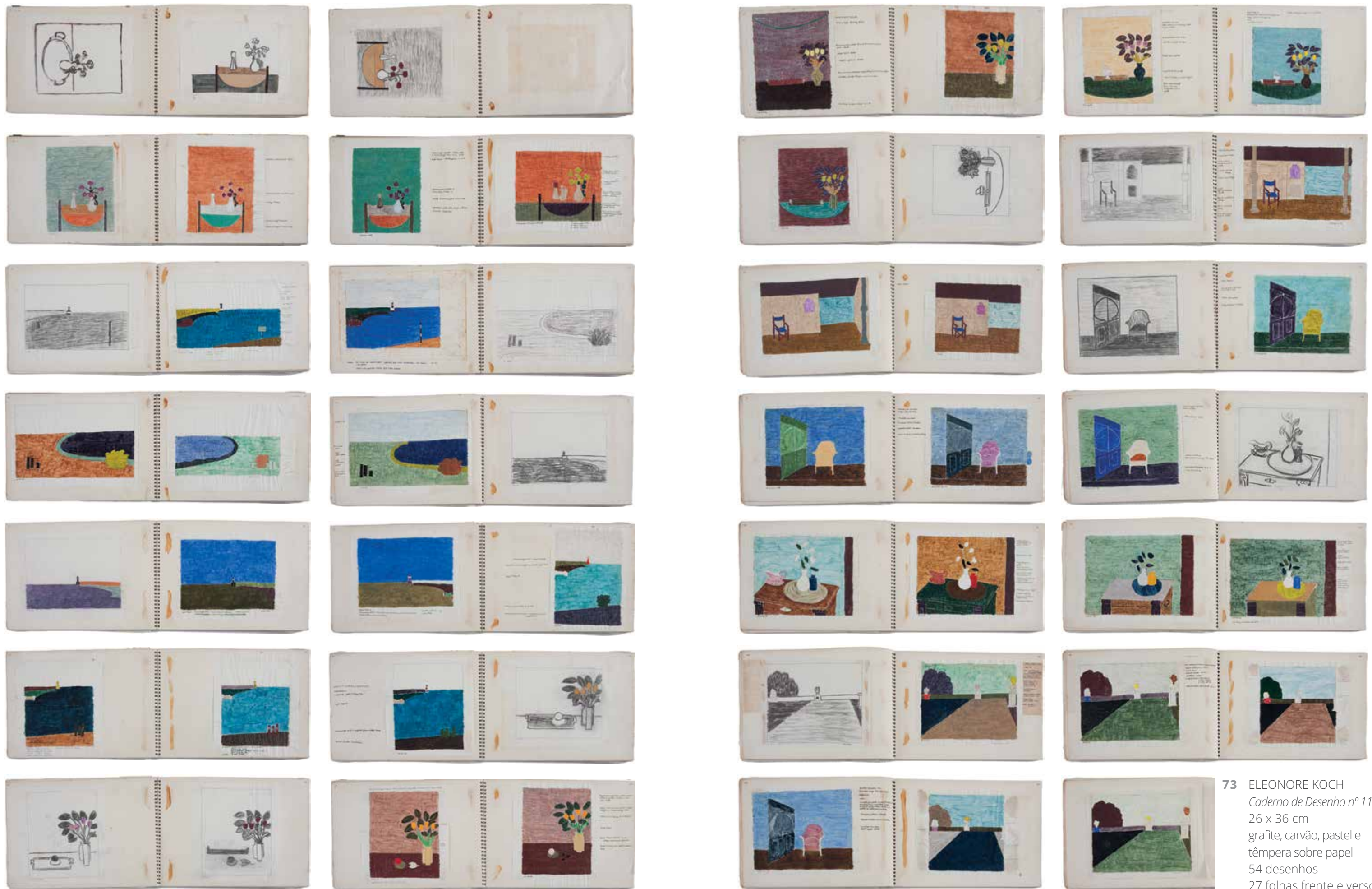


Eleonore Koch  
Foto: Luciano Momesso



72 ELEONORE KOCH  
Caderno de Desenho nº 10  
26 x 36 cm  
grafite, carvão e têmpera sobre papel  
21 desenhos.  
11 folhas frente e verso





73 ELEONORE KOCH  
 Caderno de Desenho nº 11  
 26 x 36 cm  
 grafite, carvão, pastel e  
 têmpera sobre papel  
 54 desenhos  
 27 folhas frente e verso





# TELAS

Eleonore Koch  
**Foto:** Arquivo da Família



**74** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 33 x 40 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1963  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 140.





**75** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 27 x 41 cm  
 óleo sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1951  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 18.



**76** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 54 x 43 cm  
 óleo sobre papel  
 ass. inf. dir.  
 1949  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 18.





**77** ELEONORE KOCH  
*Mata Borrão e Papel Amassado IV*  
 33 x 41 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. dir.  
 1997

Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 196.



**78** ELEONORE KOCH  
*Mata Borrão e Papel Amassado*  
 50 x 60 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. dir.  
 1996





**79** ELEONORE KOCH  
*Folha de Papel, Mata Borrão e Papel Amassado*  
 65 x 81 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. dir.  
 1997  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 195.



**80** ELEONORE KOCH  
*Still Life With Coffee Pot and Sugar Basin*  
 50 x 60 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1971  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 142.





**81** ELEONORE KOCH  
*Arch on Pink*  
 60 x 73 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. no verso  
 1967  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 71.

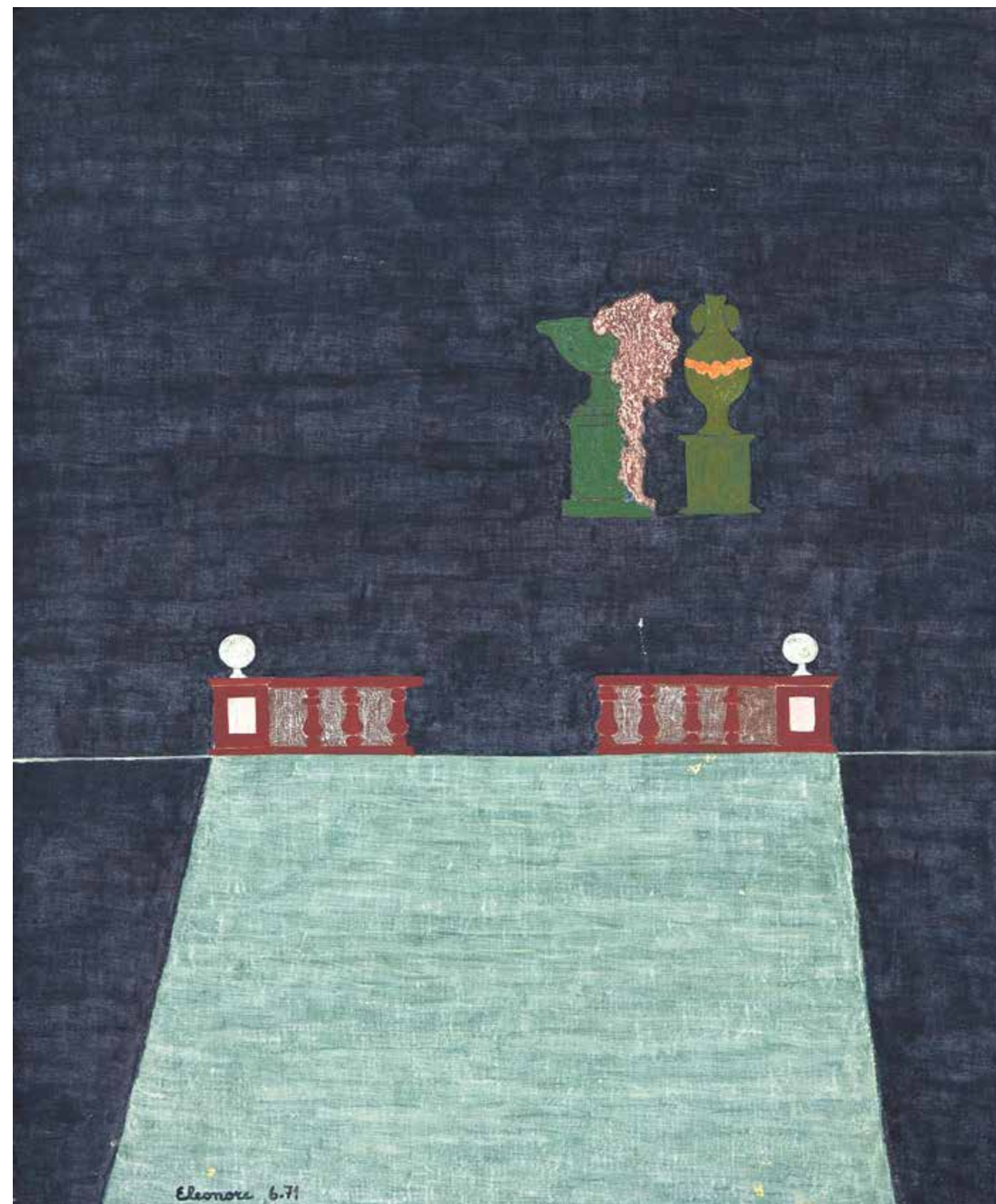


**82** ELEONORE KOCH  
*Park in Twilight*  
 60 x 80 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1969  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 81.





**83** ELEONORE KOCH  
*Awaiting*  
 46 x 35 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1971  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 84.



**84** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 60 x 50 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1971  
 Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 79.





85 ELEONORE KOCH  
*Deserto do Arizona II*  
76 x 102 cm  
têmpera sobre tela  
ass. inf. esq.  
1995  
Reproduzido no livro  
"Lore Koch", Paulo  
Venancio Filho,  
Editora CosacNaify,  
2013, na pág. 189.





86 ELEONORE KOCH  
*Ally and Dark Trees*  
99 x 132 cm  
têmpera sobre tela  
ass. inf. esq.  
1974  
Reproduzido no livro "Lore  
Koch", Paulo Venancio  
Filho, Editora CosacNaify,  
2013, na pág. 89.





**87** ELEONORE KOCH  
*Park With Oval Pond*  
 91 x 116 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1988

**88** ELEONORE KOCH  
*Statues Under Yellow Sky*  
 112 x 91 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. esq.  
 1971  
 Reproduzido no livro "Lore Koch",  
 Paulo Venancio Filho, Editora  
 CosacNaify, 2013, na pág. 87.  
 Reproduzido no livro "Eleonore  
 Koch, mundo ordenado" Centro  
 Universitário Maria Antonia,  
 2009, na pág. 15.







**89** ELEONORE KOCH  
*Dove Intruding my Still Life*  
 72 x 87 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. dir.  
 1978  
 Reproduzido no livro "Lore Koch",  
 Paulo Venancio Filho, Editora  
 CosacNaify, 2013, na pág. 179.

**90** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 136 x 90 cm  
 têmpera sobre tela  
 ass. inf. dir.  
 1972





CONVERSA SEMANAL COM OS PINTORES

## A geração irreverente da rua Marconi

Entre o "Café Columbia" e o "Museu de Arte" está se formando a nova geração de artistas plásticos de São Paulo — As discussões estereis entre Enrico Camerini e Flavio Mota — "Falamos de Sartre, Kafka e da Escola de Paris mas não sabem sequer onde fica Aracaju" — Otavio Araujo tem algo a dizer sobre a critica de arte

Entre o "Café Columbia" e o Museu de Arte, nos poucos metros que mediam entre as ruas Marconi e 7 de Abril, está se formando a nova geração dos artistas plásticos de S. Paulo. Por circunstâncias varias, por estar situado entre diversas galerias de pintura e a Biblioteca Publica Municipal, junto do Museu de Arte e da redação dos "Diarios Associados", do "Planalto" e da "Livreria Jaraguá", — o "Café Columbia" transformou-se em centro de reunião dos artistas plásticos desta capital. Entre 11,30 e 12 horas, é infalível

posição realizada em agosto de 1946 no Rio de Janeiro; dos "Dezesseis" e de diversas outras mostras coletivas. No ultimo Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos, foi contemplado com o "Prêmio Mario de Andrade". Camerini é dos que estuda com se-

Reportagem  
de  
IBIAPABA MARTINS  
Fotos de João Pieri

firo isso a arranjar um emprego fixo e tornar-me um genio familiar, um SUJEITO INTERESSANTE como Salvador Rosa ou Sotero Cosma. Aliás, só sei pintar e, assim mesmo...

Aldemir Martins autoidentifica embora venha acompanhando Di Cavalcanti há quase dois anos, nasceu no Ceará em 1922 e tem a expressão franca e levemente ironica dos nordestinos, ao lado da malícia de um carioca. Porisso expõe desabusadamente seu modo de pensar:

— "Acredito mais nos pintores da provincia do que nos pintores de S. Paulo e Rio. Estes são muito sofisticados. Em lugar de pintar, vivem a ler Sartre, Kafka, a falar mal dos criticos, a discutir a Escola de Paris, quando nem sequer sabem onde fica Aracaju. Isso eu digo dos jovens, porque os velhos simplesmente não existem. São fantasmas. A tendencia para o abstracionismo, tão acentuada atualmente em S. Paulo, mostra bem essa mentalidade de espelho: é uma questão de moda que passará como qualquer outra. Aliás, também revela impotencia para fugir aos canones do figurativismo".

Enquanto Aldemir expunha fluentemente suas idéias, desabafando-se, Otavio Araujo escutava calado, com um sorriso nos labios grossos de descendente de africano. Concoardava com quase tudo que dissera seu companheiro e ainda tinha alguma coisa a acrescentar.

Otavio Araujo, nascido em Terra Roxa, no Estado de S. Paulo, entre 1938 e 1943 frequentou um curso de pintura comercial no "Instituto Profissional Masculino" desta capital, ao lado de Marcello Grassmann e Luis Sacchetti. Começou a pintar em 1943 e fez parte dos "Seis NOVOS de S. Paulo". Seus trabalhos na "Exposição dos Dezesseis" destacaram-se pela sobriedade e nobreza de linhas. Ultimamente, esteve servindo o Exército, afastando-se um pouco da pintura. O que Otavio Araujo tem a acrescentar às palavras de Aldemir Martins diz respeito à critica da artes plásticas desta capital:

— "Acho que os criticos de S. Pau-



À saída do Curso de Modelo Livre do Museu de Arte, formam-se os grupinhos e as discussões vão terminar junto a um banco da Praça da Republica. No clichê, vemos, da esquerda para a direita: Kitty Welles, Eleonore Koch, Grassmann, Amélia Martins, Otavio Araujo e Aldemir.

encontrarmos junto às mesinhas quadradas onde estão marcados os preços das refeições, seis, sete, dez pintores reunidos em torno de uma discussão a de uma saída de baistas. Rebello, que acaba de deixar sua motocicleta junto à Galeria "Domus", conversa animadamente sobre o destino da paisagem com o poeta-pintor e crítico de arte Sergio Milliet, enquanto Simeone matuta lá com seus botões que a Academia ainda não é das piores coisas existentes sobre a terra. Clavis Graciano discorre sobre o curso de cenografia da Escola de Arte Dramática e opina sobre a exposição de "maquettes" de decorações de teatro na "Maison de la Pensée Française". Há velhos e moços, figurativistas e abstracionistas, pintores, escritores e jornalistas, nessa hora e meia que vai das 11,30 às 12 horas. Fora desse período, porém, a todo o momento podemos encontrar os jovens Flavio Mota, Enrico Camerini, Aldemir, Marcello Grassmann ou Luis Sacchetti, que acabaram de percorrer cem metros para tomar uma "média" no "Café Columbia". Porisso é que se afirma que entre o Museu de Arte e o "Café Columbia" se está formando a nova geração de artistas plásticos desta capital.

riedade, afirmando faltar justamente seriedade de artesanato em relação a quase todos os pintores desta capital, principalmente os jovens. — "Porisso, gosto às vezes de estudar academicamente uma figura e me coloco diante dela como qualquer velho pintor do Salão Paulista de Belas Artes", diz-nos ele. E' contra a acentuada tendencia para a pintura abstrata, notada nas obras de quase todos os pintores desta capital, afirmando constituir uma fuga da realidade, um modo muito metafísico de encarar a vida. — "Sou contra o excesso de intelectualismo. Acho que os classicos da pintura moderna, os velhos como os chama-

FOLHA DE S. PAULO

Terça-feira, 2 de setembro de 1980

### Artes Plásticas/Crítica

## Eleonore, a vida por trás das fachadas coloridas

RADHA ABRAMO

LONDRES — Eleonore Koch, brasileira residente há anos em Londres, exhibe uma bellissima série de têmperas e desenhos a pastel na Galeria Campbell e Franks.

O vocabulário plástico da artista circunscreve-se a fachadas, objetos e vistas de jardins. Ela é uma boa artesã, sabendo com muita sensibilidade dosar os pigmentos da cor e com eles emprestar às formas uma profunda individualidade.

Os cenários de seus quadros assemelham-se aparentemente a naturezas mortas embora pressinta-se que por detrás das janelas fechadas das fachadas residenciais exista vida.

A carga emocional que ela transporta para as cenas das telas é tão forte que os objetos materiais acabam por estabelecer uma relação afetiva imediata com o espectador. Um bule, por exemplo, é pintado solto no espaço, apoiado em si próprio e livre de qualquer perspectiva; atinge um nível transcendental especialissimo, descolificando a natureza do próprio objeto.

As estátuas sob o sol amarelo, desenho a pastel, são tratadas como se fossem pessoas: perdem a frigeiz estatutária, assumindo a potencialidade da imagem que representam.

Todos os objetos criados pela artista transcendem a ma-



"Estátuas sob um sol amarelo": pastel de Eleonore Koch.

terialidade, seja ele originalmente feito de ferro, mármore ou cimento. A artista eleva-os à categoria de figurantes vivos, à semelhança dos seres vivos.

O trabalho de têmpera de Eleonore Koch é de qualidade idêntica ao de Ianelli e até mesmo lembram muito de perto o tratamento pictórico de um Volpi, por exemplo. As texturas que a artista consegue traçar com o

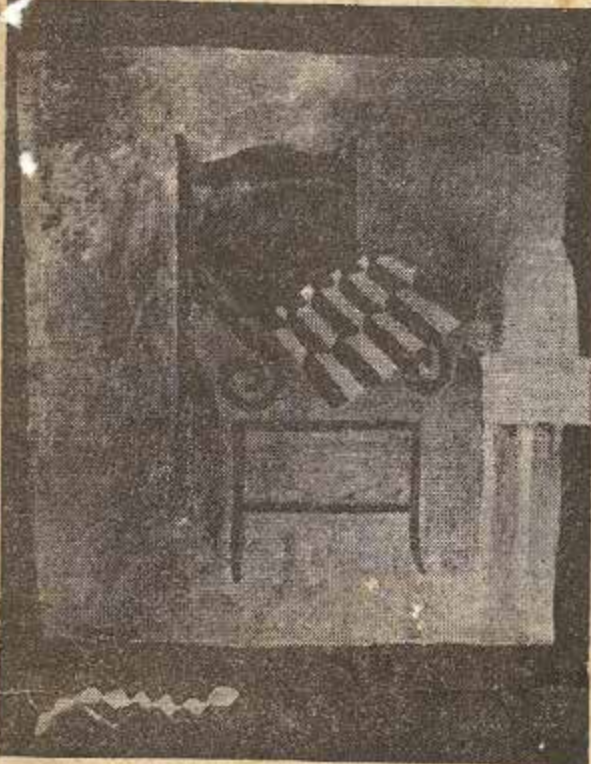
desenho a pastel traduzem vivamente a artesanía depurada da disciplina, conduzida mais pela sensorialidade do que pelo rigor simplicista da técnica.

Bela a exposição de Eleonore Koch, bela também porque ela atribui aos objetos materiais transportados para a tela uma identidade calorosamente moldada de afetividade.



# ELEONORE colori vivi e pintura luminosa

Si perde ormai nel passato l'epoca in cui si consideravano utopiche le idee del Cristo. Ora la società marcha a lun-



Poltrona, óleo 1956, di Eleonore Koch

ghi passi verso un domani più felice. Mezzo secolo di ricerche mediche hanno rimesso l'ultimo ostacolo, penetrando nel dominio psichico. Il tempo si incaricherà del resto. Ma uno dei frutti maggiori, colti nell'evoluzione della coscienza giuridica, è stato l'emancipazione della donna. Non so se quest'emancipazio-

ne convenga alla donna, perché il contratto sociale non ammette diritti senza doveri, e molte rimpiangeranno l'antico esilio, ma che sia un passo indispensabile per un avvenire migliore, non vi sono dubbi.

Così il sesso debole ha incominciato a usufruire di una libertà e di vantaggi un tempo vietati, non tardando ad esibire i propri valori, non solo nel campo del lavoro, ma del pensiero e dell'arte. Al Salone Paulista noteremo parecchie pittrici, e con piacere ne additeremo una di particolari qualità: Eleonore Koch.

Volpi, arrivato in fondo al ciclo di stilizzazione delle cose, inaugurò un nuovo tipo di pittura, la scuola primitivista. Più tardi il maestro arrivò alla conclusione che la pittura doveva limitarsi agli

colorati in una soluzione di gomma con un torio d'avorio dentro, ottenendosi un liquido usato spesso per i dipinti su intonaco, che ha delle caratteristiche proprie: è opaco, non ricopre la tela di uno strato solido come l'olio, non facendo altro se non bagnarla, ecc.

Le tre tele che la giovane

pittrice espone al Salone, nonostante ricordino ancora il Volpi, presentano già dei caratteri personali. La "poltrona", per esempio, mostra come la pittrice si stia liberando dal maestro, orientandosi verso una pittura a colori più vivi, con una luminosità che non le era familiare.

PAOLO MARANON

## EXPOSIÇÕES

Hoje, na galeria "Ambiente", na rua Martins Fontes, inaugura-se uma exposição de pintura de Eleonore Koch. Lore, ex-habitante de Montparnasse, lá as aulas da Academia Julien numa bicicleta roxa, mas apesar disso (da Academia Julien) trouxe boas pinturas.

Amanhã, no Museu de Arte Moderna, abre-se a exposição dos componentes da ODA (Oficina de Arte). Todos os quadros expostos terão como motivo os festejos juninos.

## ELEONORE KOCH

Trata-se de uma seguidora de Volpi, e que todavia podemos inserir entre os ingenuistas da classe de Bombas e Vivin. Tratamento espontâneo de interiores, com intimismo poético indicando sensibilidade muito marcada. Valorização de temas através de cromatismos puros dilatando perspectivas de salas, portas, móveis e atmosferas.



DOIS PINTORES NO MUSEU DE ARTE MODERNA — Foram inauguradas na sala grande do Museu de Arte Moderna de S. Paulo as exposições dos pintores Eleonore Koch e Mauro Francini, cujos trabalhos têm sido bastante apreciados. No clichê, flagrantemente da inauguração, vendo-se os expositores entre um grupo de amigos.

## PREMIADO UM QUADRO DE ELEONORE KOCH

No Salão de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia, figuraram neste ano também três quadros de Eleonore Koch, bem típicos da sua fase atual. Entre um grande número de quadros expostos, um dos trabalhos de Lore obteve um prêmio de aquisição, distinguindo-se o tenaz esforço de uma artista conscienciosa e de forte talento que, numa luta incessante, procura encontrar a autenticidade da sua expressão pessoal. As solu-

ções encontradas por ela, voluntárias e singulares em composição e cor, indubitavelmente revelam um amadurecimento que muito promete para o futuro. A.H.R.

L U X  
JORNAL

TRIBUNA DA IMPRENSA  
RIO DE JANEIRO

## ARTES PLÁSTICAS

Hildebrando Giudice

## PINTORA ALEMÃ AMANHÃ NA "PETITE": KOCH

A pintora Eleonore Koch, que nasceu em Berlim, mas radicou-se no Brasil desde criança, vai expor amanhã, na "Petite Galerie" (Av. Atlântica, 2.964).

Eleonore estudou artes no Brasil e no estrangeiro. Frequentou por algum tempo a Escola de Belas Artes de São Paulo. Depois, estudou escultura com Elisabeth Nobiling, e desenho com Yolanda Mohaly. Bruno Giorgi e Samson Flexor também foram seus professores.

Em 1949 viajou para Paris, onde estudou pintura com Arpad Szenes, e escultura e desenho com Robert Coutin.

De volta da Europa, trabalhou vários anos com Volpi.

Theon Spanudis, no catálogo da exposição, afirma que "os objetos na pintura aparentemente figurativa de Eleonore Koch revelam-se como existências tanto subjetivas como objetivas, participando e fundindo estes dois mundos numa nova existência".

E, mais adiante: "As suas composições são como diálogos, ora intensos ora silenciosos, desses seres sujeitos-objetos entre si e conosco".

Com Eleonore a cor torna-se "essência da existência, ou simplesmente a existência mesmo".

A pintura de Eleonore Koch "não é de rápido consumo, nem tampouco de rápida e numerosa produção".

Spanudis termina acentuando que "é contemplativa demais para ganhar um contato imediato com o grande público, contemplativa demais para ser produzida em série".

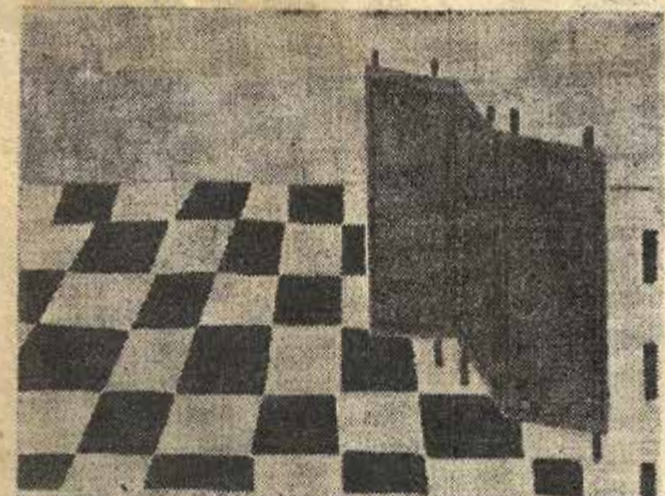
## Pintura contemplativa?

É a própria Eleonore Koch quem confessa que aprendeu muito trabalhando com Alfredo Volpi. Agora ela está expondo na "Petite Gallerié", que, depois de reformada, já não é mais tão "petite"

assim. No dizer do crítico Theon Spanudis, "sua pintura é contemplativa demais para ganhar um contato imediato com o grande público". Eleonore é alemã, mas veio para o Brasil com dois anos. Estudou com Elisabeth Nobiling.



## LORE NA PG



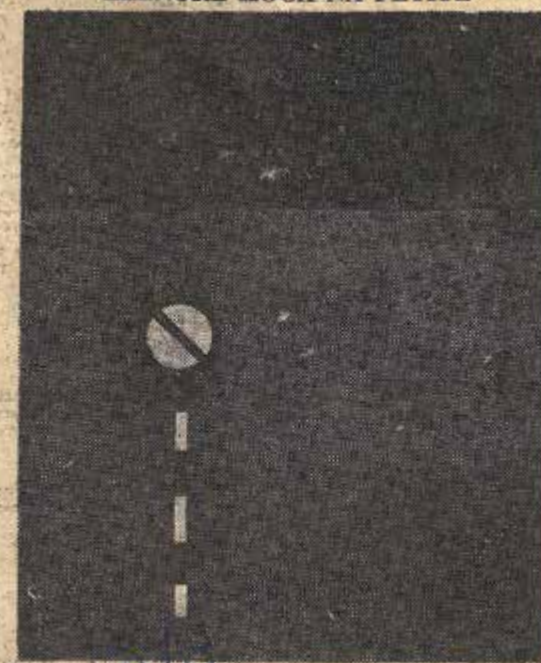
Abre-se, amanhã, dia 10, na Petite Galerie (Av. Atlântica 2964) uma exposição da pintora paulista Eleonore (Lore) Koch. Na foto, um dos trabalhos que estarão expostos na PG a partir de quarta-feira

## ITINERÁRIO DAS ARTES

TAYME MAURÍCIO

## PLÁSTICAS

## ELEONORE KOCH NA PETITE



Apresentada não-concretisticamente pelo Theon Spanudis, a pintora Eleonore Koch, nascida em Berlim mas entre nós residente desde tenra idade, inaugura no próximo dia 10, às 21 horas, uma exposição de pintura na Petite Galerie. No clichê, um dos trabalhos da jovem pintora que vamos conhecer.



# ARTES PLÁSTICAS

PEDRO MANUEL

## ELEONORE KOCH

AQUI estou na observação da vida artística carioca em lugar de Maria Barata, atualmente gozando bem merecidas férias.

Com a esperança de não decepcionar excessivamente os afeiçoados leitores do amigável confrade, procurei continuar a colher o que de vital existe e aparece no mundo das artes plásticas, iniciando com uma paulista muito querida no planalto, mas, como sempre acontece, quase desconhecida no Rio.

Quem a apresenta é La Petite Galerie, que, neste sentido, já prestou inúmeros serviços à cultura artística da capital, expondo Arnaldo Pedroso D'Horta, Bonadei, Rebolo, Genaro da Carvalho e Volpi. Este último, apesar de famoso, nunca tinha exposto entre nós, dando-se com ele o que hoje acontece com sua aluna Eleonore.

Tendo estudado com muitos professores, depois de ter tentado a escultura e descobrir a pintura, passando por várias escolas, é atualmente única e exclusivamente aluna de Volpi.

O que possa ter pintado antes, não tem a menor influência sobre a obra mais recente.

Desde 1954, quando cronologicamente inicia a atual mostra, Volpi está presente. Com isso não quero em absoluto dizer que estamos diante do trabalho de uma aluna leiga ou de uma servil aprendiz. A arte é fruto de originalidade e resultado da adequação da forma ao conteúdo engendrando uma unidade, única, nova. Afinidade de recursos ou de sentimentos podem emprestar-lhes comuns a trabalhos de sentido bem diferenciado. Por isso, delimitar a presença do mestre ajudará a caracterizar o lado original e pessoal da artista que surge.

Em primeiro lugar existe uma identidade no meio usado para fixar as imagens: a tempera. A tinta esparramada com muito mais em superfícies excitadas apenas pelas transparências do fundo, deixando de recorrer à pigmentação variada e contrastante, a fim de valorizar a cor, mas confiando apenas na orquestração geral do quadro, são evidentemente os laços que unem a aluna ao mestre.

Na pureza das tintas filtradas em superfícies monótonas também Volpi deve ter exercido sua influência, apesar de Spanudius afirmar ter sido sempre Eleonore uma grande colorista. Não negando o adjetivo, reparei, porém, um refinamento notável de

cor entre uns raros exemplares mais idosos e a maioria das obras expostas.

Mas quanto ao resto, o mais é ilusão. Há na inteira exposição um único quadro onde o frio joga com frio: "Verde Azul e Cadeira Rosa". Estas combinações de verde e azul são uma das grandes saídas de Volpi (capela de Brasília), usou feixes de sinfonia em tons frios.

Eleonore, pelo contrário, expande-se nos jogos de quentes ou se equilibra nas alterações de quentes e frios, usando também das complementares.

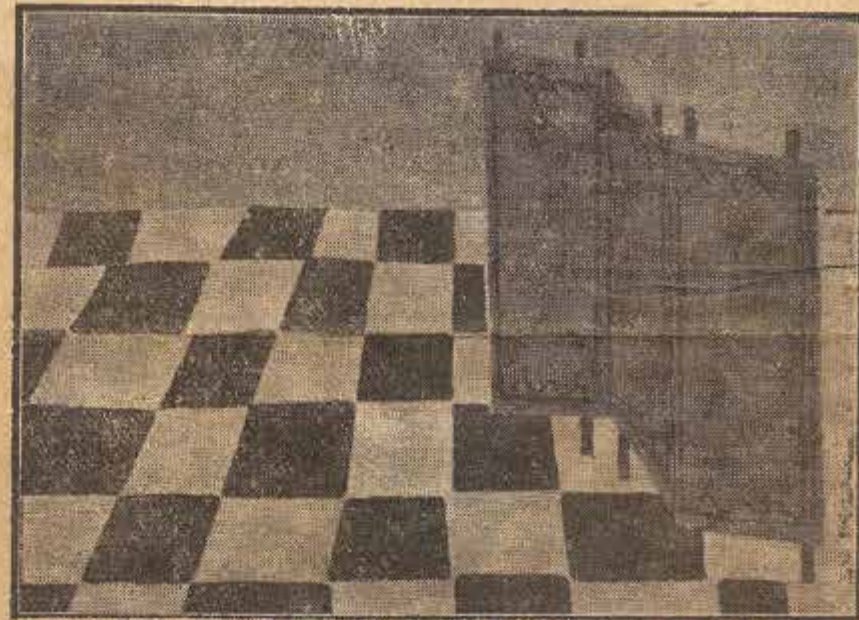
Como vimos, já no simples uso das cores há uma diferença de escolha que não teria a menor importância se fosse desligada de outras características.

A visão bidimensional, nos dois, fruto de uma irresistível vocação de aderir à tela, apresenta, entretanto, aspectos quase antagônicos. Em Volpi da última fase é sempre vertical. Fugindo a qualquer representação sólida, transforma os elementos num plano único, mas o que ele colhe são elementos sobre os quais o olhar do homem, em pé, incide perpendicularmente (fachadas, quadriculadas, santos e Nossa Senhora).

Em Eleonore aparecem duas modalidades. Na primeira, mais recuada no tempo, estende, na superfície do quadro, identificando-os, planos horizontais e verticais, criando uma visão ideal parecida com a das crianças e dos ingênuos, não fosse uma preocupação consciente da modulação dos campos cromáticos, relacionados entre si, segundo proporções cuidadosamente estruturadas.

Na segunda, como em "Sinal de Trânsito" ou em "Blomdo Rosa", sobre um fundo que liga a areia e céu, ou o asfalto e parede, num movimento ascendente constante, aparece um elemento (o sinal, o blomdo) que aderindo e nivelando-se à tela, não deixa de sugerir um espaço tridimensional, reforçado às vezes por ilares indicações prospettivas (ver "Blomdo Rosa", aqui reproduzido).

Nesta sugestão racional a terceira dimensão, completamente anulada pela tonalidade constante das cores, está a meu ver a originalidade compositiva do artista. E esta composição revela o diferente sentido, mais racional e complexo que da vida tem a pintora paulista. A violação intencional das coordenadas do asfalto quebrando o eixo são uma amostra de sua lírica liberdade.



BLONDOS ROSAS, pintura a tempera de Eleonore Koch, atualmente na «Petit Galerie».

— FOLHA DE S. PAULO — 1.ª edição — 4.ª-feira, 6 de julho de 1960



### Exposição de Eleonore Koch —

Foi inaugurada ontem, às 19 horas, na Galeria de Arte São Luís, uma exposição individual de trabalhos (pintura e desenho) de Eleonore Koch. A cerimônia estiveram presentes, entre outros, críticos e artistas: Isai Leirner, Arnaldo Pedroso Horta, Lourival Gomes Machado, Fernando Le-

mos, Clóvis Graciano, Cassio M'Boy, Fernando Odriozola, Rebolo Gonçalves, Gerner Brentano, Lívio Abramo e Alfredo Volpi. A exposição, que apresenta 21 trabalhos de desenho e pintura, estará aberta das 10 às 22 horas até o próximo dia 25. Na foto, da esquerda para a direita, o sr. Lourival Gomes Machado, a artista e o sr. Isai Leirner.

E, por outro lado, uma certa pintura de Volpi, a que incide com a sua influência na pintura de Thomaz Ianelli.

A experiência de Eleonore Koch encontrou na influência de Volpi, de um certo Volpi, um apoio bom, que acabou resolvendo a perplexidade palida da iluminação das telas que ela trouxe, há anos, de Paris. Mas se ali Koch encontrou a possibilidade de uma construção, retirada de sua profunda necessidade pensada e vivida, nos espetáculos da solidão tão bem expressos na sua última pintura, Ianelli parece ter transposto apenas o formulário, com variações pequenas, que são apenas aplicações aos seus vários temas. Não há, nele, nenhuma força construtiva, nem o colorido obedece ao desenho como caberia, numa pintura de indicações nítidas do objeto. Parece ter-se produzido, muito mais, uma tentativa maneirista, a que o prefaciador do catálogo procura advertir que não aconteceu. O registro não visa a uma polémica acerca da definição, que nos parece evidente, e é tão perigosamente evidente, que se tornou necessária a advertência. As possibilidades de uma experiência em formação valem, entretanto, através dessa pintura, de tanta unidade, e de tanta ausência, o que nos parece duplamente mau para um pintor jo-

O ESTADO DE S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 1960



### Pinturas e desenhos

Inaugurou-se, na Galeria São Luís, à av. São Luís, a exposição de trabalhos de Eleonore Koch, composta de pinturas e desenhos. Na foto, a artista ao lado de trabalho seu, ali apresentado.



# RF EM DIA



**ELEONORE KOCH E SUA PINTURA ESTRANHA**

Eleonore Koch nasceu em Berlim aqui chegando em 1938. Entre aulas, contatos com grandes nomes da pintura e viagens ao exterior, foi aperfeiçoando sua arte originalíssima e estranha em sua simplicidade tão densa e significativa. Os seus coloridos transcendem o assunto apresentado. A sua pintura tem algo de muito precioso no bom sentido. Cada quadro é como que uma revelação secreta da beleza de tudo que existe. Algo de misterioso místico e revelador emana de suas telas. Por isto também a produção escassa, porque cada uma de suas telas é de uma densidade emocional e simbólica extraordinária. Atualmente ela está expondo na Galeria Goeldi, com muito sucesso depois de ter participado da última Bienal.

## Telas de Eleonore Koch

Outro destaque de acervo efetuou a Petite Galerie, expondo num de seus recintos algumas telas de Eleonore Koch. Esta artista primitiva, de teor ora doméstico devido aos biombo, cadeiras, ladrilhos e mesas, ora "out door" devido a cenários quase surrealistas dispostos em praias, prossegue em sua casuística ingenua de autodidata sensível e singular. Seus temas são bem desenhados e bem coloridos, porém conservam a candida fatura das composições ideoplasticas, de desenvolvimento ainda infantil. Aliás, é nisso que reside a atração de suas telas que já fazem escola, tendo discípulos e imitadores.

## Artes Plásticas

### Pintura e não pintura do Brasil na VIII Bienal

A pintura brasileira na VIII Bienal oferece o mesmo quadro de que a Bienal em geral se faz o panorama mundial, nessa técnica: a pintura que abrange desde o ingenuo à "optical-art", conceda-se. Dentro do que se conhece dos artistas, houve algumas modificações: Palatnik, Darcy Penteado, Tereza Nazar, Raul Porto, Alberto Teixeira, Niobe Xandó e Wladyslaw tentaram essa inovação, alguns com menos sorte, outros com acentuados resultados, como Porto, Teixeira e Wladyslaw — este último acertando bem na "Sinfonia da grande cidade", quando outros quadros apresentam incertezas graves. Porto, em cinco colagens e tinta sobre duralex, assinala, em "Março 20", um trabalho ponderável de pesquisa. Teixeira acerta mais na sua "Estruturação sobre azul".

No plano que vimos assinalando, de modificações, Palatnik oferece-nos quadros de madeira aproveitando o ritmo dos veios das fitas cortadas, o que não faz quadro, ainda mais quadro de caveleto, senão apresenta notável sugestão para lambribs. Sua organização desses ritmos não atinge criação. Quanto a Darcy Penteado, sua subordinação à "pop-art", em tradução italiana, não nos convenceu; o artista há de voltar ao seu desenho. Deve-se ver que sua remessa para pintura e desenho não tem sentido; as duas são a mesma coisa, e nenhuma pior que a outra.

Niobe Xandó evoluiu bem para uma pintura inventiva, cheia de símbolos e de signos, não chegando porém à poesia cromática de Sepp Baendereck, artista de maior amadurecimento e formação diversa, que parte do misticismo e da música. Steio Oliveira Pereira também pertence a esse caso, embora com uma séria sobriedade.

Salmos já das inovações em artistas conhecidos; e pode-se logo assinalar que Carmello Cruz acentuou por demais a sua disciplina, embora um dos quadros, o "64 Cidade" se faça mais sensível.

Os quadros de Gershaman têm de novo o caráter da reportagem urbana, numa pauta gráfica que fica entre a ilustração e a caricatura. Vale pela soma dos elementos nitidamente indiesados; o tema do futebol caberia bem numa tede de clube do esporte britão. Tenreiro utilizando pregos faz alguns relevos curiosos, bem formulados no desenho. E Tomshigue Kusuno exagerou no tamanho e na concepção de

suas colagens e pinturas em madeira, tendo tido uma complacência do Juri de Seleção que é de comover, ainda depois de tudo, quando a indiferença cerca esses grandes formatos.

Naturalmente, houve a mesma boa vontade para com os cinco trabalhos de Barsotti, notro extremo, que nada acrescentam em seu geometrizmo; como nada acrescenta Zanotto, com suas composições em celofane e madeira.

Os grandes quadros expressionistas de Ivan Serpa ainda não nos devolvem, nas Bienais, o artista que ele é; o tema agônico explorado em ampliação seriada perde até a eficiência do que busca traduzir. Em polo oposto Quissak Jr., em que o Juri de Seleção jogou tantas esperanças, se faz em pintura negra o campeão da incommunicabilidade — ai a pintura acaba em meditações circulares. Voltamos à pintura, propriamente.

Os japoneses, insistindo em pintura, com Manabu Mabe à frente, formariam, em nosso entender, um agrupamento à parte, e de Mabe pode-se apreciar na VIII Bienal os quadros "Juramento" e "Condição humana", de amplo tratamento, embora em tons menos calidos. Fukushima talvez esteja melhor como "progresso" nas suas composições 109, 111 e 112, principalmente nesta ultima pela força convincente e poética de suas ressonancias. Na linha niponica é Tomie Ohtake a mais radical, embora tenhamos a destacar, em contribuição original apenas um excelente quadro dela, a "Forma em azul". As tentativas totalizadoras de Shirai não atingem uma plenitude, como ficam a dever dois quadros de Shiro; "Tafadut", "Carrossel", "Neste jardim" colocam-no bem dentro duma corrente de Paris.

Eleonore Koch prossegue em sua severa exploração do espaço em solidão de interiores; enquanto uma nova Ione Saldanha surge com uma contribuição modestíssima, um ponto de partida talvez; e Maria Polo faz excessiva praça de sua "aproximação" a Soulages. As pinturas de Sheila, na Bienal, mostram-na bastante difusa; em sua exposição na As-treia, porém, a artista deu uma ênfase expressiva ao seu desenho, e voltou à clareza de seus temas.

Três artistas do Rio dão numerosa contribuição à VIII Bienal, porém, dentre eles somen-

te Benjamin Si temas com cor entre abstrato e mestre Schaeffe inovação com o quinas obsedant gra comunicação não se comprete as composições lo, talvez decor escala inadequa

Aqui prestem nagem á segura Henrique Boese, matos, no seu te coloridos, de un grave beleza re palmente nos qu afirmação dele maturidade é de não cessou de como tal.

E pintura, em quentemente tramentamento intenso, nos cinco quadri nesta Bienal. I quanto á passagem do visitante, a h tretanto, prejud eles, dando de c A' noite porém el dos á sua inteira minada, salvo o essa soberba "Ma é o ultimo, depoi Wega atingiu uma singular situ fronto deste co originalidade que freemencias de luz sigão de imagens de uma poesia so da, é confronto q Não há outro con drugada" forma si petaculo plastico vel sugestividade ção. Wega chegou se da pintura que estudada numa re ve como esta. "E azul", também, e morada analise. F — G. F.

GLOBO 7-3-70 13 Página 12

# Sucessos nossos na Europa

Como dá gosto encontrar artistas brasileiros fazendo sucesso no estrangeiro, realizando suas exposições, não em galérias oficiais, mas naquelas que expõem seus trabalhos porque esses interessam realmente ao "marchand" em busca de novos valores.

## ARTES PLÁSTICAS

Vera Pacheco Jordão



Os quadros que a pintora paulista Eleonore Koch expõe em apreciação a singularidade desses objetos intensamente vivos no vasto espaço vazio

cia da tempera que chega a dar efeitos de textura.

Tão original é sua pintura, que um colecionador à procura de novos talentos, o milionário Alistair McAlpine, antes mesmo da exposição, adquiriu dez quadros no atelier da artista.

Nos primeiros dias de exposição Eleonore já havia vendido seis quadros, dos quais somente dois haviam sido adquiridos por brasileiros.

Gostaria de transmitir ao público brasileiro a bela apresentação feita no catálogo pelo pintor Rolf Brandt, sob o título "Os Jardins de Eleonore".

"Eleonore inventa jardins solitários e parques distantes. Nenhum ser vivo penetra nesses inatingíveis sonhos de transparentes cores. Nenhum pássaro voa por ali. No verde incerto perdem-se os remanescentes de uma vida anterior: uma cadeira de jardim, arcos desnudos, um monumento grande demais, um sombrio estande pende ainda no ar gelado.

Olhando através de um telescópio vê-se um mundo estranho e remoto, que parece irreal e sem profundidade. A perspectiva desaparece, resta apenas a ocasional constelação de objetos no espaço. Esses objetos são, talvez, os acessórios de uma peça aqui representada há muito tempo. Do gênero da peça não se pode afirmar: uma comédia talvez, ou uma dança de cerimônia, mas dificilmente uma tragédia. Os atores partiram e os espectadores se dispersaram, ficou tudo quieto, tão quieto que chegamos a pensar que talvez nem um deles estivesse ainda vivo, e não sobrasse ninguém que pudesse lembrar algo dos estranhos acontecimentos que se passaram nesses misteriosos jardins."

Não cheguei a Londres em tempo de comparecer à inauguração da mostra individual de Eleonore Koch, que lotou completamente a Portal Gallery, muito bem situada, na Grafton Street, que é travessa da elegante Bond Street.

Mas cheguei em tempo de apreciar a exposição da pintora paulista, discípula de Volpi, cujo trabalho altamente original já há alguns anos tive ocasião de comentar.

De então para agora, Eleonore não mudou. Evoluiu dentro da mesma linha. Continuando a pintar objetos solitários em vastos espaços, enriqueceu seu sentido plástico, jogando com imprevistos contrastes de cores, apurando com sutileza a fina transparên-



## Arte

### Rota solitária

Pinturas de Eleonore Koch, a aluna de Volpi

Quando partiu para morar na Inglaterra, no início dos anos 60, a pintora Eleonore Koch, nascida em Berlim e educada em São Paulo, deixou uma aura de mistério cercando o seu trabalho e a sua biografia. As poucas telas que fazia desapareciam com rapidez, disputadas por um pequeno círculo de colecionadores. O que se sabia, de modo vago, é que Eleonore Koch havia sido a única artista que o pintor Alfredo Volpi concordara em receber por mais de três anos para trabalhar em seu estúdio — e que ele havia ensinado à sua discípula os segredos da preparação dos pigmentos de cor e o uso requintado da técnica. Embora o descobridor de Volpi, o crítico e psicanalista Theon Spanudis, considerasse, já naquela época, Eleonore Koch uma grande colorista, sua pintura não conseguiu decolar para uma posição de maior destaque.

Essa injustiça começa a ser reparada esta semana. A partir de terça-feira, dia 22, a galeria Arco de São Paulo estará mostrando um conjunto de dezoito obras recentes (preços de 5 a 30 milhões) pintadas por Eleonore Koch ao longo de dois anos de trabalho. O que impressiona nas telas da discípula de Volpi é a estranha dignidade de objetos banais ou a força de paisagens totalmente imaginárias. Neste caso, não se trata da pintura de utensílios domésticos, como os ingleses começaram a fazer nos anos 60 — como as fruteiras de bolas de Patrick Caulfield ou os jarros de flores de David Hockney. Embora Eleonore Koch também pinte jarros de tulipas, mesas e biombo antigos, sua maneira de usar essas formas difere da figuração que surgiu há duas décadas atrás. "Nos anos 50, quisera-me aproximar da pintura metafísica. Mas, na verdade, o que eu sempre usei como tema foram imagens de relance do mundo de fora que coincidiram com as imagens que eu já trazia comigo", diz a artista. Em suas telas, é sempre possível encontrar detalhes de um canteiro inglês ou uma cômoda antiga de sua própria casa ou ainda o farol visto numa praia alemã — todos transformados em acessórios



Eleonore Koch: uma coleção de belas imagens a partir de objetos banais

de novas cenas, com uma atmosfera solene e solitária.

**CORES VIVAS** — De certa maneira, Eleonore sempre esteve à margem das grandes tendências da arte. Em 1952, quando no Brasil os artistas oscilavam entre a abstração e as novidades do concretismo, ela já experimentava paisa-

gens como uma cadeira num fundo neutro, apenas com uma almofada listrada, ou um sinal de trânsito em cores vivas, recortado na paisagem da praia. Ao pousar na Inglaterra, sua pintura também não se enquadrou nas exigências dos anos 60. Por sorte, ela conseguiu ser descoberta por um colecionador importante, Alistair McAlpine, que passou a comprar boa parte de sua produção e ainda auxiliou-a a fazer exposições na Rutland Gallery e na Campbell & Franks Fine Arts, de Londres. Depois de enfrentar vários problemas de saúde, nos últimos três anos, Eleonore Koch decidiu aplicar-se para esta exposição no Brasil. Afinal, sua última exposição numa galeria brasileira foi em 1965, há vinte anos portanto, na Galeria Goeldi, no Rio de Janeiro. Desta vez, a mostra não chama a atenção somente para o refinamento de suas imagens. Ela demonstra também que Eleonore conseguiu libertar-se das sombras e influências de seu antigo mestre Volpi. E só conservou as regras de seus ensinamentos: formas sintéticas, simplificadas e as suaves cores da técnica. Sua coleção de imagens — todas com pequenas afinidades entre si, como num concerto de câmara — deixa transparecer a severa elegância de uma artista que mereceria ter sua obra mais valorizada.

CASIMIRO XAVIER DE MENDONÇA



A Praia com o Farol: paisagem em cores suaves

## ARTE

### Na trilha do mestre

Volta ao Brasil a única discípula de Volpi

Certamente não é esse o maior nem o mais agradável elogio que se pode fazer à pintora Eleonore Koch — mas pelo menos no Brasil continua sendo um título ilustre. Em 1953, ela começou a frequentar regularmente o ateliê do pintor Alfredo Volpi, em São Paulo, com quem conservou por mais de dez anos uma relação de trabalho e amizade. Com isso, foi guindada à posição de "única discípula" do mestre. Além do mais, Eleo-

havam construído, é uma criatura amável, que não posa nem de longe de grande artista ou de mito. Conserva, pelo contrário, uma franqueza e uma coragem quase de criança. "Eu nunca consegui nada por aqui", lembra, por exemplo, Eleonore. "Fui rejeitada em três bienais e só entrei na quarta porque o Volpi era do júri e batalhou." Isso, aliás, não é bem exato. A pintura de Eleonore tinha qualidades. Apenas não estava na moda

mente, e durante anos, a sua subsistência e produção.

Foram anos de recolhimento e batalha — os quais Eleonore pensa agora em encerrar, voltando para o Brasil. Herdou aqui uma casa, começa a ser solicitada pelo mercado, e em Londres a solidão já estava se tornando insuportável. Mas foi dentro da solidão, sem dúvida, que intensificou e decantou o universo que agora aparece em suas pinturas. De Volpi, na verdade, ele possui duas coisas das quais a pintora até se orgulha: a técnica muito artesanal (têmpera a ovo sobre telas de linho grosso) e uma delicada textura rítmica, feita com pinceladas visíveis e suaves, que no caso de Eleonore se entrecruzam, porque ela é ambidestra. Mas não é uma pintura volpiana —

FOTOS DE ZENHA



Eleonore Koch: em seus quadros, o perfume da "pintura metafísica"

nore — nascida em 1926 em Berlim, emigrada aos 10 anos para fugir ao nazismo — se mudou em 1966 para a Inglaterra, ausentando-se do bochicho e do nascente mercado brasileiro, sempre produziu pouco e deixou aqui raríssimos amigos. Consequentemente, acabou-se criando a seu redor um clima meio intangível e surreal. E para ele contribuiu também a atmosfera de seus próprios quadros, peculiares, estranhos, rarefeitos, eventualmente vistos em uma ou outra mostra e em algumas boas coleções.

Desde a semana passada, entretanto, Eleonore Koch está de volta ao Brasil para uma mútua redescoberta. Na Galeria Arco, em São Paulo, ela expõe dezoito telas dos últimos dois anos. Embora reduzido, o conjunto é denso e suficientemente eloquente. E a seu lado pode-se encontrar, com surpresa, a pintura. Longe de ser a pessoa intocável que a história e a imaginação

da época — como nunca estará em qualquer moda. Estilisticamente, é pessoal e atemporal, sem qualquer preocupação em bajular as tendências do momento.

Talvez por isso, é verdade que a carreira brasileira de Eleonore nunca foi um grande sucesso. Cumpru certos rituais — como as bienais e algumas individuais em galerias —, teve pouca e respeitosa repercussão crítica, mas não foi badalada pelos arautos das vanguardas e muito menos circulou no incipiente mercado. Sem poder viver de arte, e ao mesmo tempo desafiada a apostar o cacife, a checar um talento de que ela mesmo chegara a duvidar, mudou-se então para a Europa. Teve ao mesmo tempo sorte e persistência. Primeiro percorreu literalmente dezenas de galerias com telas enroladas sob o braço — para ouvir que seu estilo não convinha à casa. Depois foi descoberta por um colecionador jovem e milionário, Alistair MacAlpine, que custeou pessoal-

mesmo porque, como era de se esperar, o conciso Volpi não chegou a ensinar muita coisa. "O que aprendi foi observando e convivendo, comendo com ele, lavando os pratos, vendo-o preparar suas telas, cumprir seu ritmo de trabalho, viver seu destino de artista e ter a coragem de destruir o que não passava por seu crivo", lembra Eleonore.

Quanto ao seu próprio destino — que aqui se reafirma —, é o de fazer uma bela pintura para poucos, avessa ao apelo, estrita como um verso de João Cabral de Melo Neto. Com objetos banais (alguns de forte carga simbólica: relógios e pássaros) e fragmentos de paisagem, Eleonore Koch ressuscita o misterioso perfume e o tempo cristalizado da "pintura metafísica" dos italianos do começo do século — Carlo Carrà e Giorgio De Chirico —, de cuja família espiritual ela é o mais puro representante no Brasil.

Olívio Tavares de Araújo A



Antonio Gonçalves Filho

Artistas que tiveram reconhecimento tardio são muitos – e os motivos, quase sempre, injustificáveis. A pintora berlimense Eleonore Koch, há anos morando no Brasil, é um desses casos, assim como Mira Schendel (1919-1988), pintora nascida na Suíça e que também construiu sua carreira no País, hoje mundialmente reconhecida graças a exposições internacionais em museus como o MoMA de Nova York. Aos 87 anos, Eleonore Koch, a única discípula que Volpi teve, conviveu com Mira e outros grandes nomes da arte brasileira, entre eles o neoconcreto Willys de Castro (1926-1988), mas sempre conservou sua autonomia, não se filiando a movimentos.

Reservada, ela é em tudo o oposto dos artistas barulhentos hoje disputados em leilões internacionais, embora esteja representada nos melhores acervos particulares do Brasil – entre eles os dos colecionadores de Volpi. Agora, com o lançamento do livro *Lore Koch*, assinado pelo crítico carioca Paulo Venâncio Filho, o círculo dos admiradores se expande, surpreendidos pela potência de sua pintura intimista, austera, avessa a concessões.

Um dos primeiros a atestar a importância dessa obra foi o psicanalista e crítico de arte Theon Spanudis (1915-1986), que teve um papel fundamental na divulgação do trabalho de Volpi (ele, inclusive, doou sua coleção em vida, legando ao MAC obras dele e da aluna Eleonore). Foi Spanudis, aliás, quem aproximou os dois. Eleonore, ou Lore, como os amigos a chamam, não sabe explicar a razão de ter escolhido Volpi como mestre, entre tantos bons pintores. Ela frequentou seu ateliê de 1953 a 1956, sempre aos sábados, e aprendeu com ele a antiga técnica da têmpera, usada pelos pintores italianos entre os séculos 14 e 15.

Volpi não era propriamente um pedagogo, mas é possível notar sua influência em duas raras telas de Eleonore que retratam a figura humana, justamente dois dos filhos do pintor, Teto e Djanira (retratados, respectivamente, em 1953 e 1956). Nessas duas pinturas, as marcas das pinceladas livres contrastam com a precisão com que a artista recomponha mais tarde os objetos de suas naturezas-mortas, de um ascetismo típico de Morandi, mas com uma diferença em relação ao italiano: esses objetos, no caso de Eleonore,



Desolada. Paisagens da artista e as suas naturezas mortas registram o vazio e a paixão por objetos



Volpi, que foi paisagista no começo de carreira, passava a estruturar sua pintura de forma menos dependente da observação externa e mais da memória visual – e de sua capacidade estrutural. Talvez seja a grande lição transmitida a Eleonore. No livro, várias fotos que registram os modelos reais das paisagens da pintora atestam que ela busca não a representação dessa paisagem, mas a simplificação geométrica do mundo, a exemplo do americano Richard Diebenkorn (1922-1993), um dos líderes do movimento figurativo Bay Area e depois do abstracionismo lírico.

Há uma construção quase teatral nas cenas interiores de Eleonore. Várias telas destacam a figura de um biombo que, segundo ela, evoca a separação do mundo privado, íntimo, do público, “um divisor de duas realidades”, segundo suas palavras. A pintora trabalhou com o diretor polonês Zieminski e sua passagem pelo palco como assistente de figurino da sua companhia (*Os Comediantes*), em 1948, aparece refletida em telas dos anos 1950.

Eleonore, filha da psicanalista Adelheid Koch, de certa forma, usou a pintura como terapia. A mãe não a incentivou a virar pintora, revela. Ao contrário. Quando pequena, Lore fez desenhos que Adelheid não aprovou. Mais tarde, já adulta, retomaria alguns deles, como o da cozinha no abismo. “Querida, se não pela pintura, pela minha personalidade”, também recusada pela Bienal de São Paulo nas três primeiras edições, ela participou posteriormente da mostra internacional, a partir de 1959, mas enfrentou críticas negativas no começo de carreira, perseverando até obter êxito. Só não continuou a fazer escultura – que aprendeu com o francês Robert Coutin em Paris e Bruno Giorgi no Rio – porque achou que “não tinha nada de novo” a dizer na técnica. Há mais de dez anos deixou de pintar, ao perder a visão do olho direito. Sua última exposição, uma retrospectiva com poucos trabalhos, *Eleonore Koch: Mundo Onirizado*, foi realizada em 2005, no Centro Universitário Maria Antonia.

“QUERIA SER ACEITA SE NÃO PELA MINHA PINTURA, POR MINHA PERSONALIDADE”

Seu olhar é intermediado por ela, mas a imagem do mundo que a câmera capta, esclarece, “tem de coincidir com a existência de tal imagem dentro de mim”. Assim, os jardins desolados com colunas consumidas pelo tempo, as paisagens desérticas ao Arizona e os piers devorados pelo oceano são imagens “de relance”, que capturadas pelo monocul da câmera, passam a ser realidade bidimensional na pintura de Eleonore.

Quando conheceu Volpi, o pintor já desenvolvia sua série de fachadas que, de certa maneira, encerravam o mundo lá fora.

## O mundo de Lore Koch

A única discípula que Volpi teve lança um livro com sua obra, aos 87 anos



Consagração. Pintora está nas maiores coleções do Brasil

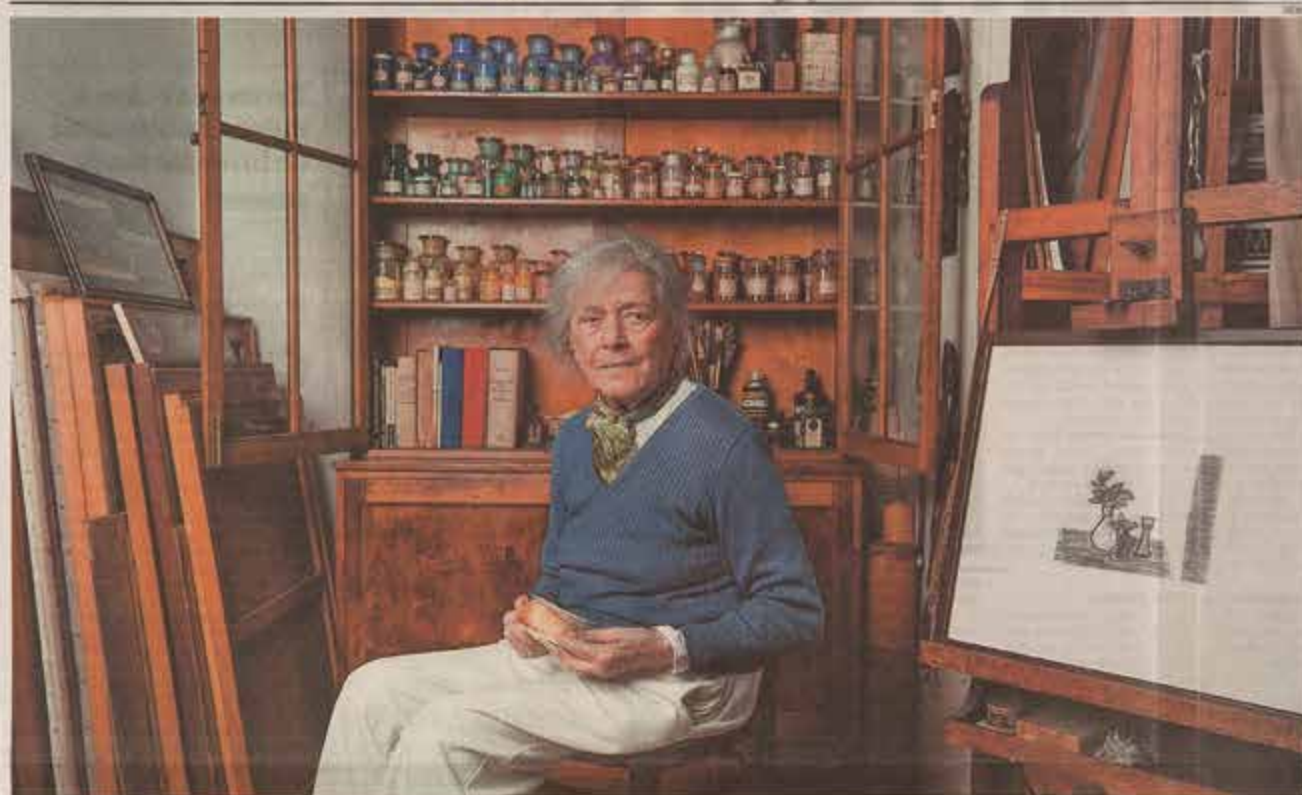
re, nunca foram simples pretextos para a pintura. E, além de tudo, a pintora nunca se alinhava aos artistas metafísicos.

O crítico Paulo Venâncio Filho aproxima o modo de ver da pintura ao do inglês Patrick Caulfield (1936-2005), um formalista associado à pop art (rótulo que ele nunca aceitou) cuja paixão pelos objetos o levou a pintar sempre o interior das casas com decisivo apelo para a figura, representada de modo não realista. O repertório das naturezas-mortas de Eleonore é igualmente limitado a objetos com os quais conviveu e convive – vasos, relógios, maquiagem – representados bidimensionalmente como nas pinturas de Morandi, numa tentativa de subverter a perspectiva isométrica (chamada toda, de 1964, reproduzida na página 129 do livro, que insinua largura, altura e profundidade com um sutil traço

vermelho típico de um esboço arquitetônico).

Eleonore aponta uma pintura em seu ateliê em que o matubo borroto parece solto no espaço, apoiado apenas numa linha horizontal branca à esquerda, que “sustenta” o objeto, a despeito de estar longe dele. Numa outra tela, doada por Spanudis ao MAC-USP, uma cadeira de madeira parece suspensa à beira de um abismo, embora o território rosa onde se encontra não sugira volume. “Sem, vacilar, a pintura de Eleonore vai se afirmar, e assim permanecer, nos gêneros mais simples, natureza-morta e a paisagem”, escreve o autor do livro, destacando o interesse da pintora pelo inanimado, o ambíguo, o impreciso. Francamente frontal, a paisagem de Eleonore lembra os amplos espaços vazios dos primeiros filmes de Renais e Antonioni, podendo ser igualmente associada às vistas parisienses do flâneur francês Eugène Atget (1857-1927), que passou a vida fotografando ruas despojavadas e desviando deliberadamente o olhar da figura humana.

**LORE KOCH**  
Autores: Paulo Venâncio Filho e Fernanda Pitta Cosac Nelly (264 págs. R\$ 145)  
Lançamento: dia 27, às 19h, Martins Fontes (Paulista, 509)



Eleonore Koch. A artista em casa, no Itaipu, em SP, sem pintar desde 2002, ela ainda guarda no armário os pigmentos que usou ao longo da vida, incluindo alguns preparados pelo próprio Volpi, com quem aprendeu a técnica da têmpera



Lore em quatro tempos. A parte da esquerda, tela sem título criada em 1951, 'Park in twilight' (1958) e duas pinturas também sem título, de 1971 e 1992: para o crítico Paulo Venâncio Filho, 'espelho quase simétrico', de observação mais sistemática

AUDREY FURLANETTO  
adrey.furlanetto@bol.com.br

“N”ão sei se posso dizer que fui sua aluna, porque Volpi nunca foi um professor”, lembra Eleonore Koch. Ainda assim, de 1953 a 1956, a primeira parça de 20 e poucos anos sua da USP, onde trabalhava, rumo ao ateliê de Volpi, no Somar, em São Paulo. Naquelas tardes de sábado, abriu seu cavalete, ajustava a tela e pintava — com o mestre, quase sempre em silêncio, por perto.

Foram aqueles dias, os melhores de sua vida, como ela diz hoje, aos 87 anos, que fixaram de Eleonore a única discípula de Volpi. Com ele, Lore, como é conhecida, aprendeu a técnica da têmpera e pintou mais de cem telas com formas minúsculas sobre fundos coloridos em que se veem os rastros das pinceladas. Ainda hoje, ela guarda os pigmentos que usou durante toda a vida — incluindo alguns feitos por Volpi. Mas, embora tenha participado de quatro edições da Bienal de São Paulo nos anos 1960, tenha exposto em Londres na década seguinte (e produzido lá por quase dez anos), só agora a artista, pouco conhecida até mesmo entre seus colegas, ganha um livro dedicado à sua obra, “Lore Koch” (Cosac Nelly).

Ainda assim, a publicação nasceu do desejo da própria artista. Com parte de sua obra distribuída entre colecionadores brasileiros e parte em sua casa, ela conta que procurou a Cosac, que já lançou livros de artistas como Isidoro Camargo, Maria Martins, Mira Schendel e Tunga. Recebeu o dono da editora, Charles Cosac, em sua casa, no Itaipu, e, enfim, viu sua pintura ser publicada no mundo (de 264 páginas) que chega às livrarias na semana que vem. Nela, o crítico Paulo Venâncio Filho descreve sua pintura como um “espaço às vezes quase onírico, sonho, suspense, que a ausência da figura humana acentua, impõe ao espectador modos da observação mais demorados, em suspensão, fora do tempo, encantatórios”. Há ainda quase 50 páginas só de cronologia — isso porque Lore tem boas histórias, para além das silenciosas aulas com Alfredo Volpi (1896-1988).

## Memórias da DISCÍPULA DE VOLPI

Aos 87 anos, Eleonore Koch, que pintou no ateliê do mestre, esteve em quatro Bienais de SP e trabalhou para a Scotland Yard tem vida e obra reunidas em livro

O próprio encontro com o pintor é uma delas. Ao desembarcar em Santos, de uma viagem a Paris, no início dos anos 1950, Lore conheceu o crítico e psicanalista Theon Spanudis. Ao mostrar a ele suas pinturas, ouviu que sua obra parecia confusa. Lore devia ter aulas com algum artista. — Ele me perguntou com quem eu gostaria de estudar. Não sei como, talvez tenha sido Deus, mas eu disse na hora: “Volpi”. E o Spanudis prometeu falar com ele, que rapidamente respondeu que não queria aluno algum. Ai tomei coragem e

fui eu mesma falar com o Volpi. Ele deve ter me achado muito decidida e acolheu. Fiquei frequentando o ateliê, sem falar. Era muito ligada a ele, completamente dependente, influenciada mesmo. Volpi era um Deus para mim — lembra. Mas o artista nunca foi de muitas palavras e sequer trabalhava ao lado de Lore. — Ele apenas olhava o que eu fazia, mas não pintava na minha frente. Nunca. E falava pouco. Justas vezes esquecer que uma vez ele me perguntou, apontando para uma parte da tela: “Que cor

você vai usar ali?”. Respondi: “Amarelo”. Então, ele disse: “Você vai botar o amarelo e vai ficar”. Por desadora, experimentei todos os amarelos que existiam. Mas nenhum calou. Ele tinha razão.

Muitos anos depois, quando já havia se mudado de São Paulo para o Rio, Lore seguiu mostrando suas telas a Volpi. Ele comprou algumas, segundo a artista, o que a fazia acreditar que, portanto, eram boas. Mas, de modo geral, a imponente alemã vendia pouco e sempre precisava de outros trabalhos para se sustentar.

Filha da psicanalista Adelheid Koch e do advogado Ernest Koch, Lore chegou ao Brasil aos 10 anos, fugindo do nazismo. Sua mãe havia sido convidada para dar aulas em São Paulo. As duas filhas (Eleonore, a caçula, e Esther) foram logo matriculadas na escola, mas “aquilo foi meio ridículo”, ela diz, já que ambas não falavam português. Foram duas anos para entender o idioma e acompanhar os estudos. Na adolescência, Lore tentou estudar Belas Artes. Não gostou. Seu pai lhe disse, então, que fosse trabalhar, e ela se tornou vendedora numa livraria. Pouco depois, vendo que o apreço da grã-tia pelas artes era sério, o pai deixou que fosse a Paris estudar escultura.

Na volta, queria provar para meus pais que podia trabalhar com pintura. Resultado: fui se assistente de cronografia na TV Tupi. Mas fui tudo errado na televisão, não era boa e fui demitida. Uma vergonha, mas foi isso mesmo — conta, rindo. Foi então que Lore cruzou com Geraldo de Barros, que tinha conhecido em Paris. E veio dele o conselho que ela diz ter carregado pela vida:

— Ele me disse: “Se você não quer ser crítica da pintura, ganhe a vida com uma coisa totalmente diferente. Assim, você fica livre”. Achei isso muito interessante e consegui um lugar como funcionária da USP. Trabalhei no serviço de documentação da universidade de 1952 até os anos 1960. Cuidava das fotografias das bienais e do barreiro brasileiro. Para mim, era ver e aprender.

Continua na página 3



# A discípula Eleonore Koch ganha retrospectiva

Mostra no Centro Universitário Maria Antonia aponta afinidades eletivas da artista, do mestre maior a Caulfield, Hockney e Atget

Aos 88 anos, a pintora de origem alemã Eleonore Koch resolveu voltar a pintar, após quase aposentatar os pincéis de seu ateliê, montado no pequeno sobrado dos Jardins onde morou sua mãe, Adelheid Koch, uma das figuras pioneiras da psicanálise no Brasil. Animada com sua retrospectiva no Centro Universitário Maria Antonia, que tem curadoria de Fernanda Pitta, a única aluna de Volpi, ainda insegura, nem parece a artista celebrada como guardiã do templo do mestre, a despeito da prolongada ausência do circuito comercial – ela sempre mostrou resistência a fazer quaisquer concessões, e um pouco por conta disso, só agora está prestes a ganhar um livro sobre sua obra, com texto de Paulo Venâncio Filho.

Eleonore Koch não só manteve cautelosa distância das galerias, mas das exigências ditadas pelo mercado. Nunca executou telas de grandes dimensões nem abandonou a figura – mesmo que seus objetos sejam apenas pretextos para uma pintura menos comprometida com a representação e mais com a construção de um espaço aberto, aparentemente tributário da pintura metafísica italiana. O advérbio fica por conta de outras afinidades eletivas de Eleonore Koch, como o fotógrafo



DE VOLTA – Eleonore (à dir.) e duas telas, *Private Pier Abandoned* (1974) e *Deserto do Arizona II* (1995)

anos 1960 e 1970, período de formação do pintor). Ainda que isso não haja ocorrido, a atração de ambos por paisagens desérticas e grandes espaços parece contrastar com o olhar intimista dos dois, voltado para os obje-

tos e o interior das residências, um pouco à maneira de Patrick Caulfield, que tenta ordenar o mundo a partir da casa.

Nas telas de Eleonore Koch, seu olhar fica dividido entre o espaço oculto da mora-

tra Paris como uma cidade de certa. Nela, a arquitetura expulsa seus habitantes para que a beleza não seja maculada pela presença humana, o que também se pode dizer de Nicholas de Stael, cujas paisagens abstratas influenciaram os americanos do movimento figurativo da Bay Area de São Francisco (Richard Diebenkorn e David Park).

O olhar de Eleonore Koch, ao contrário de Volpi, cuja inteligência visual contrastava com sua formação escolar precária é culto, intermediado pela busca de uma visão interior da imagem externa de uma paisagem ou de um objeto. Para usar uma expressão do pensador francês argelino Jacques Derrida, ele “desconstrói” essa paisagem para melhor entendê-la, reduzindo-a a elementos mínimos (exemplo de Diebenkorn). Mas, sobretudo, o que interessa a ele é o equilíbrio cromático de Volpi, sua divisão da tela em grandes áreas de cor e a redução de elementos arquitetônicos a formas geométricas. Afinal, ele foi seu mestre maior. **de A.G.F.**

**estadao.com.br**  
Visite galeria de imagens no site  
[www.estadao.com.br/foto/81](http://www.estadao.com.br/foto/81)

Plural CARTA CAPITAL

21.08.13

## Um talento à sombra

**PROTAGONISTA** Livro recupera a trajetória da alemã Eleonore Koch, que exerceu com persistência uma pintura fora dos ditames de sua época

por ORLANDO MARGARIDO

MUITAS cotidianidades poderiam ter desviado Eleonore Koch de sua vocação. Criancinha na Alemanha protestante, ela não nasceu a mão direita. Mais tarde, em Paris paratudo, viu o pintor de origem húngara Árpád Szenes adotar a tela que produzia em seu ateliê do olhar curioso da jovem. Situação semelhante na volta ao Brasil, Lore, assim tratada por amigos, viveria com outro mestre influente em sua formação. Alfredo Volpi, severo e avesso à convivência, não a deixava vê-lo no ofício. Determinada, a pintora acabou por conquistá-lo e tornar-se sua discípula oficial. Nessa trajetória o viúvo não ter o dom da pintura. Mas houve incentivo, em especial por parte de colecionadores que a adotaram em uma produção agora mais bem elucidada.

O livro *Lore Koch (Cocacatty)*, 264 págs., R\$ 140,00, em seu completo estudo do crítico Paulo Venâncio, uma prova também da condição particular que a costuma. Aos 87 anos, ela berlimense emigrada a São Paulo com a família à véspera do nazismo nunca havia tido uma compilação aprofundada de sua obra. Da geração de Clovis

Graciano, Marcello Grassmann, Carlos Schia e Iboré Camargo, ela se perguntava ainda hoje por que não alcançou o mesmo prestígio. Tanto quanto um dia a jovem judia ao retornar à Europa do pós-Guerra não foi acolhida nem como alemã nem como brasileira, e ainda precisou recorrer a um rabino para provar a sua ascendência. “A indefinição que cercou minha identidade também se refletiu na pintura, por ter desviado a meu criar uma pintura madura”, afirma.

Alguns aspectos podem esclarecer esse contexto, que ela relata a *CartaCapital* em sua redação paulistana com surpreendente lucidez, mas com o corpo frágil e mãos que não mais conseguem manejar pincéis e cinza. Voluntária, ela não se impôs contra as regras. Sua primeira decisão foi entender na colza de um desenho esboço não uma bailarina, mas uma rosa. Recusou o método da Escola de Belas Artes de São Paulo, levado pelos pais, e foi trabalhar com encenação em livrarias como a Nabe e a Komma, frequentadas por artistas e intelectuais nos anos 1940. Descobriu um artista inovador e foi aprender zoologia com Elisabeth Nolling de desenho com Yolande Mohr, que sugeriu à jovem usar a mão esquerda.

Também se interessou pela escultura com Ruyt Giorgio. “Mas isso porque se modelava diretamente o material, sem esboços anteriores. Essa liberdade era o que eu procurava.”

As experiências reverberaram. Em 1946, com a melhora financeira da família, seguiu para Paris, onde se cercou na escultura com Robert Coutin, e depois no desenho e na pintura no ateliê de Szenes. Nessa cidade efervescente, conviveu com nomes como Mario Graber e Otávio Araújo. “A partir desse momento senti que tinha meu trabalho, que poderia começar por meus próprios pés na arte.”

Quando voltou ao Brasil, mais uma vez se encontrou face de síncopa com as tendências em voga, especialmente o concretismo, assim como foi com o abstrato do grupo de Saneado Funch. Desde o início, o figurativo se impôs com

David Hockney, a quem prestou tributo na sua série de desertos americanos. Coisa, porém, a em italiano de origem radicado em São Paulo a maior aficção. Com a infância de Spangola, Lore chegou a Volpi nos anos 1960 para aprender técnica. A colaboração de ambos é evidente em pinturas com fachadas ou mesmo com símbolos como o brinquedo Mami Gortosa. Lore comentou um dia a ligação intensa e pessoal, mas hoje a aceita tranquila. “Não sei explicar o que me ligou a ele, mas sei que fui dependente e sou devedora de Volpi em muito do meu trabalho.”

Em 1968, ela se estabeleceu em Londres, onde descobriu ser possível sobreviver de suas pinturas quando conheceu o escritor McKnight, mais tarde figura proeminente do governo Thatcher, ofereceu um contrato de produção à pintura. O compromisso duraria uma década, mas boa parte das pinturas dela seria destruída num incêndio da residência do casal em 1982. Por sorte, ele sempre fotografou todos os seus trabalhos, o que se tornou a pesquisa de campo, para executar as paisagens de jardins, por exemplo.

Quando trágico não o golpeou de vez, porque ela havia se entregado anos antes a sessões de análise no Rio de Janeiro. A filha de Adelheid Koch, uma das introdutoras da psicanálise no Brasil, recorreu à terapia em momentos difíceis, alvo de críticas virulentas como foi certa vez a de Gerardo Ferra. “Não por acaso há uma letra do meu trabalho pela via da psicanálise. E não só nos aspectos que pintei”, afirma. “Dizem que aquela cadeira no centro da tela é a de um analista”, completa, em referência à obra esboçada para estampar seu livro definitivo. ■



## DESENHOS E ESTUDOS

Eleonore Koch  
Foto: Luciano Momesso





Frente



Verso

**91** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 47 x 40 cm  
 técnica mista sobre papel

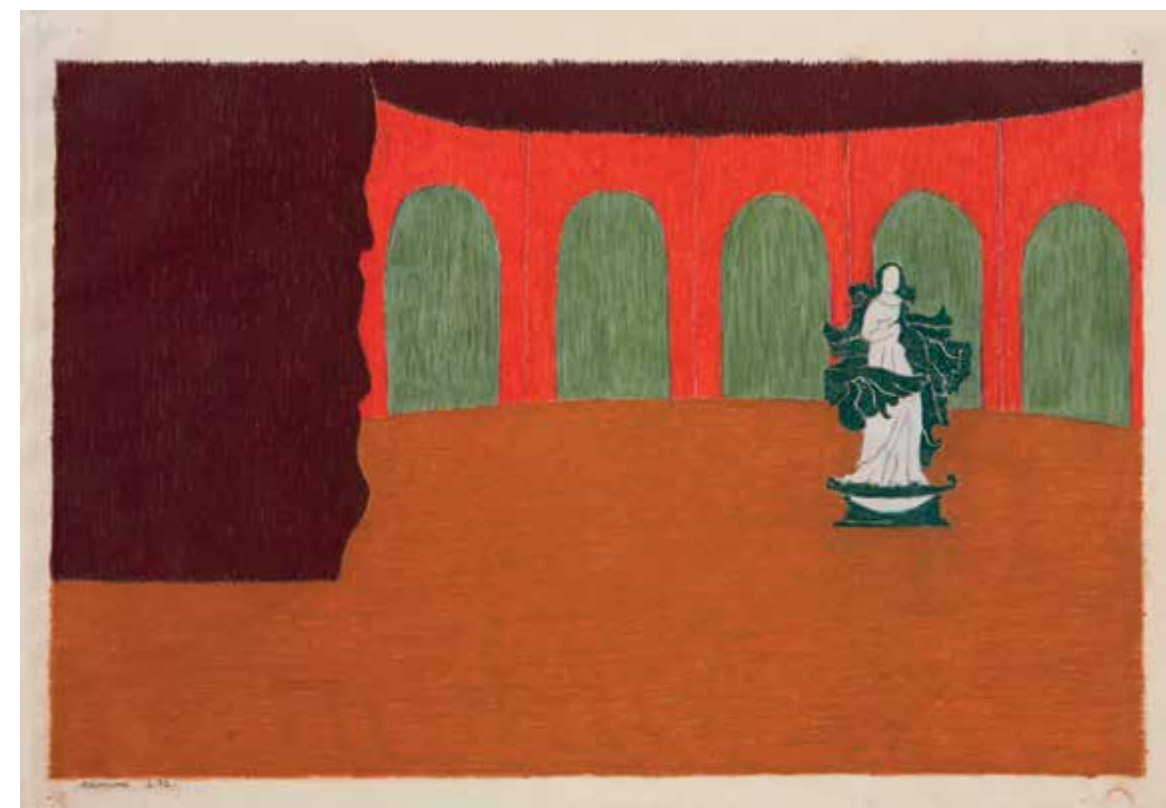


**92** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 76 x 59 cm  
 pastel sobre papel  
 ass. inf. dir.  
 1991



**93** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 45 x 60 cm  
 pastel sobre papel  
 ass. inf. esq. / 1971

**94** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 45 x 65 cm  
 pastel sobre papel  
 ass. inf. esq. / 1972







**95** ELEONORE KOCH  
*Mata Borrão e Papel Amassado*  
50 x 61 cm  
técnica mista sobre papel  
ass. inf. dir.  
1997

**96** ELEONORE KOCH  
*Folha de Papel, Mata Borrão e Papel Amassado*  
55 x 75 cm  
pastel e grafite sobre papel  
ass. inf. dir.  
1998



**97** ELEONORE KOCH  
*Papel Amassado e Mata Borrão*  
55 x 75 cm  
técnica mista e colagem sobre papel  
ass. inf. dir.  
1997

**98** ELEONORE KOCH  
*Papel Amassado e Mata Borrão*  
50 x 70 cm  
pastel sobre papel  
ass. inf. dir.  
1997







**99** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
55 x 75 cm  
pastel sobre papel

**100** ELEONORE KOCH  
*Deserto do Arizona*  
59 x 80 cm  
pastel sobre papel  
ass. inf. esq.  
1996



**101** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
55 x 71 cm  
pastel sobre papel  
ass. inf. dir.  
1987

**102** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
55 x 75 cm  
pastel sobre papel  
ass. inf. dir.  
1987







**103** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 60 x 50 cm  
 pastel sobre papel  
 ass. inf. esq.  
 1986



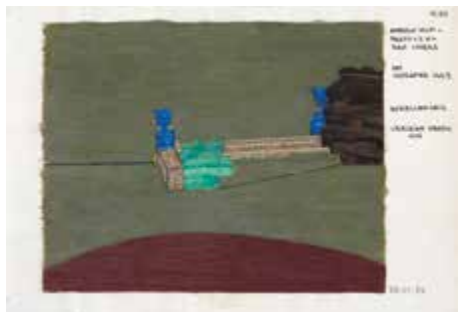
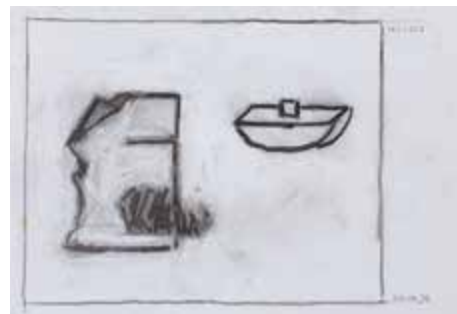
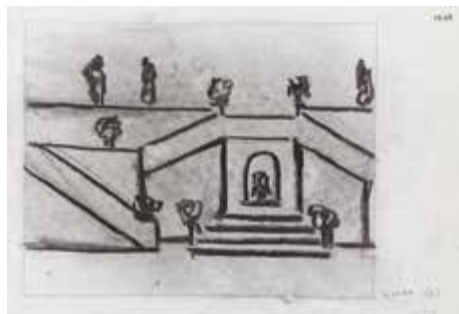
**104** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 65 x 48 cm  
 pastel sobre papel  
 ass. inf. esq.  
 1972





Eleonore Koch  
**Foto:** Luciano Momesso

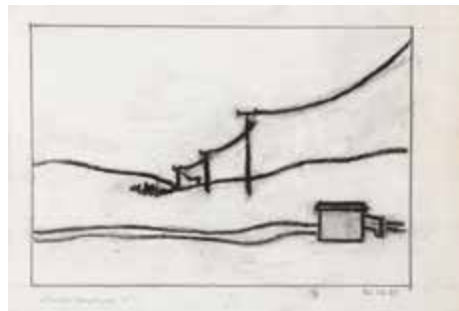




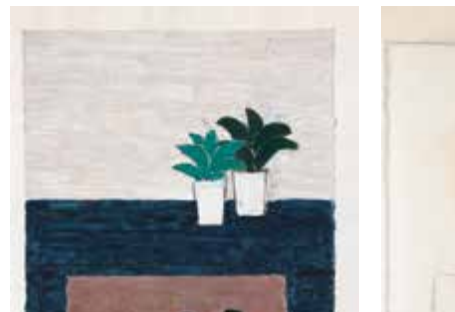
**105** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.



**107** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.



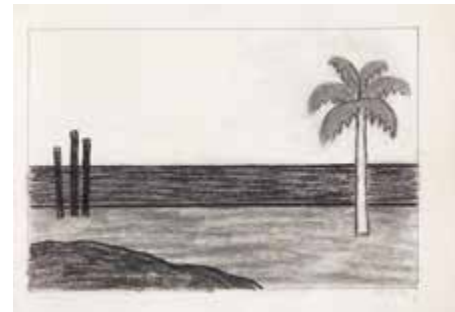
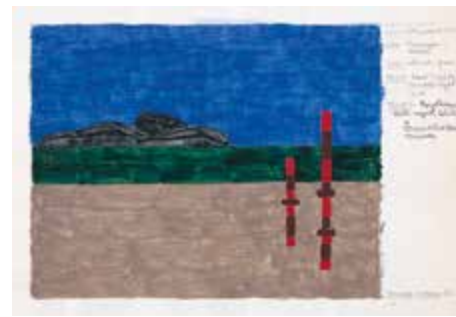
**106** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.



**108** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.

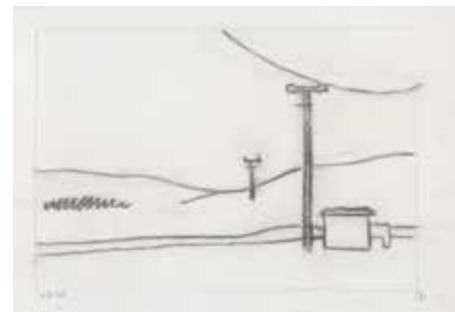
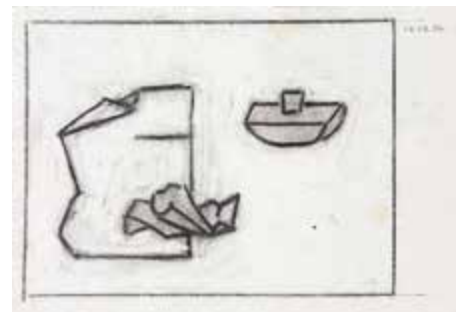
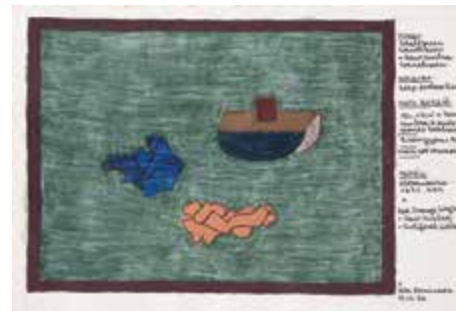
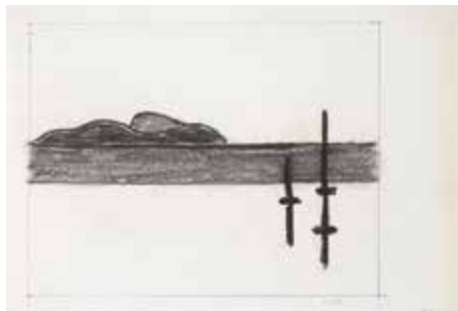
\*As medidas de cada obra podem variar





**109** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.

**111** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.



**110** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.

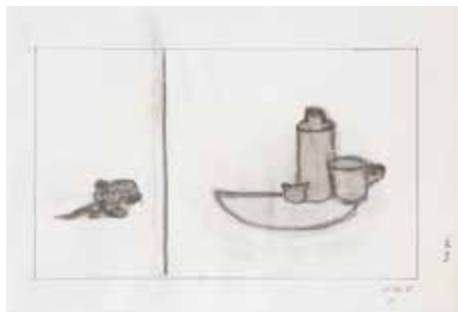
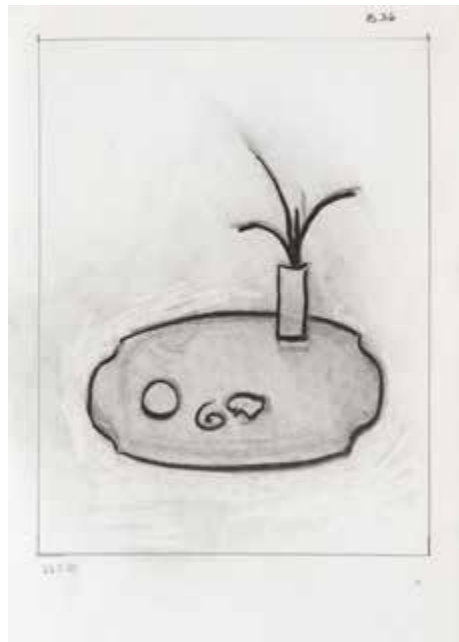
**112** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.





**113** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1990  
 Conjunto com 5 obras.

**115** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.



Reproduzido no livro "Lore Koch", Paulo Venancio Filho, Editora CosacNaify, 2013, na pág. 57.



**114** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.

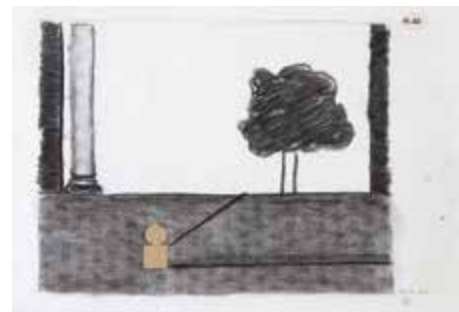
**116** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.





**117** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 32 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1990  
Conjunto com 5 obras.

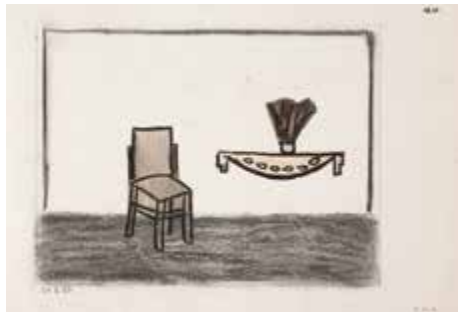
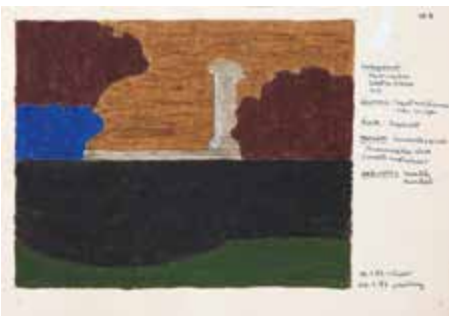
**119** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.



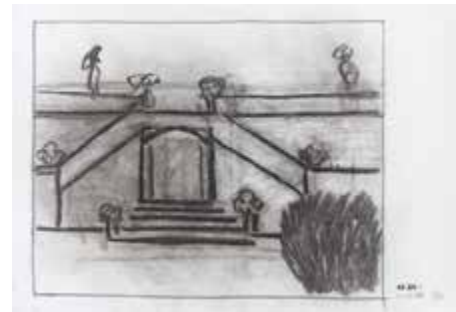
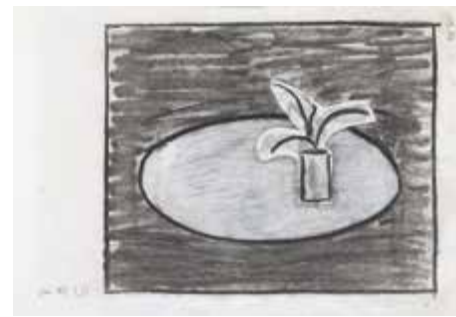
**118** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1990  
Conjunto com 5 obras.

**120** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.

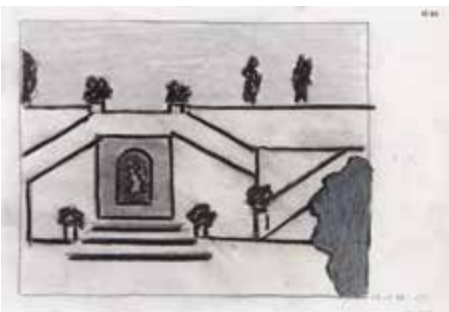




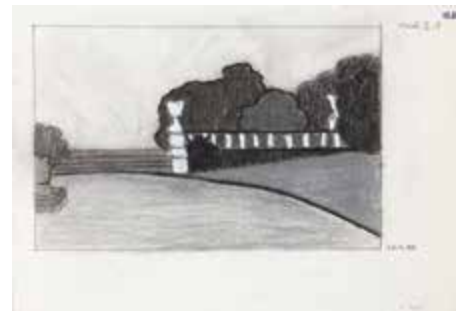
**121** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.



**123** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.



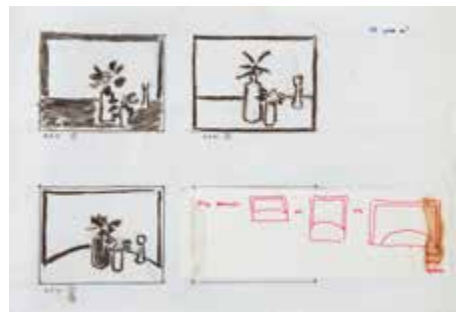
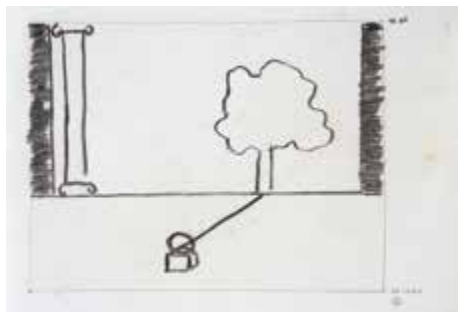
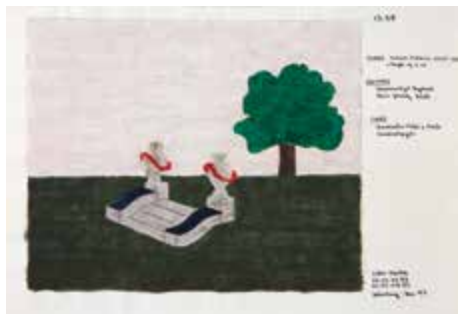
**122** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.



**124** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.

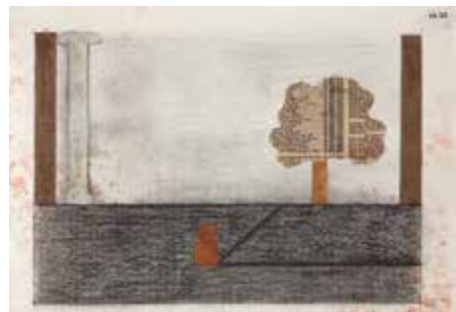
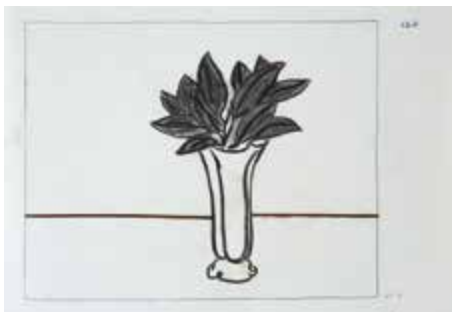
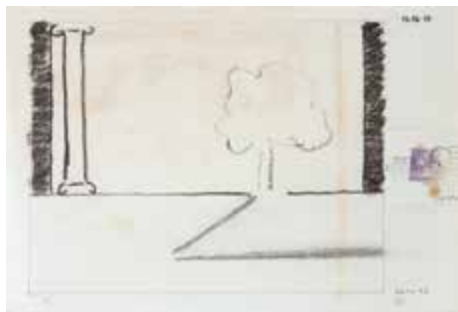






**125** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.

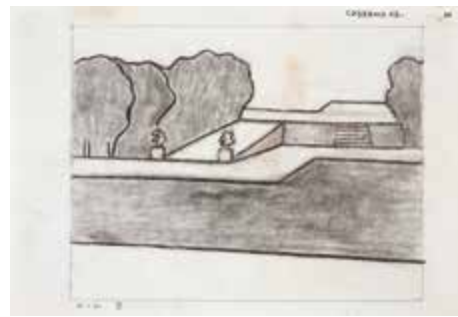
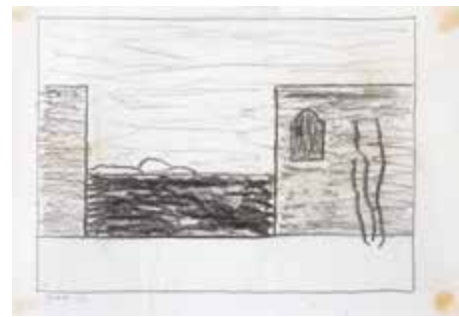
**127** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.



**126** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.

**128** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.

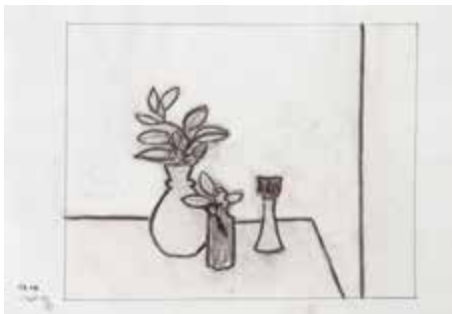




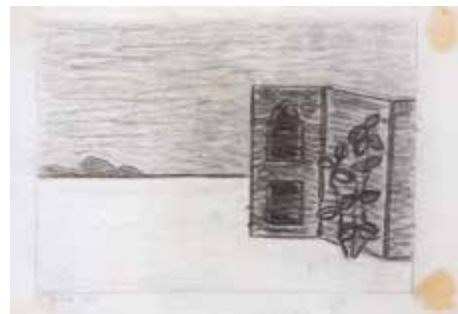
**129** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.



**131** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1970  
 Conjunto com 5 obras.

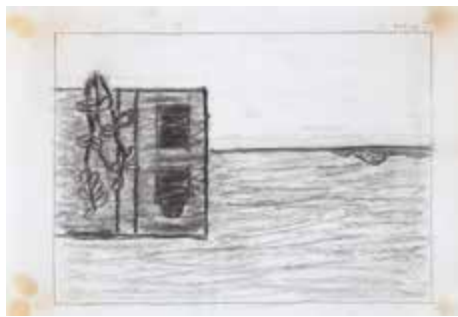


**130** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.



**132** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1970  
 Conjunto com 5 obras.

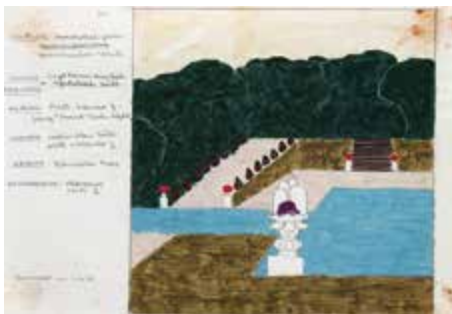
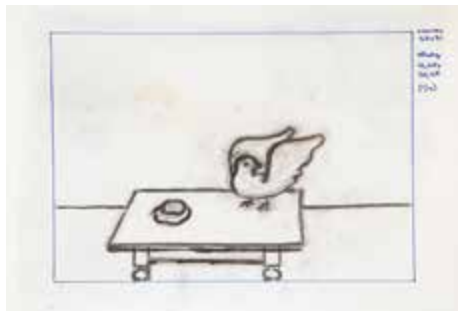




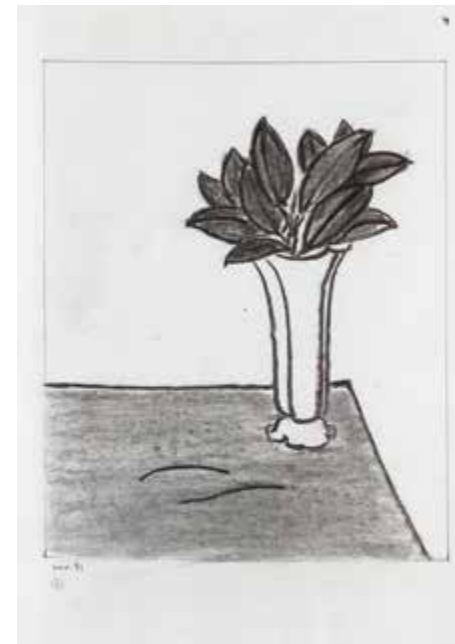
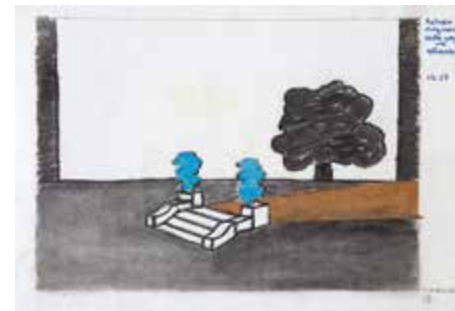
**133** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1970  
Conjunto com 5 obras.



**135** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1970  
Conjunto com 5 obras.

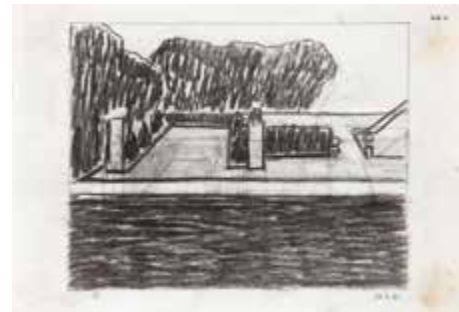


**134** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1970  
Conjunto com 5 obras.



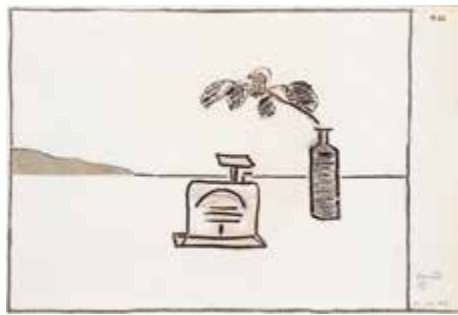
**136** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.





**137** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.

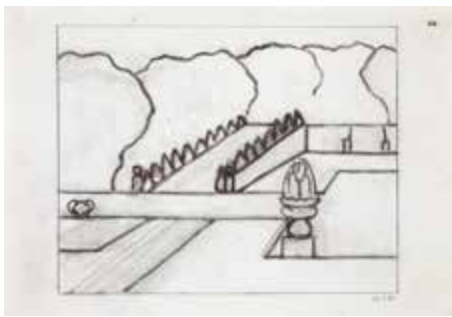
**139** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1970  
 Conjunto com 5 obras.



**138** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
 21 x 30 cm (cada\*)  
 técnica mista sobre papel  
 déc. 1980  
 Conjunto com 5 obras.

**140** ELEONORE KOCH  
 técnica mista sobre papel  
 assinado  
 1982/99  
 Vaso de Folhas - 52 x 79 cm  
 Vaso - 20 x 27 cm  
 Sem Título - 21 x 28 cm

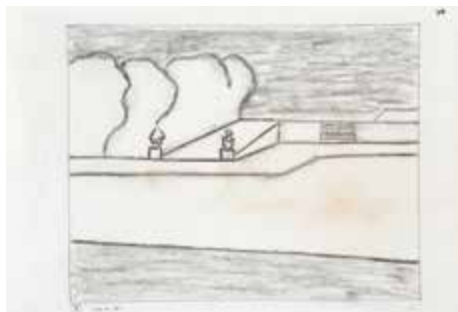
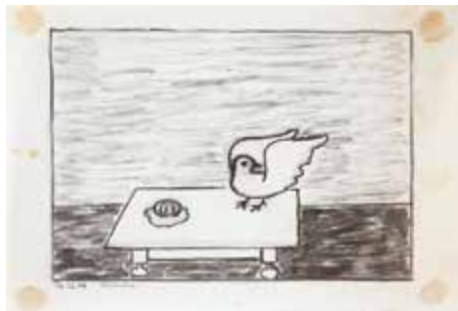




**141** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1970  
Conjunto com 5 obras.

Reproduzido no livro "Eleonore Koch, mundo ordenado"  
Centro Universitário Maria Antonia, 2009, na pág. 58.

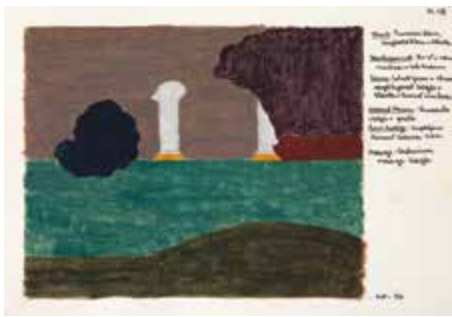
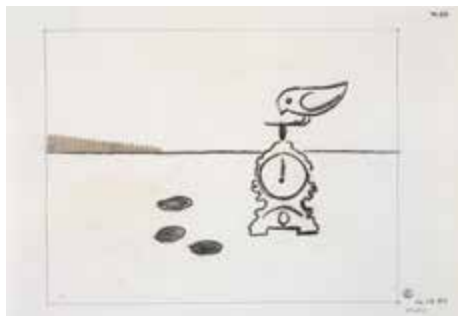
**143** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1970  
Conjunto com 5 obras.



**142** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1970  
Conjunto com 5 obras.

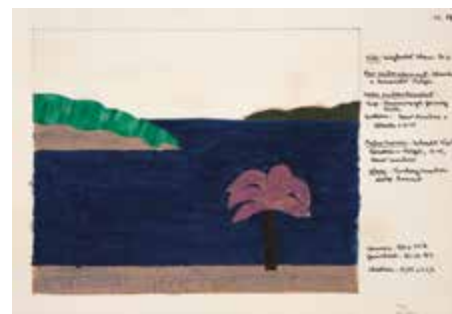
**144** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.





**145** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.

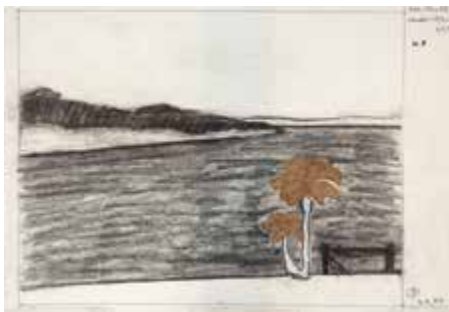
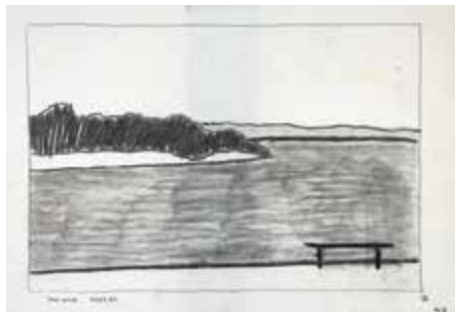
**147** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.



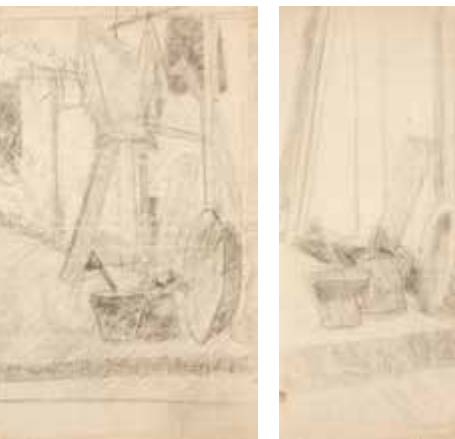
**146** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.

**148** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 5 obras.





**149** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
21 x 30 cm (cada\*)  
técnica mista e colagem sobre papel  
déc. 1980  
Conjunto com 6 obras.



**151** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado

Círculos - 33 x 50 cm (com papel vegetal)  
Bule - 50 x 60 cm  
Estudo de Figura - 50 x 64 cm  
Figura Masculina - 65 x 50 cm  
Objetos - 63 x 48 cm  
Objetos - 63 x 48 cm  
Figura Feminina - 50 x 32 cm (com papel vegetal)

Reproduzido no livro  
"Lore Koch", Paulo  
Venancio Filho,  
Editora CosacNaify,  
2013, na pág. 15.



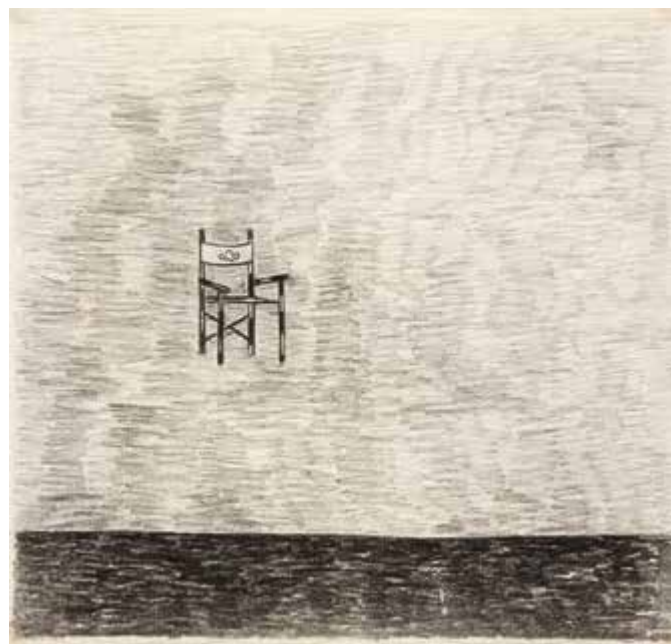
**150** ELEONORE KOCH  
*Sem Título*  
20 x 28 cm (cada\*)  
técnica mista e colagem sobre papel  
1999/2000  
Conjunto com 6 obras.



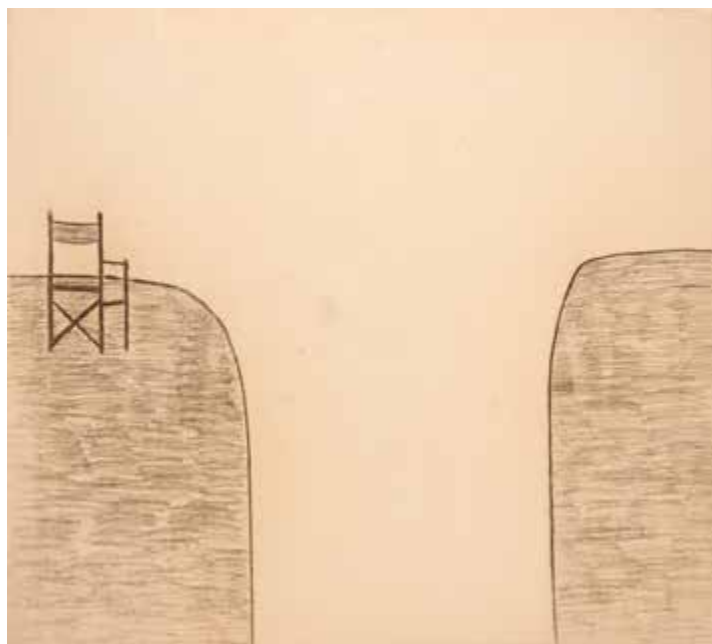
**152** ELEONORE KOCH  
nanquim e aquarela sobre papel  
assinado / 1949

Figura Feminina - 66 x 47 cm  
Figura Feminina - 66 x 47 cm / Menino - 56 x 37 cm

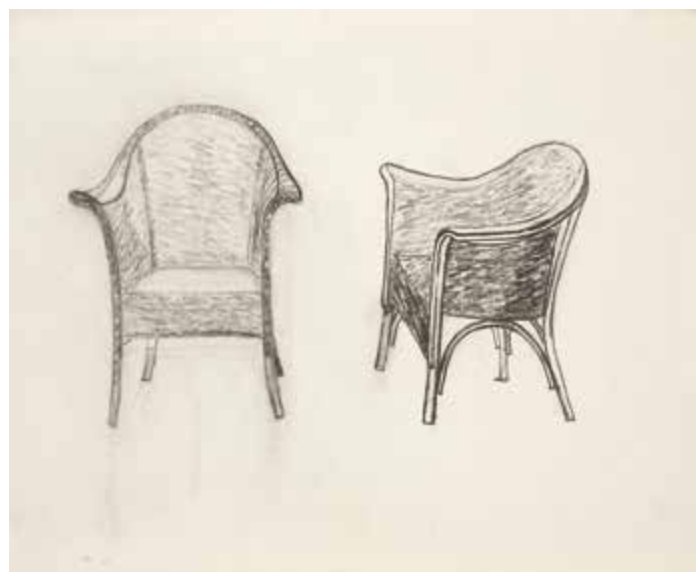




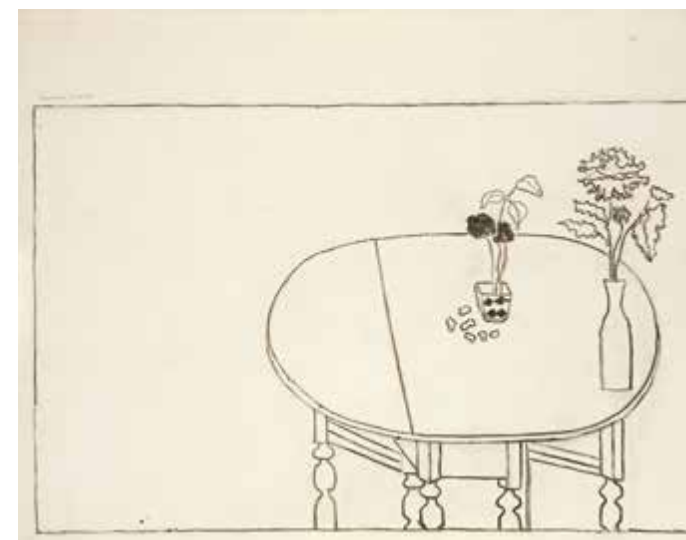
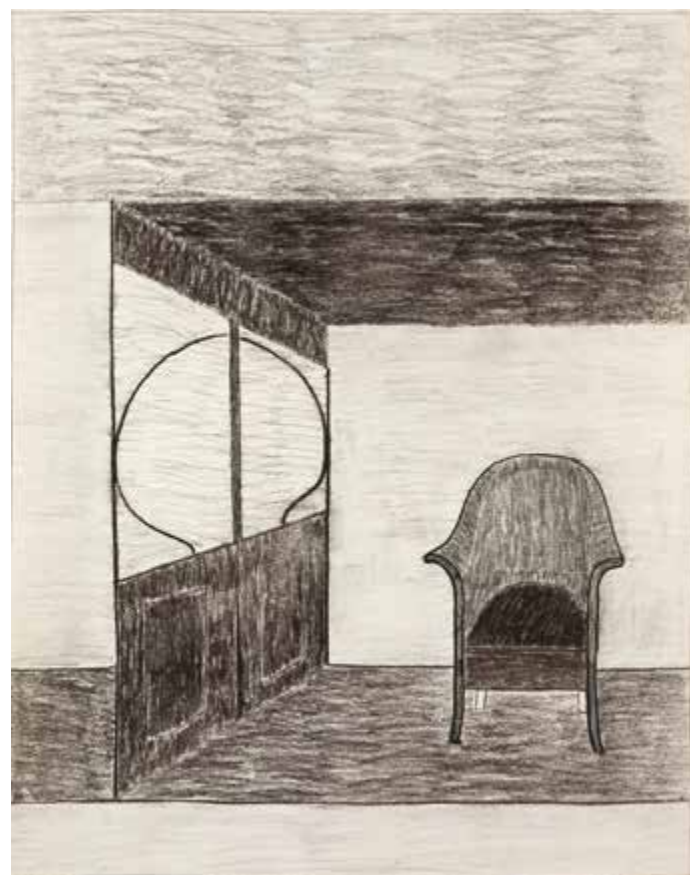
**153** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
Cadeira - 50 x 56 cm  
Cadeira - 56 x 67 cm



**155** ELEONORE KOCH  
carvão e colagem sobre papel  
Cadeira - 37 x 32 cm  
Cadeira - 42 x 37 cm



**154** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
Cadeiras - 50 x 62 cm  
Cadeira - 70 x 55 cm



**156** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1964/71  
Mesa com Plantas - 50 x 65 cm  
Mesa - 52 x 66 cm



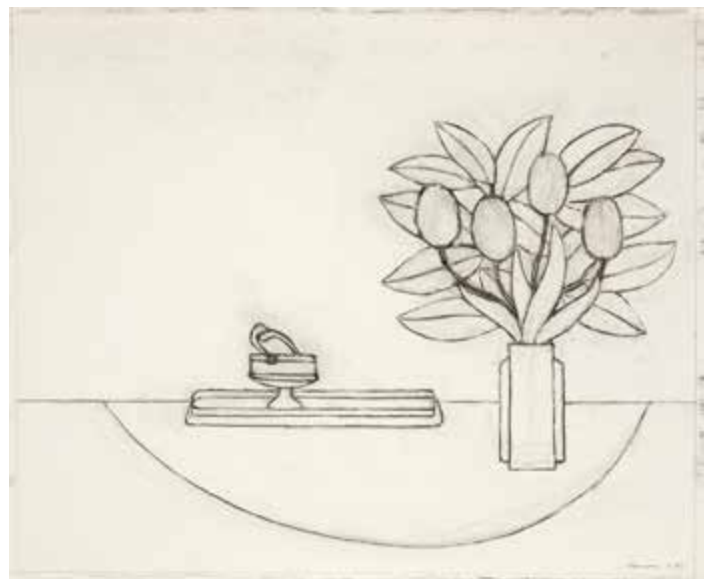
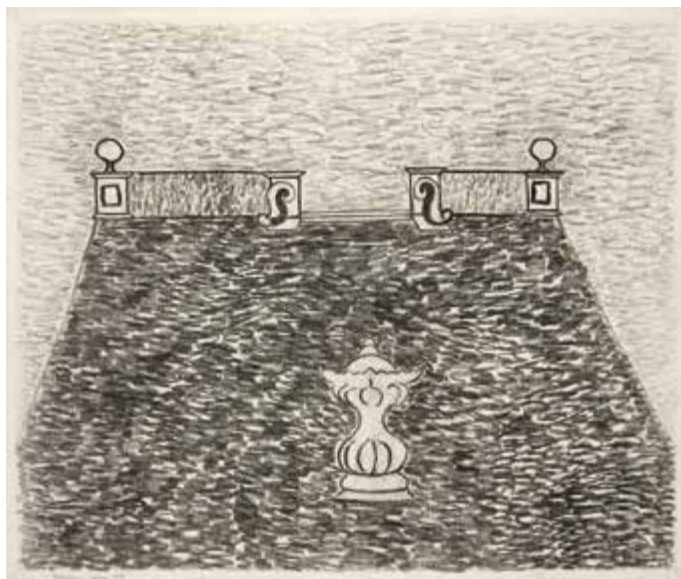




**157** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1963  
Bule - 50 x 61 cm  
Mesa e cadeira - 50 x 67 cm



**159** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
1972  
Bule e vaso de flores - 45 x 64 cm  
Bule - 61 x 50 cm

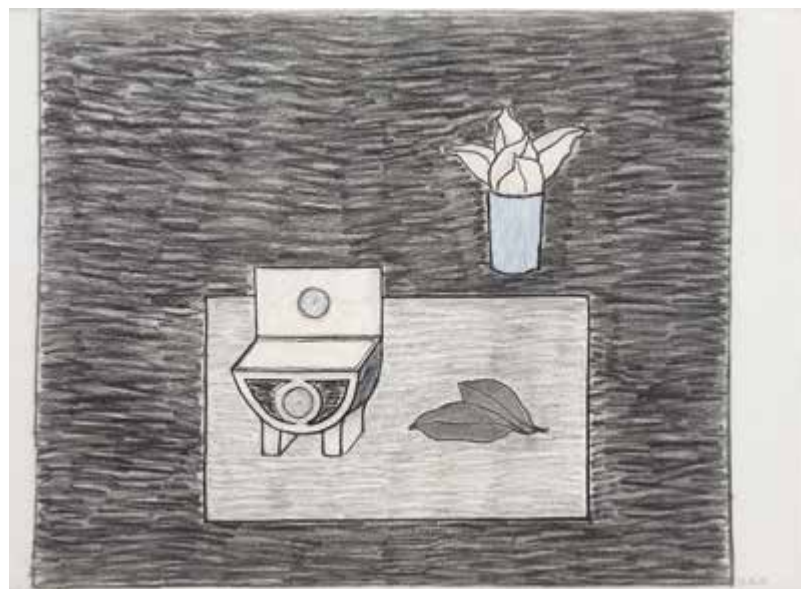


**158** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1970/84  
Sem Título - 48 x 56 cm  
Vaso de Flores - 50 x 60 cm

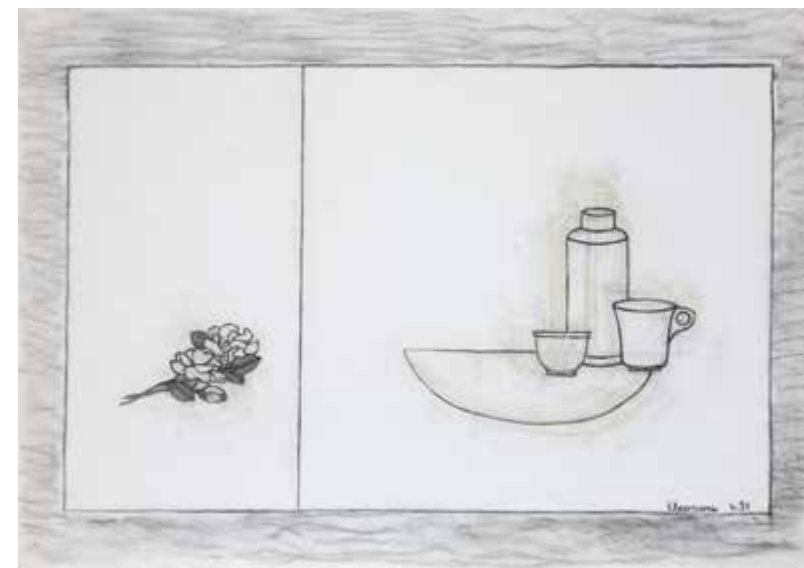


**160** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1981  
Vaso de Planta - 76 x 55 cm  
Flores - 82 x 54 cm





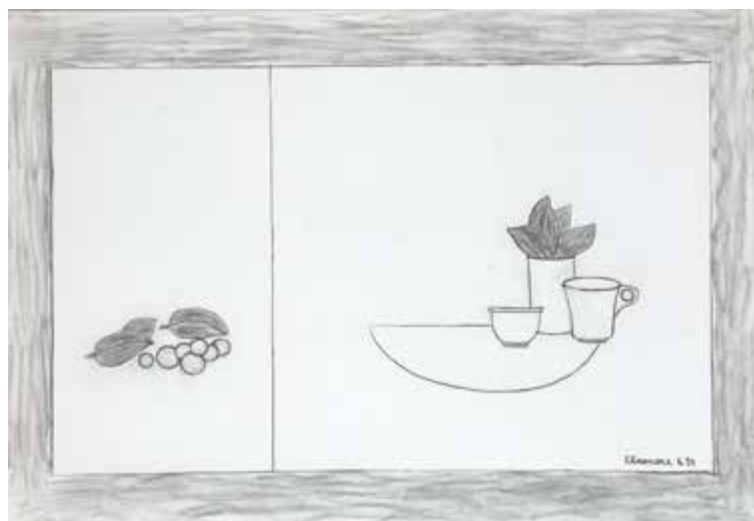
**161** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1989  
Vaso com planta - 55 x 75 cm  
Vaso com planta - 75 x 55 cm



**163** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1965/91  
Objetos e flores - 66 x 96 cm  
Vaso de planta - 65 x 46 cm



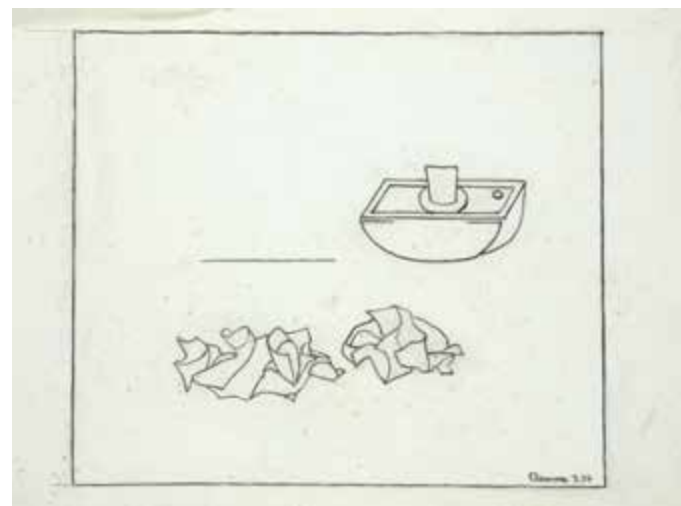
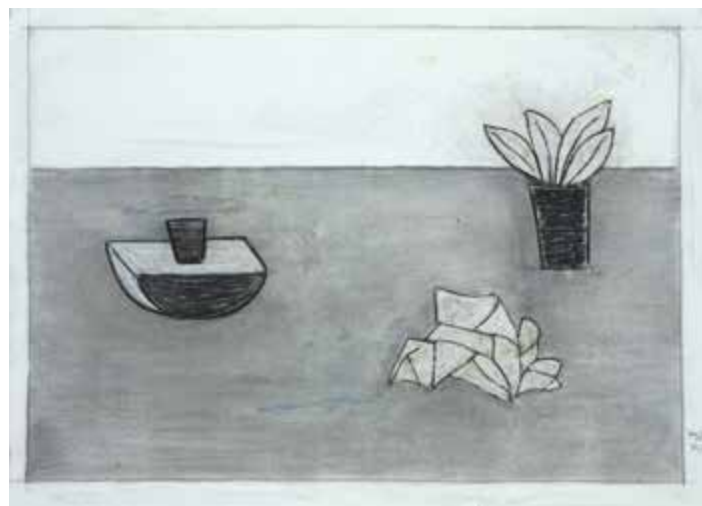
**162** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
ass. inf. dir.  
1991  
Bule - 50 x 60 cm  
Objetos e frutas - 66 x 96 cm



**164** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1969/90  
Sem Título - 50 x 65 cm  
Vaso com planta - 55 x 75 cm

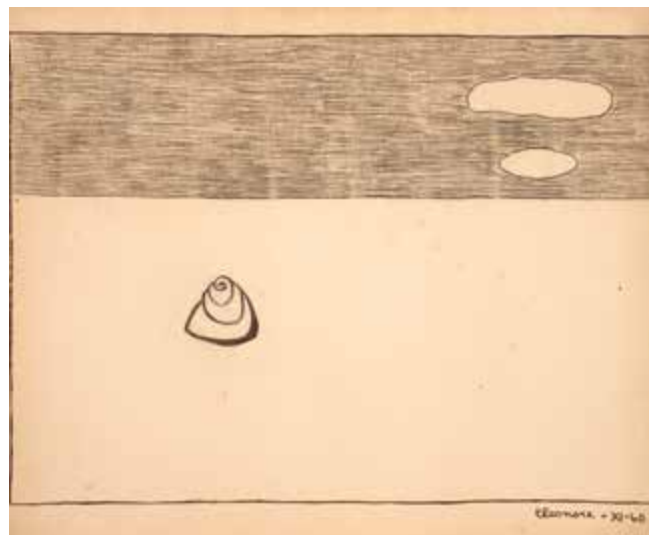
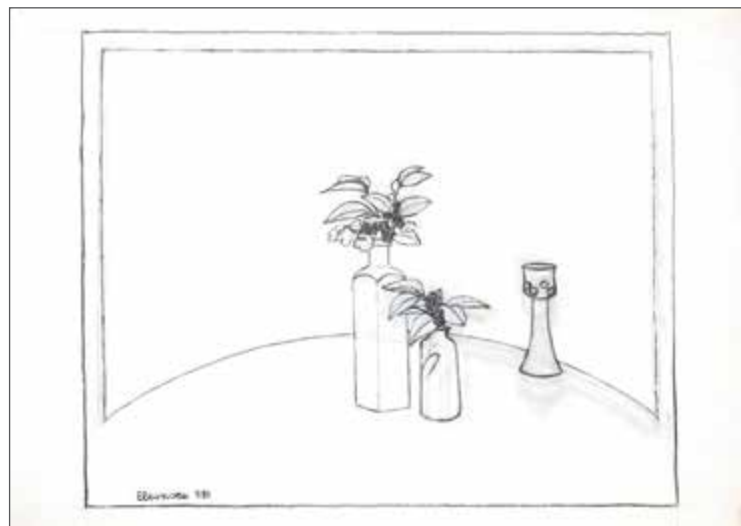






**165** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1997/98/99  
Papel amassado, mata borrão e vaso com planta - 50 x 70 cm  
Papel amassado e mata borrão - 56 x 76 cm

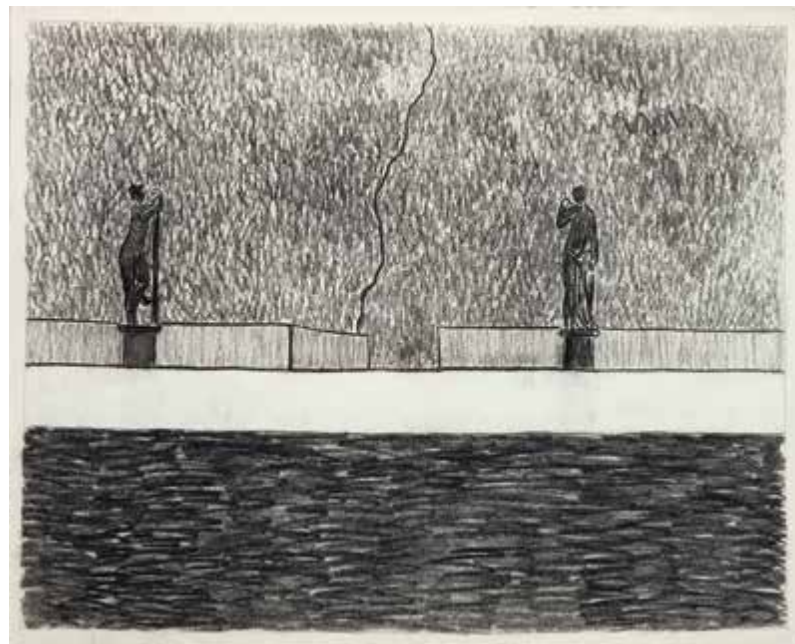
**167** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1961/90  
Vaso com planta - 55 x 75 cm  
Cadeira - 64 x 77 cm



**166** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1963/81  
Garrafa com planta - 55 x 77 cm  
Mesa - 68 x 84 cm

**168** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1960/89  
Plantas - 55 x 76 cm  
Concha - 70 x 87 cm

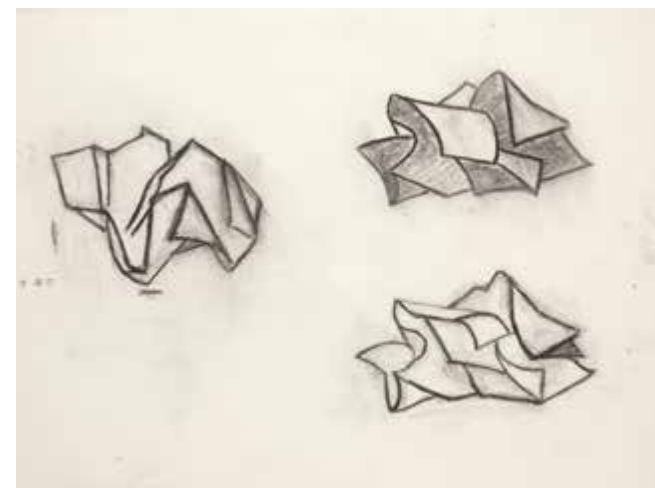
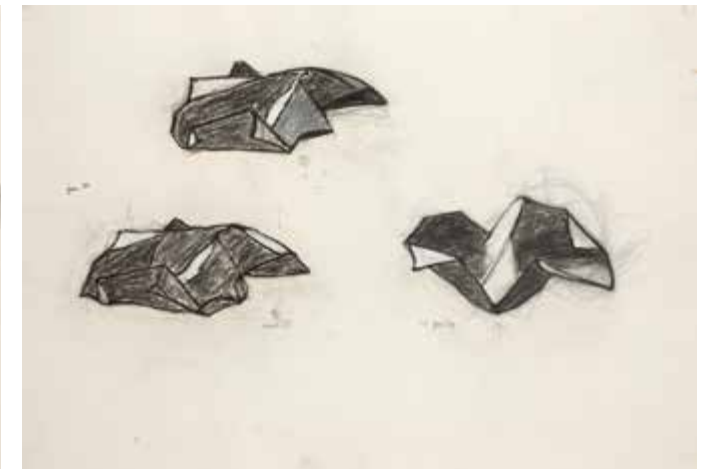
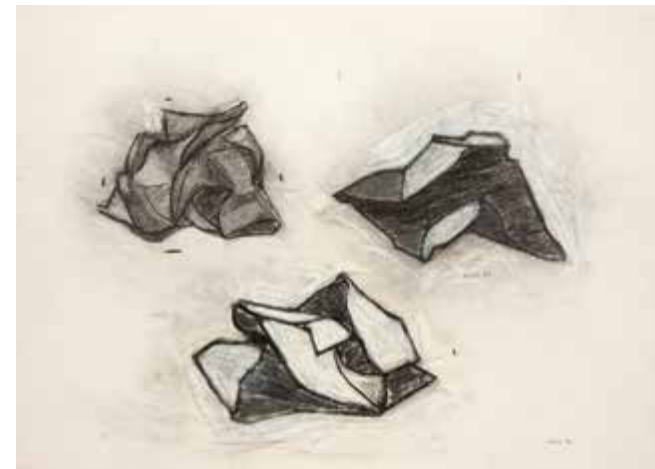
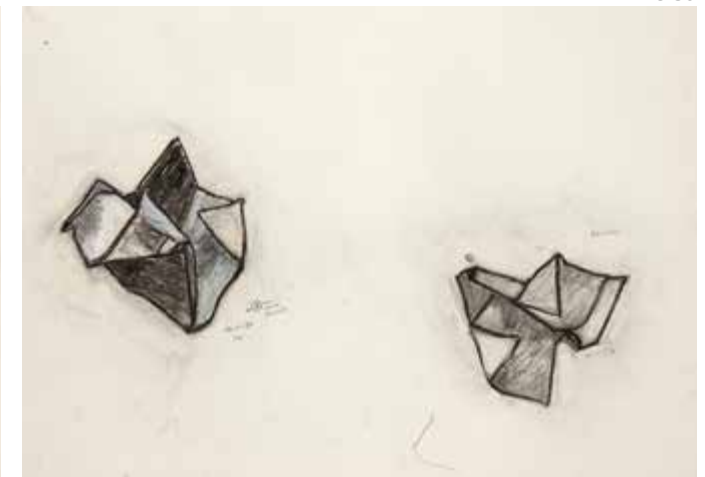
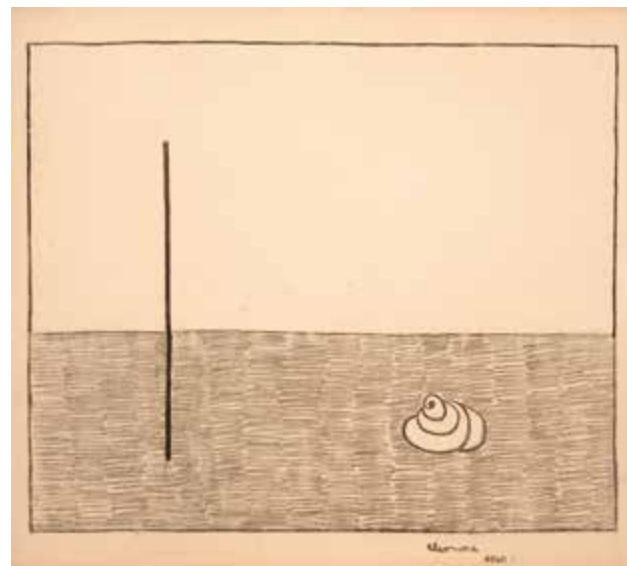




**169** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
ass. inf. dir.  
1991  
Duas Estátuas - 51 x 65 cm  
Garrafa e Xíxara - 62 x 45 cm

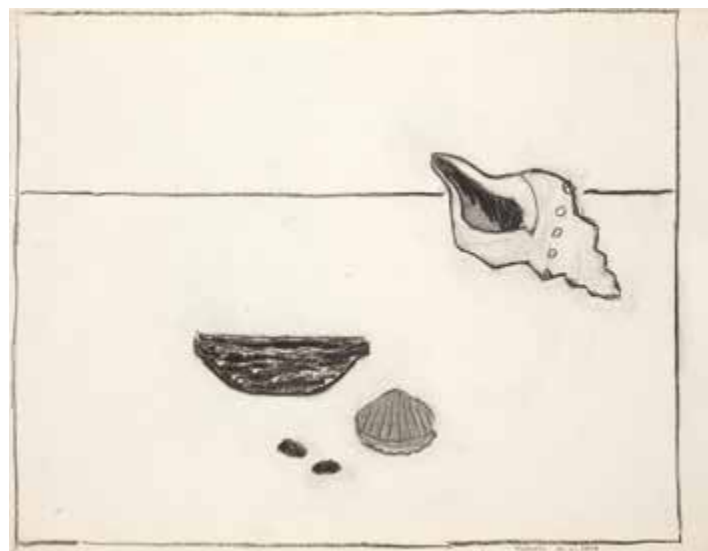


**170** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1960/84  
Vaso de flores - 55 x 75 cm  
Concha - 70 x 77 cm

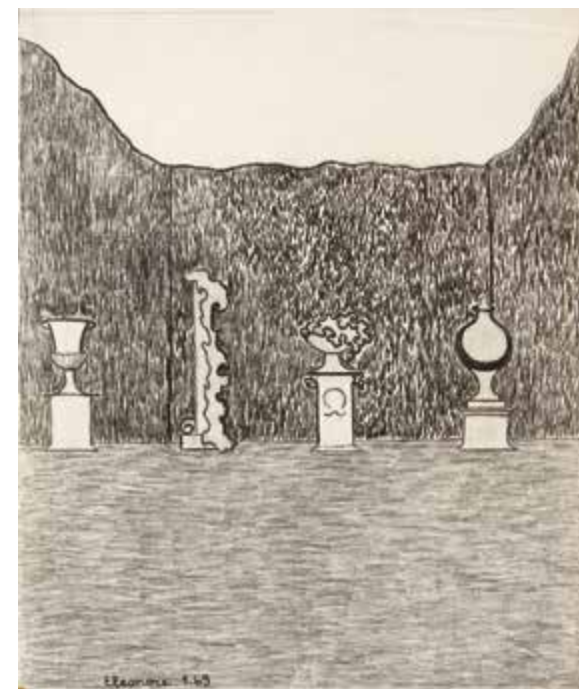
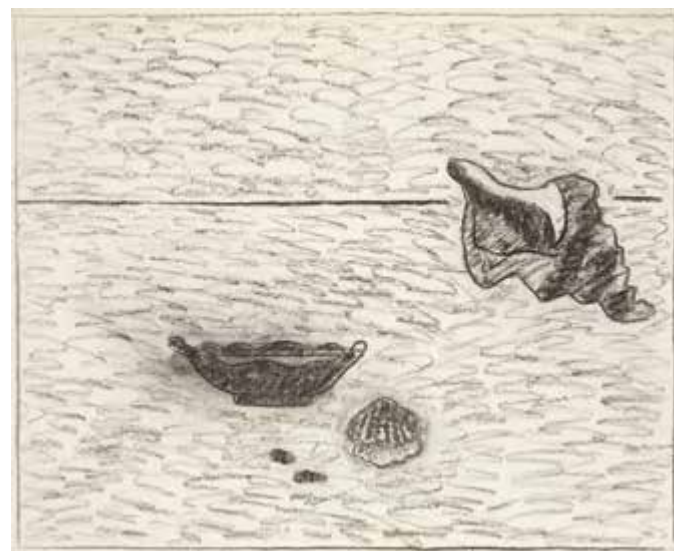


**171** ELEONORE KOCH  
*Estudo para Papel Amassado*  
carvão sobre papel  
assinado  
déc. 1990  
Papel 1 - 42 x 60 cm (frente e verso)  
Papel 2 - 42 x 59 cm (frente e verso)  
Papel 3 - 45 x 63 cm  
Papel 4 - 45 x 62 cm





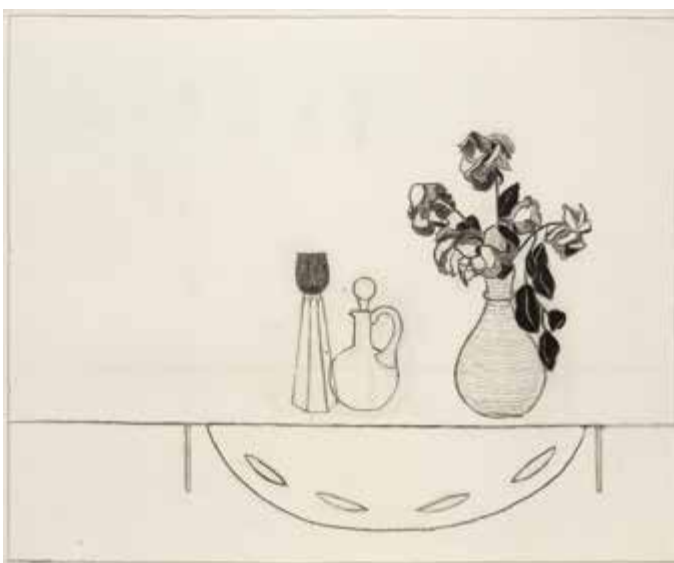
**172** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1974  
Concha - 50 x 62 cm  
Concha - 50 x 65 cm



**174** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1969  
Três Vasos - 60 x 50 cm  
Sem Título - 63 x 50 cm



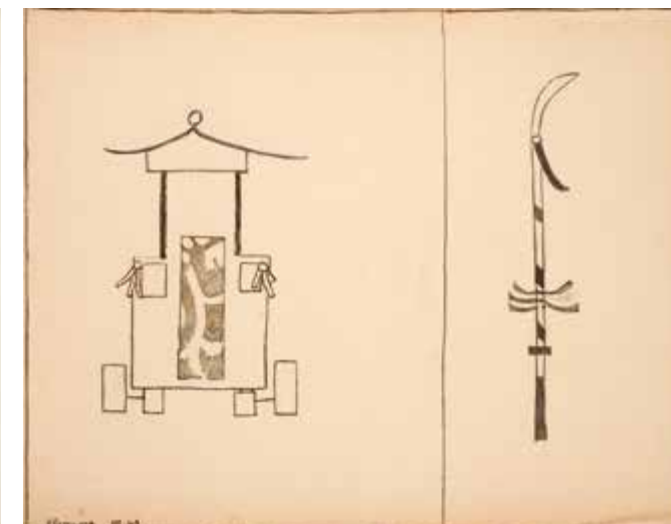
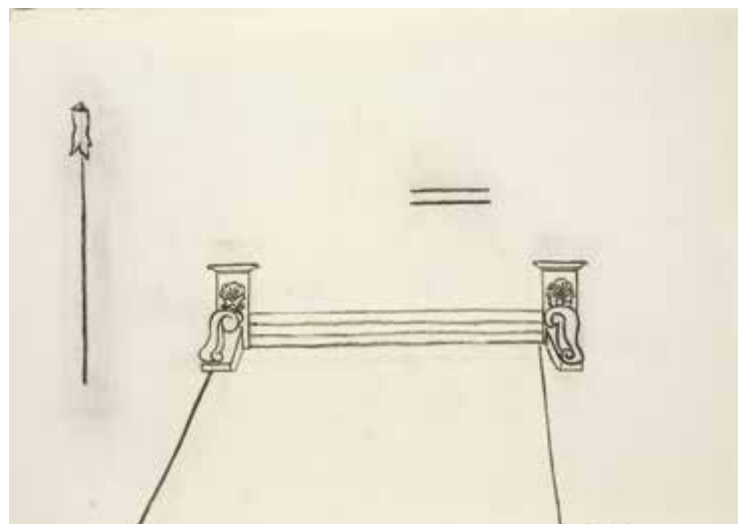
**173** ELEONORE KOCH  
50 x 62 cm (cada)  
carvão sobre papel  
assinado  
1975



**175** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1972  
Estátua - 37 x 46 cm  
Sem Título - 70 x 50 cm







**176** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1968/72  
Sem Título - 46 x 65 cm  
Estátua - 50 x 62 cm

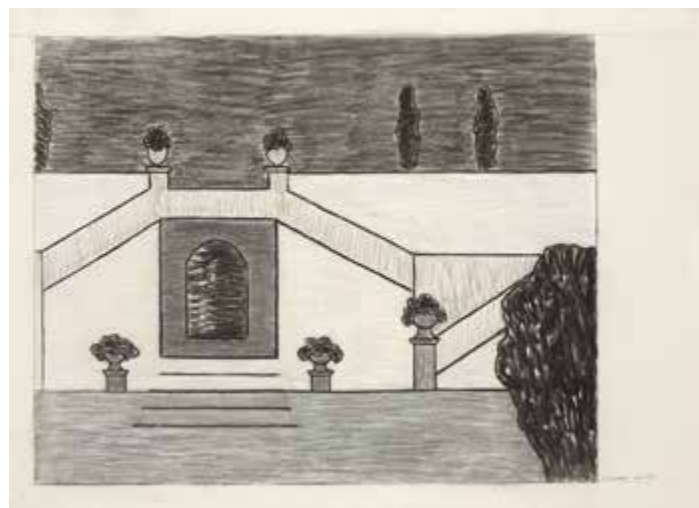
**178** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1961/83  
Árvore - 56 x 75 cm  
Sem Título - 60 x 75 cm



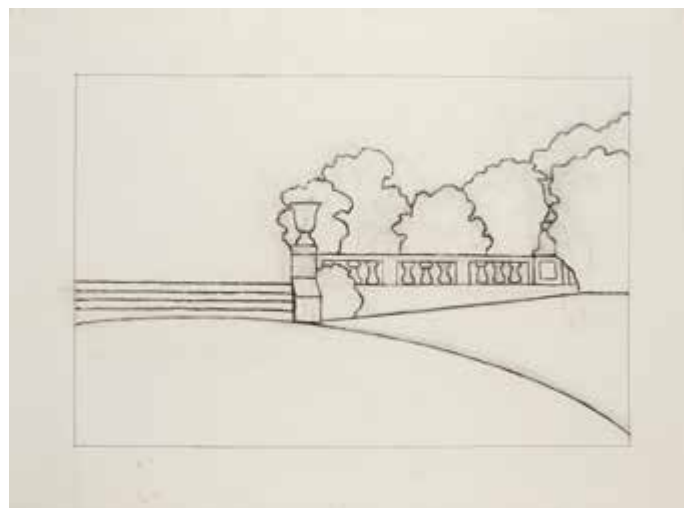
**177** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1057/69  
Totem e vaso - 50 x 62 cm  
Sem Título - 50 x 60 cm

**179** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1976 e 83  
Árvore - 55 x 75 cm  
Farol - 60 x 55 cm





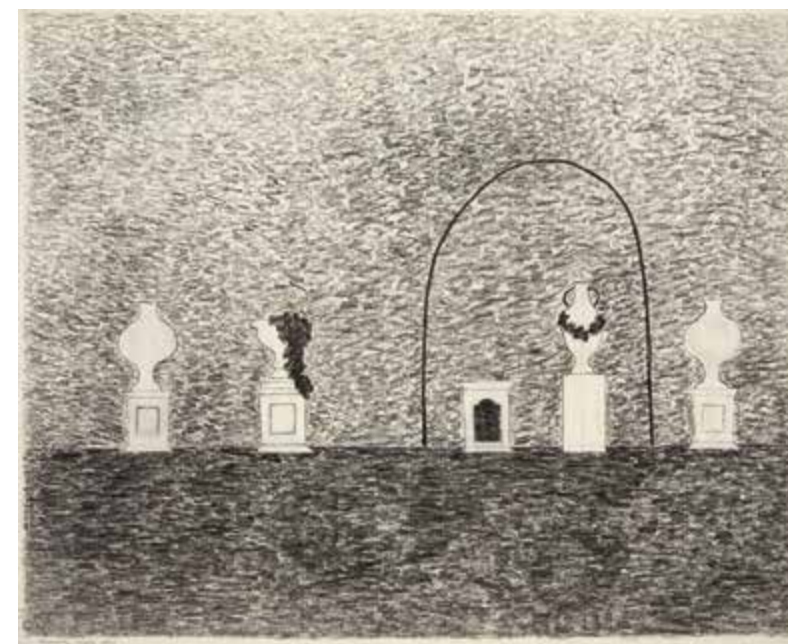
**180** ELEONORE KOCH  
55 x 75 cm (cada)  
carvão sobre papel  
assinado  
1988



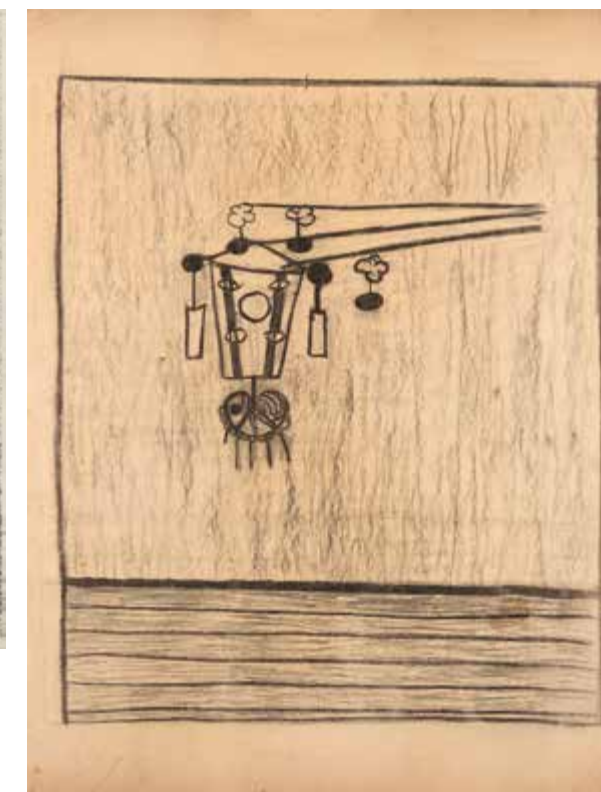
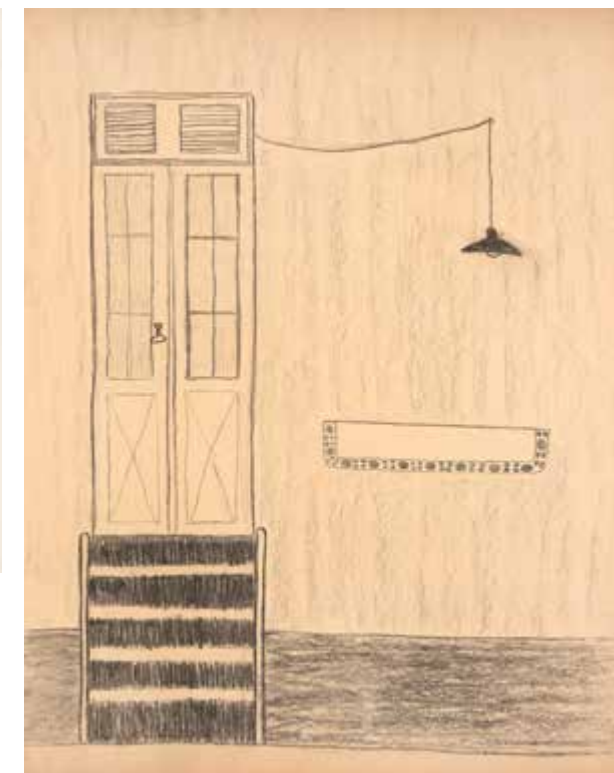
**181** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1963  
Sem Título - 50 x 62 cm  
Cadeira - 67 x 50 cm



**182** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1988  
Escada - 55 x 75 cm  
Porta - 65 x 50 cm



**183** ELEONORE KOCH  
carvão sobre papel  
assinado  
1970  
Quatro Vasos - 50 x 60 cm  
Sem Título - 70 x 50 cm







**184** ALFREDO VOLPI  
*Retrato de Eleonore Koch*  
grafite sobre papel  
33 x 23 cm  
ass. inf. esq.



**185** ANA MARIA PACHECO  
*Sem Título*  
técnica mista sobre papel  
18 x 16 cm  
assinado  
1982



**186** PAUL RUEGG  
*Paisagem*  
guache sobre papel  
13 x 18 cm  
ass. inf. esq.



**187** CAVALETE E BANCO  
madeira  
medidas divesas



**188** OLYMPIA  
*Máquina de Escrever*  
objeto  
17 x 31 x 32 cm  
Manufatura Olympia  
Werke Ag. Wilhelmshaven -  
Made in Western Germany.





## CRONOLOGIA

Eleonore Koch  
**Foto:** Luciano Momesso

- 1926** - Nasce Eleonore Koch em Berlim.
- 1936** - Muda-se para o Brasil.
- 1944** - Estuda com Elisabeth Nobiling e Yolanda Mohaly.
- 1949** - Estuda em Paris com Robert Coutin e Arpad Szenes.
- 1951** - Participa da 1ª Bienal de São Paulo.
- 1952** - Ganhou medalha de prata no “Salão Paulista de Arte Moderna”.
- 1953** - Estuda no estúdio de Alfredo Volpi.
- 1953** - Medalha de bronze no “1º Salão de Agosto do Instituto Israelita Brasileiro”.
- 1953** - Participa da 2ª Bienal de São Paulo.
- 1955** - Participa da 3ª Bienal de São Paulo.
- 1956** - Participa da exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- 1957** - Participa da 4ª Bienal de São Paulo.
- 1959** - Participa da 5ª Bienal de São Paulo.
- 1960** - Muda-se para o Rio de Janeiro e expõe na Petite Galerie.
- 1961** - Participa da 6ª Bienal de São Paulo.
- 1962** - Viaja para Europa.
- 1963** - Participa da 7ª Bienal de São Paulo.
- 1964** - Expõe na Galeria Sera, São Paulo.
- 1965** - Expõe na Galeria Goeldi, Rio de Janeiro.
- 1965** - Participa da 8ª Bienal de São Paulo.
- 1966** - Participa da exposição coletiva na Mercury Gallery, Londres.
- 1967** - Participa da 9ª Bienal de São Paulo.
- 1968** - Muda-se para Londres e participa da exposição coletiva na Redmark Gallery.
- 1970** - Expõe na Portal Galeria, São Paulo.
- 1972** - Expõe na Rutland Gallery, Londres.
- 1978** - Expõe na Campbell & Franks Fine Art, Londres.
- 1981** - Participa da exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- 1985** - Expõe na Galeria Arco Arte Contemporânea.
- 1989** - Volta a viver no Brasil.
- 1990** - Expõe na Galeria Sylvio Nery, São Paulo.
- 1999** - Participa do VI Salão de Arte do Clube A Hebraica.
- 2004** - Participa da exposição “Coleção Theon Spanudis”, Centro Universitário Maria Antonio, São Paulo.
- 2009** - Participa da exposição “Eleonore Koch, mundo ordenado”, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo.
- 2018** - Falece em São Paulo.



a primeira exposição dos quadros de eleonore realizou-se em 1952, em são paulo, após oito anos de formação junto a artistas daqui e rio de janeiro, e compreendia trabalhos feitos durante os dois anos de viagens e estudos que acabava de passar na europa, afim de aperfeiçoar a sua técnica de pintura, desenho e escultura.

essa permanência no estrangeiro confirmou a sua resolução de dedicar-se apenas à pintura, na qual vem realizando tentativas e trabalhos desde aquela época.

a atual exposição de eleonore inclui pinturas mais recentes, que buscam expressão através de novas pesquisas nos campos do colorido harmonioso ou dissonante, da forma e da organização dos planos.

dia 20 de setembro  
às 18 horas e 30

exposição de pintura  
eleonore koch



## ELEONORE KOCH

pinturas  
22 de outubro às 21 hs

22 de outubro a 14 de novembro 1985  
2.ª/6.ª das 12/20 hs. sáb. 11/14 hs.  
alameda tietê 46  
01417 são paulo sp. brasil

ARCO

arte contemporânea

IMPRESSO

## ELEONORE KOCH

GALERIA XETA

eleonore koch nasceu com o dom muito raro e muito excepcional de uma grande colorista. ela soube aproveitar e cultivar este raro presente dos deuses com muitos anos de aprendizagem e de trabalho sistemático e silencioso. hoje ela é uma grande pintora. em sua pintura os coloridos não são apenas belos e expressivos, mas ao mesmo tempo estruturais. ela constrói o quadro pelos coloridos. nos últimos anos houve uma transformação em sua pintura. um amadurecimento lento e silencioso. os seus coloridos tornaram-se mais profundos, mais misteriosos, mais expressivos, como que filtrados pelas emoções e experiências humanas, mas sem perder o seu caráter essencialmente estrutural. eles não são somente preciosos e decorativos como antigamente. viraram mais maduros e mais humanos. não há necessidade louvar o seu profundo senso de colorido excepcional, o seu senso caligráfico de objeto, as distâncias sensivelmente calculadas, os belos e silenciosos ritmos. as obras falam sôzinhas e põem em evidência as suas profundas e humanas qualidades.

theon spanudis

rua antônio carlos 282, são paulo 3 brasil

25 novembro 1964





Exhibition February 3rd for 3 weeks  
**PORTAL GALLERY**  
 16A Grafton Street, Bond Street, W.1

**ELEONORE'S GARDENS**  
 Eleonore invents lonely gardens and distant parks. No living man enters these unapproachable dreams of transparent colours. No bird flies there. Only the remains of former life stand lost in the uncertain green: a garden chair, bare arches, an overgrown monument, a dark banner still hangs in the icy air.  
 If you look through a telescope into the distance you see a strange faraway world that seems unreal and without depth. The perspective disappears, only the chance constellation of single objects in space remains. These objects are perhaps the props that belonged to a play which was shown here a long time ago. You are not sure, what sort of entertainment it was, a comedy perhaps or a formal dance, but hardly a tragedy. The players have gone and the spectators have dispersed. It has become quiet, so quiet, that it might occur to you that none of them was still alive and that nobody might be left who could remember anything about the strange happenings which took place in these mysterious gardens.  
*Rolf Brandt*



Recent Paintings

**ELEONORE KOCH**

3rd—18th November, 1976  
 Weekdays 10-5 Saturdays 10-1

**RUTLAND GALLERY**  
 32a St. George Street,  
 London W1.  
 Telephone (01) 499-5636

*See also for Catalogue*

Exhibition of Recent Paintings and Pastels

**ELEONORE KOCH**

8th - 25th November 1972

Weekdays 10.00 to 5.30 Saturdays 10.00 to 1.00

**RUTLAND GALLERY**  
 29 Bruton Street, London W.1. Tel. 01-629 0303

**CAMPBELL & FRANKS (fine arts) LTD.**  
 37 New Cavendish Street, London W.1. 01-486 1456.

**ELEONORE KOCH**  
 Works on Paper

Private View Wednesday 6 September 6.00-8.30pm

7-23 September 1978 daily 10.30-5.30 saturdays 10.30-1.00

Illustration: Low Tide (pastel) 19"x24"

**Arts Review**  
 Volume XXX No 18  
 15 September 1978

Eleonore Koch Campbell & Franks These pastels are simplified still lifes; both the 'simplification' and the approach to the genre are personal and meaningful. Eleonore Koch places small or medium-sized objects against large expanses of textured colour; the colours are all different and the objects are reticent, and never those of the conventional still life. There is a table with a dove; the bird, as the title says, is 'invading my still life'. There are empty chairs, but they are not spiritually empty. One painting is called *Stops nowhere*: they may be 'nowhere' to those who can't see, but they are certainly 'somewhere' to the artist.  
*Barbara Wright*

**A pintura de Eleonore Koch**  
 Theon Spanudis

Os coloridos de Eleonore são sugestivos além do assunto apresentado. Um verde, por exemplo, de paredes e chão de um dos seus quadros sugere todo o verde da vegetação, principalmente o verde claro e leve da vegetação primaveril. Um chão azul escuro de um quarto, um outro trabalho seu, sugere todo o azul misterioso da profundidade do mar. Os seus coloridos transcendem o assunto apresentado. A sua pintura tem algo de muito precioso no bom sentido. Cada quadro é como que uma revelação secreta da beleza do existente. Algo de misterioso, místico e revelatório emana das suas telas. Por isto também a produção esparsa. Porque cada quadro é de uma densidade emocional, simbólica e revelatória extraordinária. Esta pintura não é de gosto de qualquer um. Não é pintura de moda e dos -ismos. Nada de malabarismos declamatórios e exibicionismos habilidosos. Ela não tem nada de grandiloquente. Sua pintura é como música de câmara. Mas extremamente densa e rica dentro do seu silêncio proposital. É uma pintura interiorizada, misteriosa, visionária, extremamente densa e festiva: Uma pintura exaltada e luxuosa, apesar nos seus esparsos meios pictóricos. Uma pintura hínica. Ela canta quase que num sentido de elevação dionisiaca a beleza mística e misteriosa do existente. Uma rara pintura. Cheia de requintes luxuosos. Originalíssima e estranha em sua simplicidade tão densa e significativa.




Livro: Arte Transcendente  
 MAM-SP  
 1981  
 40 páginas



Livro: Eleonore Koch, mundo ordenado  
 Centro Universitário Maria Antonia  
 2009  
 64 páginas



Livro: Lore Koch  
 Paulo Venancio Filho  
 2013 - Editora Cosac Naify  
 264 páginas





**REALIZAÇÃO**

James Lisboa Leiloeiro Oficial

**LEILOEIRO**

James Lisboa - JUCESP Nº 336

**AGRADECIMENTO**

Mauricio Faragone

**TEXTO**

Paulo Venancio Filho

**PROJETO GRÁFICO**

Ariel From

**FOTO DA ARTISTA**

Luciano Momesso

Arquivo da Família

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Jamal Jamil El Kadri

**EQUIPE JAMES LISBOA**

Acacio Lisboa

Alex Moreto

Ariel From

Erika Lobo

Katia Fonseca

Leticia Pereira

Liana Vittuzo

Lila Mui

Luiz Nobrega

Marisa de Oliveira

Pedro Thiago

Renata Lisboa

Ricardo Amaro

Sheila Pala

Shirley Pereira

[www.leilaodearte.com](http://www.leilaodearte.com)

Todos os esforços foram feitos para localizar e contatar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui publicadas.



# REGULAMENTO DO LEILÃO

1. Os organizadores diligenciaram com esmero e cuidado a elaboração do catálogo, procurando descrever as obras a serem apreçadas com a maior veracidade de detalhes possível;
2. O leiloeiro James Lisboa examinou todas as obras e se responsabiliza por suas autenticidades;
3. Em hipótese de divergências quanto a autenticidade de qualquer peça arrematada, desde que baseadas em laudo firmado por perito idôneo, poderá o arrematante requerer a anulação da compra, em prazo de até 3 (três) meses a contar da data em que ocorreu o leilão;
4. As obras apresentadas no pregão são de propriedade de terceiros, e suas vendas se dão nas condições em que se encontrarem pela época do evento, sendo que, por isto, solicitamos que se procedam os exames necessários antes do arremate, uma vez que não serão aceitas desistências por alegações de má conservação ou similares, após efetuado;
5. As obras ficarão expostas para apreciação na R. Dr. Melo Alves, nº 397 de 05 à 11 de Novembro de 2018, das 10h às 19h. No dia 12 de Novembro, das 10h às 17h. **No dia do pregão, as obras somente serão apresentadas por projeção, a apreciação das mesmas será feita somente durante a exposição;**
6. O Leilão ocorrerá no dia 12 de Novembro de 2018 às 20:30h, na Rua Dr. Melo Alves, 397 - Cerqueira Cesar / SP.
7. Todos os lotes estão sujeitos a um preço mínimo indicado pelo proprietário, que poderá licitar pessoalmente ou através de representante;
8. O leiloeiro poderá receber ordens de compra com limites máximos indicados pelos interessados. Nesse caso um funcionário devidamente credenciado ficará incumbido de licitar até tal patamar;
9. No ato do arremate, o arrematante deverá arcar:
  - a) Com montante correspondente a 5% (cinco por cento) do total do valor de arremate do lote a título de comissão do leiloeiro, legalmente devida pelo arrematante conforme artigo 24 da lei 22.427, e que corresponde a pagamento apartado ao do lote;
  - b) Com montante correspondente a 30% (trinta por cento) do total do valor de arremate do lote a título de sinal;O valor remanescente, correspondente a 70% (setenta por cento) do valor total de arremate do lote, deverá ser pago pelo arrematante no ato da retirada da peça arrematada.
- 9.1. Em qualquer hipótese de não concretização do pagamento de qualquer dos valores acima, seja do arremate ou seja da comissão legal devida ao leiloeiro, o próprio, o consignatário ou o consignante da coisa vendida poderão, em conjunto ou separadamente:
  - a) Considerar desfeita a venda e executar judicialmente o arrematante para cobrar o valor do sinal, a título de multa compensatória e perdas e danos, e a comissão do leiloeiro, com correção monetária, juros e demais acessórios;
  - b) Judicialmente o arrematante, pelo total do preço da arrematação somado ao da comissão legal devida ao leiloeiro, com correção monetária, juros e demais acessórios pertinentes;
  - c) Sacar letras de câmbio para pagamento à vista contra o arrematante, respeitado os valores devidos, assim como tomar todas as medidas administrativas cabíveis contra o mau pagador.
10. O arrematante deverá retirar a obra arrematada na Rua Dr. Melo Alves, nº 397, em no máximo 2 dias após o evento, sendo que, a não retirada neste prazo será tomada como desistência, e os valores já pagos, seja a título de sinal seja referente à comissão do leiloeiro, serão perdidos; Se o arrematante não tiver pago o sinal, nem a comissão do Leiloeiro, será passível de competente execução dessas quantias, aplicável ao disposto na letra "a" do contexto da cláusula 9ª deste regulamento.
11. Qualquer litígio proveniente do leilão ficará subordinado à legislação brasileira, e a jurisdição dos tribunais da Cidade de São Paulo, qualquer que seja o domicílio das partes. Casos omissos serão regulados pela legislação pertinente, e em especial pelo decreto 22.427/33 e suas disposições complementares.





Eleonore Koch e Alfredo Volpi

